



Ano XXVII

RAÍZES

52

São Caetano do Sul | Dezembro de 2015





**FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA**
HÁ **24 ANOS** PRESERVANDO
SUA HISTÓRIA





Nossa Capa

Paula Fiorotti

O momento é crítico. Instrumentos posicionados e esterilizados, luvas calçadas, jalecos vestidos. O paciente aguarda na maca, já sedado. A continuidade de sua existência, a partir daquele momento, está nas mãos habilidosas de um profissional que luta diariamente pela preservação da vida.

Pediatras, otorrinolaringologistas, ginecologistas, ortopedistas ou cirurgiões. Não importa a especialidade e nem mesmo a complexidade do agravo à saúde do paciente. Em uma mesa de cirurgia ou em um consultório, esses profissionais conhecem o corpo humano como ninguém. Atuando no diagnóstico, no tratamento, na reabilitação e na prevenção de enfermidades, salvam vidas, têm orgulho do que fazem e amam sua profissão. Muitos ainda vão além, promovendo estudos, pesquisas, desenvolvimento e promoção da saúde.

A capa desta edição de *Raízes* apresenta um dos momentos de mais fragilidade de um paciente (em fotografia do acervo do Centro de Documentação Histórica), totalmente entregue aos cuidados de uma equipe médica, demonstrando o quanto as pessoas dependem e, ao mesmo tempo, confiam nos profissionais da medicina. Aproveitamos, assim, para ressaltar a importância da relação médico-paciente. Nestes tempos de grandes avanços econômicos e tecnológicos, vamos praticar a ciência, mas sem deixar de lado a medicina humanizada, promovendo uma assistência de qualidade e com amor ao próximo.

PAULA FIOROTTI

É FORMADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, COM ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA FACULDADE CÁSPER LÍBERO E EM GESTÃO DE PATRIMÔNIO E CULTURA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO. É JORNALISTA RESPONSÁVEL DA REVISTA RAÍZES E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA.

RAÍZES

Ano XXVII – Número 52
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Dezembro de 2015

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul – SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

PREFEITO MUNICIPAL Paulo Pinheiro

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA
Jander Cavalcanti de Lira
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
COORDENAÇÃO GERAL
Sonia Maria Franco Xavier

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Paula Fiorotti (Mtb. 28.927)
EDIÇÃO E REVISÃO
Cristina Toledo de Carvalho
Marília Tiveron
Paula Fiorotti

CONSELHO EDITORIAL
Sonia Maria Franco Xavier (presidente)
Antônio Reginaldo Canhoni
Cristina Toledo de Carvalho
Fernando Scarmelloti
Francisco José Gripp Bastos
Humberto Domingos Pastore
Isabel Cristina Ortega
Jander Cavalcanti de Lira
João Alberto Tessarini
Marília Tiveron
Mário Porfírio Rodrigues
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior
Paula Ferreira Fiorotti
Renato de Alencar Dotta
Roberta Sernagiotto Soares

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Roberta Giotto

SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL
Cristina Toledo de Carvalho
Mariana Zenaro
Marília Tiveron
Neusa Schilaro Scaléa
Priscila Gorzoni
Talita Scotá Salvatori

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO
E RESTAURAÇÃO DE IMAGENS

Antonio Reginaldo Canhoni
APOIO À PESQUISA ICONOGRÁFICA

Jussara Ferreira Muniz
Monica Iafrate
CTP E IMPRESSÃO
Gráfica Art Graphic

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Lidar com o patrimônio de uma comunidade é gratificante. É interagir com sua gente, com sua cultura, e sempre descobrir as representações simbólicas que a compõem, encontrando inúmeros temas ainda ricos em informações e com muito para ser revelado. Esta é nossa proposta: disponibilizar, da melhor maneira possível, as histórias que enriquecem o nosso processo de formação e desenvolvimento.

Neste número, optamos por desvendar um pouco de nossa cidade pelo universo da saúde. Foram pesquisados documentos do início do século 20, acervo das primeiras sociedades beneficentes, e tais informações são apresentadas de modo a revelar o cenário da época, com suas características e peculiaridades. A história da formação e instalação do Hospital Bartira, nosso primeiro hospital; a criação e construção do Hospital Beneficente São Caetano, por meio de relatos emocionantes sob a óptica de quem testemunhou e atuou em todo o seu processo; depoimentos de vários médicos, protagonistas dessas histórias, que enriqueceram esta pesquisa com suas narrativas e experiências de trabalho; a formação da entidade representativa da classe médica - Associação Paulista de Medicina (APM); e ainda um relato sobre a medicina e seus símbolos. Essas reportagens formam o *Em Foco*, extensa pesquisa sobre o mesmo tema, nesta publicação.

Memória traz histórias nostálgicas sobre a Casa Laranjeira, estabelecimento que comemora 65 anos de atividades com características bastante significativas ao estilo de vida da cidade, narradas por um filho da casa, que há muito participa do comércio. Outro tema abordado de forma bastante esclarecedora são as orquestras e grupos musicais, com suas apresentações nos diversos clubes sociais. Há ainda agradáveis lembranças

sobre os atores das radionovelas e sua importância no convívio familiar, nos idos de 1950, além de aposentados da General Motors, integrantes do Clube dos 30, que confidenciam aspectos da boa convivência dentro e fora da fábrica, e da família Locatelli, que relata sua ligação não só com a cidade, mas também com a família de Guido Aliberti.

Na seção *Personagens*, três nomes são lembrados: Mário Dal'Mas, autonomista, poeta, ator e *doutor honoris causa* pela Universidade de São Caetano do Sul (Uscs); padre Raul, filho desta cidade, com uma vida inteira dedicada ao próximo, e Maria Brasilina Barile, arquétipo de mãe. A justa homenagem ficou registrada a Samuel Klein, cuja história de perseverança e sucesso no comércio ecoa em meio ao legado direto e indireto deixado para São Caetano.

Vários artigos enriquecem esta publicação: *A ditadura militar e o senso comum em São Caetano do Sul*, A. A. *São Bento: o alviceleste que fez história na elite do futebol paulista*, *Curandeiro Vicente e a contribuição da colônia portuguesa*, figura marcante em nossa história, *Arte e saúde e saborosas crônicas*.

Vale um agradecimento a todos os articulistas deste exemplar, que se dispuseram a emprestar seu talento por intermédio de artigos e informações que dizem respeito à cidade ou à região. Esta edição motivou, sobremaneira, o Conselho Editorial, em virtude do recebimento de colaborações em grande volume. Dada à amplitude do tema central - Saúde -, cabe esclarecer que trabalhamos com uma pequena amostra e nos comprometemos a voltar ao assunto no próximo número, abrindo espaço para outras áreas correlatas.

Deixo aqui o convite para que o leitor viaje por essas histórias com a plenitude de seus sentidos!



pág 6

O universo da saúde em São Caetano, na primeira metade do século passado
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO



pág 16

A medicina e seus símbolos
ANDRÉ APARECIDO
BEZERRA CHAVES



pág 19

Bartira, o primeiro hospital da cidade
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO



pág 24

Como e por que foi fundado o Hospital Beneficente São Caetano
MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES



pág 28

APM São Caetano: há 53 anos como expressão de uma classe e exercício de cidadania e dedicação
MARÍLIA TIVERON



pág 33

Dr. Abib João Kirche: toda uma vida dedicada à medicina
EVA BUENO MARQUES



pág 38

Dr. Túlio Negro: filho de São Caetano do Sul, trabalho incessante, exercício pela vida
MARIANA ZENARO



pág 42

Dr. Diógenes Zuriel Piragine: uma vida benemerita
TALITA SCOTÁ SALVATORI



pág 45

Dr. Elbe Moulin Sardenberg: um capixaba a serviço da medicina sul-são-caetanense
MARIANA ZENARO



pág 50

Do Projeto Rondon à primeira clínica de prevenção ao câncer ginecológico de São Caetano do Sul
PRISCILA GORZONI



pág 53

Victor Matsudo: um reconhecido talento de A a Z
MARÍLIA TIVERON



pág 58

Memória

- 58 Os 65 anos da Casa Laranjeira
MAURO VINCENZI
LARANJEIRA
- 63 Grupo da Pintura do Clube dos 30 continua vivo
RINALDO DE SOUZA GARCIA
- 66 Clubes e orquestras da cidade
NARCISO FERRARI
- 69 No ar, mais um empolgante capítulo da radionovela...
LÉONILDA VERTICCHIO
- 72 Família Locatelli: de Piacenza para São Caetano do Sul
TALITA SCOTÁ SALVATORI

pág 75

Personagens

- 75 Mário Dal'Tonomia
JOÃO TARCÍSIO MARIANI
- 80 Maria Brasilina Barile: o luzir de uma história
TALITA SCOTÁ SALVATORI
- 82 Padre Raul, uma vida dedicada ao próximo
GIULIANO DENARDI BOTTEON

pág 85

Homenagem

Samuel Klein: uma história de perseverança e sucesso
SONIA MITAINI



pág 88

Cultura

Arte e saúde
NEUSA SCHILARO SCALÉA



pág 91

Curiosidades

Curandeiro Vicente e a contribuição da colônia portuguesa
DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI

pág 94

Artigos

A ditadura militar e o senso comum em São Caetano do Sul
ANDREZZA MIEKO RICHTER LOURENÇÃO

pág 100

Esportes

A.A. São Bento: o alviceleste que fez história na elite do futebol paulista
RENATO DONISETTE PINTO

pág 105

Poesias e Crônicas

- 105 As passagens de Ano Novo
OSCAR GARBELOTTO
- 106 O mundo, uma bola!
MARCOS EDUARDO MASSOLINI

pág 110

Memória Fotográfica

RAÍZES E RETRATOS

pág 120

Registro

Cristina Toledo de Carvalho

O UNIVERSO DA SAÚDE EM SÃO CAETANO, NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO PASSADO

Recuperar aspectos, características e nomes concernentes ao universo da saúde em São Caetano, na primeira metade do século passado, significa trilhar um caminho que remete aos modos de vida reinantes, na época, com seus costumes, concepções, referenciais de conhecimento e recursos materiais. Assim sendo, torna-se inviável ou, no mínimo, limitante, abordar o presente tema sem associá-lo ao panorama cultural vigente na cidade antigamente.

Este artigo propõe uma breve apresentação de como a saúde era tratada, conduzida e praticada na São Caetano das primeiras décadas do século 20, abrindo espaço para os seus protagonistas, ou seja, para os profissionais encarregados de sua promoção. Na condição de distrito de São Bernardo, a localidade não usufruía de uma infraestrutura condizente com o seu potencial econômico, situação que persistiria durante o período em que ficaria sob o domínio do município de Santo André, estendendo-se até a obtenção da autonomia política, em 1948. Como o quadro era de incipiência dos serviços urbanos mais prementes, não havia orientação oficial de fomento a iniciativas ou obras que pudessem caracterizar o que hoje é conhecido como saúde pública.

Diante de tal realidade, o papel desempenhado por médicos e outros personagens ligados à área ganhou uma importância ímpar junto ao cenário social de São Caetano. Na ausência de casas de saúde ou hospitais que pudessem atender à demanda dos moradores, despontaram, com grande força,



as instituições de mútuo socorro, responsáveis pela prestação de serviços médicos àqueles que estavam filiados a elas na qualidade de sócios. Paralelamente à ciência, personificada na figura de médicos e de outros sujeitos promotores da saúde, não se pode deixar de considerar também o lugar de destaque ocupado por curandeiros, benzedores e pela própria medicina caseira, nesse cenário da São Caetano do início do século passado. De todos os nomes que legaram seu contributo ao que se pode classificar de métodos místicos de cura, um se sobressaiu, transformando o pequeno distrito são-caetanense em local bastante procurado por pessoas oriundas de diferentes partes e regiões. Tratava-se do curandeiro Vicente Rodrigues Vieira, “o primeiro grande propagador de São Caetano.”¹ Sua fama deve ser entendida pela perspectiva das condições culturais e materiais do período, uma vez que:

Os precários recursos da época induziam não só o segmento mais carente da população como também as camadas mais abastadas [...] a socorrer-se de meios de cura e remédios caseiros [...]

Valia tudo para a cura: benzimentos, rezas, promessas, remédios extraídos de [...] ervas, raízes, árvores, folhas de árvores, animais de diversas naturezas, etc. Tudo isso era, tradicionalmente, conhecido pelas pessoas e transmitido de geração em geração.²

As dificuldades de acesso a médicos ou a sistemas terapêuticos consagrados pela medicina eram tamanhas que o recurso a uma gama de remédios caseiros legitimou-se de tal forma a ponto dessas receitas serem divulgadas em materiais impressos, como manuais e livros. Dentre esses materiais, merece destaque o *Receituário dos melho-*

res remédios caseiros, compilação organizada por Francisco Valdomiro Lorenz. No prefácio de sua sexta edição, publicada em 1928, Lorenz pondera:

Recommendo os Remedios Caseiros, que são de grande utilidade todas as vezes que não se possa recorrer a um medico, ou por não se achar nas proximidades ou por qualquer outro motivo. Não pretendo absolutamente menosprezar a medicina official, nem qualquer outra escola therapeutica; pois estou convencido de que todos os systemas são uteis, e que todos podem curar [...]³

Embora a chamada medicina caseira tenha cumprido papel de relevo no decorrer dos primeiros decênios do século passado, alçando seus saberes e fazeres entre as temáticas que despertam o interesse de estudos e pesquisas com propostas de cunho culturalista, o artigo em questão tem como foco a recuperação de aspectos que marcaram a saúde no então distrito de São Caetano, de modo que se faça referência a nomes de médicos que assumiram a tarefa de cuidar e orientar moradores locais em sua busca pelo bem viver, em um cenário de carências e precariedades estruturais. Ao considerar tal quadro histórico, o artigo mencionará também as atividades, na área médica, das entidades mutualistas da localidade, como a Príncipe de Nápoles e a União Operária, além de iniciativas similares oriundas de empresas locais.

Para atingir o objetivo proposto, edições de 1928 e 1929 do *São Caetano Jornal* foram consultadas. Fonte histórica imprescindível para a reconstituição da vida política, social e cultural da São Caetano do final dos anos 1920, o referido jornal traz um rico rol de anúncios e notas sobre os médicos que atuavam na cidade naquela época. Sendo

assim, firmou-se como a principal fonte para a elaboração deste artigo, cujo processo de feitura também compreendeu diálogos com uma bibliografia e com outros tipos de fonte atinentes ao assunto, como receituários e certidões de óbito. Ainda assim, afirmo, com a propriedade de quem exerce o *métier*, que, mesmo diante de inúmeros vestígios que informam sobre o tema desta edição de *Raízes*,

livro, traz uma minuciosa descrição do que era ser médico, no início do século passado:

Na casa do paciente, tirava o paletó, arregaçava as mangas da camisa e consultava. Encostava o ouvido nas costas do doente por sobre uma toalha: “diga trinta e três.” Depois o peito; com a mão esquerda espalmada sobre o abdômen do doente, ba-

Anúncio do médico Primo Lupi, publicado no *São Caetano Jornal*, em 1928

DR. PRIMO LUPI

Ex. interno das Vias Urinarias da Polyclinica de S. Paulo — Ex. Interno dos Postos de Syphilis da Santa Casa Ex. Medico da Creche Baroneza de Limeira

Clinicas Geral - Partos - Operações - Syphilis

Vias Urinarias - Molestia de Senhoras

Especialista em molestias de crianças

Consultas — Das 8 ½ ás 10 ½ e das 13 ás 15
e das 19 ½ ás 21 ½

Cons. e Residencia — Rua Amazonas 92 - Monte Alegre

Attende chamados a qualquer hora da noite

Reprodução/São Caetano Jornal, São Caetano, ano I, n. 30, 12 ago. 1928

os quais encontram-se dispersos nas fontes pesquisadas, a história não pode ser recuperada na sua totalidade ou inteireza. Ciente disso, apresento fragmentos ou uma das infinitas perspectivas cabíveis na abordagem da saúde, temática inesgotável e ampla.

Apóstolos da medicina e outros profissionais – Manoel Cláudio Novaes, em seu livro de crônicas intitulado *Nostalgia*, reserva um capítulo para tratar dos médicos pioneiros da cidade. Designados por ele como “apóstolos da medicina”, exerciam a profissão em uma época em que suas atribuições compreendiam um protocolo repleto de detalhes e especificidades. Novaes, nesse mesmo capítulo do

tia sobre ela com os dedos unidos da mão direita; indagava isto e aquilo. Bem, procedia à maneira da época, com os recursos de que dispunha, aliás, de que dispunham os médicos daquele tempo, para diagnosticar o mal. Terminado o exame, lá vinha a bacia com água, para o médico lavar as mãos. Vestido o paletó, receitava esclarecendo ao doente ou à família como proceder, reações, etc, prometendo voltar no dia seguinte. Não havendo hospital, ambulatório, ou pronto-socorro em São Caetano, o médico fazia, ele mesmo, sangria, na residência do próprio cliente e exéreses no seu consultório, sozinho, contando, quando necessário, com o auxílio dos familiares do paciente quando havia necessidade de mantê-lo imóvel.⁴

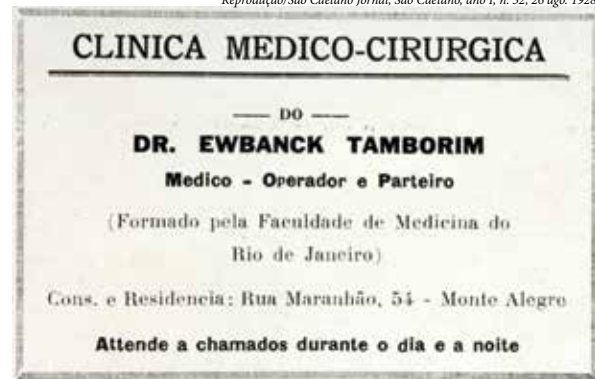
Segundo ele, Constantino de Moura Baptista foi um dos primeiros médicos a residir na cidade, “médico permanente [...], que, aos poucos, foi ampliando sua clientela, admirado também como teatrólogo no GIR [Grêmio Instrutivo Recreativo] Ideal [...]”⁵. Sua residência ficava na Rua Heloísa Pamplona, mais precisamente na “penúltima casa antes da esquina com a Av. Conde F. Matarazzo, no quarteirão entre esta avenida e a Dr. Rodrigues Alves”⁶. Um outro médico também teria residido na cidade, na Rua 28 de Julho, mas por pouco tempo. Tratava-se do Dr. Carvalho Franco.

Antes de contar com os serviços de um médico residente na localidade, os moradores de São Caetano recorriam a dois outros profissionais, que, conforme Manoel Cláudio Novaes, visitavam periodicamente o distrito: Dr. B. Rubbo, de São Paulo, e Dr. Perrone, de Santo André, que, na época, também era um distrito do município de São Bernardo.

Outros nomes de médicos que atuaram em São Caetano puderam ainda ser levantados junto às edições de 1928 e 1929 do *São Caetano Journal*. Tais nomes foram, predominantemente, extraídos de anúncios destinados à divulgação dos serviços prestados por esses profissionais, de modo que foi possível ter acesso às suas respectivas especialidades, endereços e outras informações do interesse do tema.

Seguindo esse caminho, foi possível chegar ao nome do Dr. Primo Lupi, apresentado, nos anúncios pesquisados, como “médico, operador e parteiro”. Residente na Rua Amazonas, nº 92, foi “interno das vias urinárias da Polyclínica de São Paulo, dos Postos de Syphilis da Santa Casa e da Creche Baroneza, de Limeira”.

Interessante registrar a publicação de um agradecimento especial feito por um paciente ao referido médico, evidenciando a importância do jornal, enquanto principal meio de comunicação do pequeno distrito de São Caetano. Em suas pá-



Anúncio do médico Ewbanck Tamborim, publicado no *São Caetano Journal*, em 1928

ginas, vários aspectos da vida local encontravam-se representados. Noticiá-los ou comunicá-los significava conceder visibilidade a um episódio, evento ou mesmo a uma causa em voga, na ocasião, como a autonomista, na primeira tentativa de emancipação política da localidade, 20 anos antes do movimento que levaria, com sucesso, São Caetano à condição de município, em 1948. Pelo teor do texto veiculado, é possível notar a profunda gratidão do paciente:

Profundamente reconhecido ao distinto medico snr. Dr. Primo Lupi, pela dedicação e sabedoria com que se houve na modelar assistencia à aguda molestia que me obrigou a guardar o leito por mais de uma semana, venho por meio deste, patentear a minha publica e sincera gratidão ao illustre clinico que S. Caetano possui e que honra a classe medica de S. Paulo.

Sei que este meu agradecimento irá offender a proverbial modéstia do bondoso facultativo. Mas, salvo como fui das garras da morte, por graça de Deus e pelo auxilio benefico do Dr. Primo Lupi, não posso deixar de externar esses sentimentos, fazendo votos para que o distinto clinico encontre na sua espinhosa missão, o maior conforto moral e toda sorte de felicidades.

Ceramica S. Caetano, 28 de novembro de 1928.

Benedicto Saboya de Oliveira⁷

Contemporâneo ao Dr. Lupi, Ewbank Tamborim foi outro médico que teve seus serviços divulgados pelo jornal. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tinha consultório e residência na Rua Maranhão, nº 54. Apresentava-se também como “operador” e parteiro.

Já na edição de 24 de fevereiro de 1929, o *São Caetano Jornal* informava a população sobre a abertura do consultório do médico Constantino Catalano, nos seguintes termos:

Acaba de abrir o seu consultório medico à Rua Maranhão n. 38, o nosso distinto amigo Dr. Constantino Catalano, aqui residente.

Medico diplomado com distinção pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, o Dr. Catalano, assistente durante o seu brilhante tirocinio academico de um dos mais competentes clinicos da Capital – o Dr. Celestino Bourroul – é portador das melhores credenciaes para vencer com galhardia a sua nobre missão.

Inteligente, estudioso e munido de decidida vocação ao lado dos fortes conhecimentos que possui o novo medico de São Caetano virá, por certo, beneficiar enormemente a nossa população.

São esses os nossos sinceros votos.⁸

No anúncio divulgado pelo mencionado jornal, outras informações preciosas a respeito de tal médico podem ser acessadas, as quais fornecem um panorama de sua formação e especialidades. Segundo consta, Constantino Catalano havia sido chefe do Laboratório de Medicina Tropical da faculdade, “com pratica na Santa Casa, Maternidade e Policlínica de São Paulo”. Era especialista no trato de moléstias internas, “especialmente coração e pulmões”. Realizava ainda alguns tipos de exame, tendo em vista o esclarecimento de diagnósticos.

Dr. Catalano permaneceu, contudo, por um breve período na cidade, indo morar em Monte Azul. No endereço em que atendia (Rua Mara-

nhão, nº 38), outro médico instalou consultório. Tratava-se do Dr. Alfredo Stávale.

Formado pela conceituada Faculdade de Medicina de São Paulo, com proficiente pratica nas enfermarias de senhoras e creanças da Santa Casa, está o Dr. Stávale apto a bem servir a nossa população e dela receber a consideração e estima que com justiça merece.

Os nossos votos de boas-vindas.⁹

Cumpramos ressaltar que o ano de 1929 seria decisivo para as pretensões de São Caetano quanto à possibilidade de tornar-se município. Tendo em vista o apoio e a difusão desse ideal, o *São Caetano Jornal* começou, no início daquele ano, a divulgar uma série de levantamentos estatísticos acerca do distrito são-caetanense, a fim de que os números pudessem atestar o nível de desenvolvimento atingido pela localidade, o que, por sua vez, justificaria a campanha autonomista frente a São Bernardo. Coordenado pelo Partido Municipal, defensor e articulador da causa, tais levantamentos apontaram, dentre outros aspectos e informações, dados sobre os profissionais da saúde atuantes naquele período em São Caetano. De acordo com os resultados divulgados pelo jornal, em 13 de janeiro de 1929, o distrito possuía cinco médicos, duas parteiras e oito dentistas.

É importante lembrar que, no período em questão, as parteiras eram muito requisitadas. Por ocasião de uma convergência de fatores, entre eles, os relativos às dificuldades de acesso a hospitais, santas casas e médicos, além da reinante falta de recursos financeiros e da força da tradição, os profissionais da saúde dividiam espaço com pessoas detentoras de métodos de cura de natureza caseira, empírica e/ou mística. Aliás, este era o cenário da saúde no início do século passado: uma mescla de ciência e tradição. Ambos os ramos tinham muito a ensinar um ao outro, sendo possível o diálogo, a

troca de saberes entre seus respectivos representantes ou praticantes.

Um exemplo claro dessa interação foi a parteira Elda Lúcia Saraceni Cavallini. Diplomada em 1912, pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, exerceu o ofício, em São Caetano, sob a chancela dos conhecimentos adquiridos junto àquela casa de saúde, um dos principais redutos da medicina na época. Anúncios relativos à parteira Elda eram também divulgados pelo *São Caetano Jornal*, que, assim, refletia bem a mistura de saberes, práticas e orientações vigentes no segmento da saúde.

Quanto aos dentistas que atuaram na cidade, foi possível recuperar um número significativo deles. O próprio jornal anunciou os trabalhos de dois deles: Theodoro Macedo e W. Toledo. Segundo consta, este último atendia apenas à noite, na cidade, mais precisamente, na Rua Santo Antônio, nº 274, enquanto o outro possuía clínica dentária na antiga Rua São Caetano (atual Avenida Conde Francisco Matarazzo), nº 144. Contemporâneo a eles, Espiridião Oliveira Lima chegou à localidade em 1928. João Netto Caldeira, em seu *Álbum de São Bernardo*, assim o descreveu:

[...] habil cirurgião-dentista e elementos dos mais conceituados da sociedade local [...] o seu gabinete dentário, luxuosamente montado, fica em gracioso palacete, à rua Rio Grande do Sul n. 3, dispondo de aparelhamento moderníssimo, movido a electricidade e tendo anexo o laboratorio de prothese.¹⁰

Além deste, Netto Caldeira também apresentou, em seu livro, o nome do dentista Lupercio Mariano de Oliveira, residente em São Caetano desde 1935:

[...] o snr. dr. Lupercio Mariano de Oliveira possui, actualmente, seu gabinete dentário montado com todos os requisitos modernos, em confortavel prédio, à rua Goyaz n. 92 – A. Os aparelhos, movidos



Dr. Espiridião Oliveira Lima, um dos dentistas atuantes em São Caetano na primeira metade do século passado. Chegou à localidade em 1928. Seu consultório ficava na Rua Rio Grande do Sul

Reprodução/CALDEIRA, João Netto. *Profissões liberais. In: Álbum de São Bernardo. São Paulo: Organização Cruzeiro do Sul; Bentivegna & Netto, 1937, sem paginação*



Dr. Lupercio Mariano de Oliveira, outro dentista do antigo distrito de São Caetano. Seu gabinete dentário localizava-se na então Rua Goiás, nº 92 – A

Reprodução/CALDEIRA, João Netto, op. cit., sem paginação



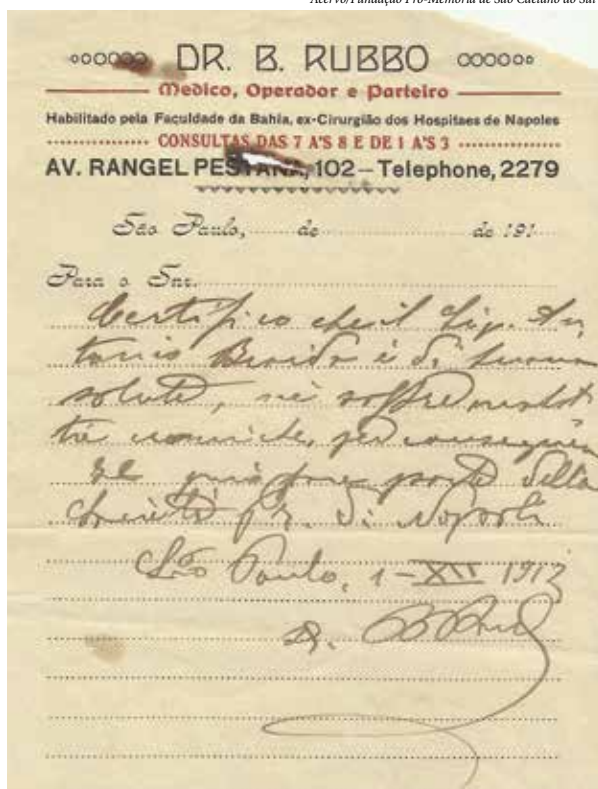
Protético José Maria de Oliveira, cuja oficina de trabalho situava-se na Rua Goiás, nº 78

Reprodução/CALDEIRA, João Netto, op. cit., sem paginação



Dr. José Paolone, um dos mais conhecidos e respeitáveis médicos de São Caetano

Reprodução/CALDEIRA, João Netto, op. cit., sem paginação



Receituário emitido pelo Dr. B. Rubbo, em 1º de dezembro de 1913. Possuía consultório na Avenida Rangel Pestana, em São Paulo, e vinha a São Caetano prestar atendimento. Estava entre os médicos que disponibilizavam seus serviços por meio da Sociedade Príncipe de Nápoles

a electricidade, são aperfeiçoadíssimos e dos mais reputados fabricantes. Execução perfeita de quaisquer trabalhos como obturações a porcelana, ouro, cimento, etc, corôas, pivots, bridges [...]¹¹

De acordo com o autor, o distrito de São Caetano contava ainda com os trabalhos do protético José Maria de Oliveira, irmão do dentista Lupercio de Oliveira. Sua “oficina de prótese dentária” ficava também na então Rua Goiás, só que no número 78. Nota-se que, na área dentária, a cidade estava bem servida, chegando a possuir, no final da década de 1920, oito dentistas, conforme já elucidado. Dentre esses profissionais, estava Altamiro Ribeiro, cirurgião-dentista cujo consultório ficava na sede da Policlínica de São Caetano, na antiga Rua Cel. Fernando Prestes (atual Conselheiro Antônio Prado), nº 1. Levando-se em consideração que, em uma policlínica, diferentes especialidades médicas encontram-se reunidas, é de supor que este era o principal (quicá o único) estabelecimento de saúde da cidade no período, com uma relativa

estrutura que pudesse diferenciá-lo dos modestos e esparsos consultórios médicos existentes. Como o anúncio em que ele é citado refere-se àquele dentista, as informações são restritas, com exceção de uma, de caráter geral, que chama atenção. Conforme veiculado, os sócios da policlínica eram beneficiados com um abatimento especial dos preços, o que sugere a oferta de facilidades e benefícios, garantias que se aproximam da proposta seguradora consagrada pelo associativismo mutualista, precursor, em parte, do que viria a ser, posteriormente, os convênios de saúde, e tão em voga em um período de inexistência de uma política previdenciária estatal, como será abordado no próximo item deste artigo.

Ainda em relação ao levantamento estatístico divulgado pelo *São Caetano Jornal*, em janeiro de 1929, não se pode omitir a informação veiculada sobre as farmácias da cidade, em um total de três estabelecimentos, de acordo com tal levantamento. Dos anúncios encontrados acerca do ramo farmacêutico, junto às edições do jornal, dois são bastante expressivos. Um deles refere-se à Farmácia Progresso, cuja abertura estava prevista para agosto de 1928. Além de contar com uma estrutura própria de estabelecimentos do ramo, a mencionada farmácia apresentaria também um consultório médico, cujo atendimento seria gratuito aos pobres.¹² O outro anúncio, por sua vez, concerne à Farmácia Paolone e evidencia essa mesma orientação. Segundo consta, tal farmácia oferecia consultas gratuitas aos desprovidos financeiramente.¹³ No comando, estava o Dr. José Paolone, que, de sua respeitável experiência, já constavam ações de benemerência, como a prestação de serviços gratuitos à Santa Casa de São Bernardo. Médico do Hospital Humberto I, possuía também certificados de aproveitamento dos cursos de neurologia e psiquiatria.¹⁴

Avançando rumo à década de 1930, foi possível chegar a dados alusivos à Farmácia São Cae-

tano. Foi fundada em 1935 por Theodoro Macedo, cuja participação na cena local da saúde já havia se observado, graças ao seu trabalho como dentista. Formado pela Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo, era também técnico de laboratório pelo Instituto de Higiene, além de fundador de outro estabelecimento, a Farmácia São Paulo.¹⁵

Embora o cenário são-caetanense da saúde fosse, nos anos de 1930, eminentemente masculino, duas mulheres passaram por ele, deixando seus nomes: Diva Cassetari e Amelia Meirelles, farmacêuticas responsáveis, respectivamente, pelas farmácias Europeia, situada na então Rua Goiás, nº 92, e Brasil, que se localizava na Rua João Pessoa, nº 17.

Mutualismo, cooperativismo e saúde – O associativismo praticado e fomentado sob a bandeira do mutualismo pode ser interpretado e compreendido enquanto um sinalizador de adversidades e problemas verificados em um determinado tempo e espaço.

Os obstáculos encontrados por um grupo ou categoria social, em seu correspondente raio, segmento ou âmbito de relações, foram a tônica mutualista, a razão de ser do mútuo socorro.¹⁶ São Caetano, entre o final do século 19 e início do século 20, já contava com duas entidades de cunho mutualista: a Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe de Nápoles, fundada em 11 de dezembro de 1892, e a Sociedade Beneficente Internacional União Operária, surgida no dia 15 de novembro de 1907. A primeira voltava-se, exclusivamente, aos imigrantes italianos e seus descendentes, enquanto aquela última não impunha restrições associativas conforme padrões étnicos, o que explica a presença

do termo “Internacional” em seu nome. Apesar de terem apresentado essa diferença quanto à política de admissão de sócios, ambas preconizavam a concessão de auxílios tradicionalmente inerentes ao mutualismo.¹⁷

Como aponta Ronaldo Pereira de Jesus, as primeiras associações mutualistas brasileiras apareceram na primeira metade do século 19, e, embora fossem

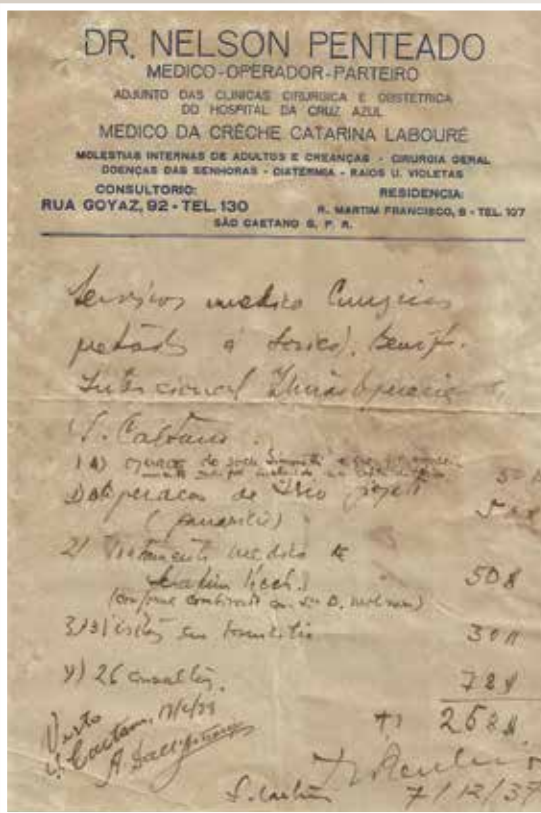
extremamente diversificadas em sua composição, motivação, temporalidade, clientela e objetivos [...], a maioria tinha como objetivo principal disponibilizar para os associados proteção na ausência dos mecanismos formais de previdência pública. Ofereciam pensões, indenizações, financiavam enterros, forneciam remédios, atendimento hospitalar, entre outros cuidados.¹⁸

E tal se verificou com a Príncipe de Nápoles e a União Operária. No tocante, especificamente, à questão da saúde, ambas forneceram atendi-

mento médico aos seus sócios, conforme atestam receiptuários, da década de 1930, levantados junto ao Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Além dos doutores B. Rubbo e Primo Lupi, citados no início deste artigo, os demais nomes de médicos presentes na documentação pesquisada foram: Vicente De Felice, Nelson Penteado, Matheus Santamaria, A. Tisi Netto e Octávio G. Tisi.

Outro material que também serviu de fonte para a recuperação de nomes e dados sobre a saúde local, no período enfocado, foram alguns exemplares de certidões de óbito de moradores da cidade, o que me possibilitou encontrar, além de nomes que

*Embora o cenário
são-caetanense da
saúde fosse, nos anos de
1930, eminentemente
masculino, duas mulheres
passaram por ele,
deixando seus nomes:
Diva Cassetari e
Amelia Meirelles*



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

já tinham sido considerados, o do médico Sales Gomes Júnior, que atestou a causa do falecimento de Romeu Masini, em 22 de janeiro de 1928.

Naquele ano de 1928, o pequeno distrito de São Caetano serviu de palco para o surgimento da Cooperativa Médica Operária São Caetano, iniciativa que se entrelaça e dialoga com as ações mutualistas verificadas na localidade, sinalizando para a demanda proveniente do campo de assistência médica, necessidade premente da população em face de um quadro conjuntural histórico de visível incipiência da promoção da saúde. Sob a direção clínica do médico Primo Lupi e tendo como procurador Fernando Piva, a referida cooperativa apresentava, após sua fundação, mais de 200 associados, os quais, a partir de uma mensalidade acessível, teriam acesso a uma completa assistência médica, conforme propagandeado pelo *São Caetano Jornal*.¹⁹ Na sequência, segue a transcrição de seu regimento estatutário, também divulgado pelo semanário:

Da Admissão

- 1) Serão admitidos ao quadro social da Cooperativa somente operários residentes em S. Caetano;
- 2) São em numero de três as cathogorias dos associados e as respectivas contribuições mensaes:
 - a) casal com um filho menor – 3\$000
 - b) solteiro maior de 21 annos – 3\$000
 - c) menor ou pessoa que viva sob o arrimo dos sócios das cathogorias a e b – 1\$000
- 3) Joia 3\$000 reis.

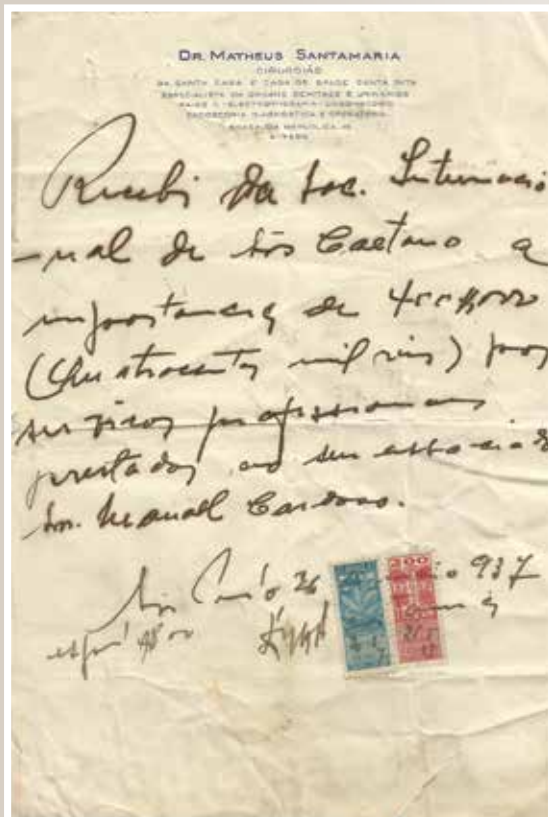
Dos Direitos

- 1) Receber assistencia medica, assim compreendida:
 - a) consultas;
 - b) receitas;
 - c) tratamentos
 - d) atestados.
- 2) Escolher, nos casos de cirurgia e internação hospitalar, o estabelecimento que melhor aprouver.

Dos Deveres

- 1) Prehencher a formula de admissão;
- 2) Pagar até o dia cinco de cada mez a mensalidade [...];
- 3) A mensalidade deverá ser paga na residencia do Procurador;

Descrição dos serviços prestados pelo Dr. Nelson Penteado por meio da Sociedade Beneficente Internacional União Operária de São Caetano. Seu consultório ficava na então Rua Goiás, nº 92. Data: 7 de dezembro de 1937



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Recibo emitido pelo médico Matheus Santamaria à Sociedade União Operária, relativo à importância de quatrocentos mil réis, no ano de 1937

- 4) Avisar com antecedência o Dr. diretor clinico da Cooperativa nos casos chronicos e rebeldes;
- 5) Apresentar no acto do chamado medico, o recibo do mez em que dito chamado ocorrer;
- 6) Communicar ao Dr. diretor clinico a marcha da moléstia, quando, pela sua natureza, a presença medica diaria não se tornar necessaria;
- 7) Só mudar de assistencia medica ou internar-se em hospital, com a devida licença do Dr. diretor clinico;
- 8) Attender rigorosamente as prescrições medicas.²⁰

Antes do surgimento da Cooperativa Médica São Caetano, parte do operariado local já contava com respaldo nesse segmento de assistência médica. Em agosto de 1928, foi instituída a caixa médica na firma Barros Loureiro, conforme descrito abaixo:

Os operarios do importante estabelecimento Industrias Reunidas S. Caetano da firma Barros Loureiro e Monteiro estão de parabens. Para a sua assistencia medica e pharmaceutica, acaba de ser fundada, por iniciativa de alguns auxiliares da firma, tendo à frente o sr. José Costa, José Gomes, Raul Pavão e patrocinados pelo director gerente sr. David Monteiro Gomes, uma Caixa Medica que tomou a denominação de “Adelinas” em homenagem à Exma. Snra. D. Adelina Loureiro e à senhorita Adelina de Barros Loureiro, respectivamente esposa e filha do sr. Commendador Manoel de Barros Loureiro, socio commanditario da firma proprietaria.

A sede provisoria dessa Associação mutua e beneficente está installada à rua Pernambuco n. 2. A sua directoria é composta dos senhores David Monteiro Gomes, José Costa, José de Souza Gomes, Raul Pavão e o seu director medico o sr. Dr. Primo Lupi. [...]²¹

Cumpre ressaltar que o sistema de caixas médicas era usual, na época, em face, sobretudo, da

inexistência de uma política pública na área da seguridade social. O grupo Matarazzo, por exemplo, era dotado de uma casa de saúde (Casa de Saúde Francisco Matarazzo, localizada em São Paulo), visando ao atendimento de seus funcionários. Igualmente a Cerâmica São Caetano, que garantia assistência médica ao seu corpo de operários. E era a partir dessas ações protecionistas e assistenciais, advindas do ascendente empresariado nacional e de meios mutualistas e cooperativos, que as adversidades inerentes ao acesso à saúde eram superadas na localidade. Por outro lado, em menor escala e de âmbito doméstico, a participação de médicos e conhecedores de métodos caseiros e tradicionais de cura não pode ser esquecida, afinal, o universo da saúde, na São Caetano da primeira metade do século passado, foi constituído com base em uma mescla de personagens, iniciativas, protocolos, conhecimentos, saberes e fazeres, dando mostras de que o tema desta edição de *Raízes* apresenta estreita relações com o cultural, na medida em que evidencia aspectos que se encontram imbricados em concepções e apropriações de mundo indicativas de modos de vida. R

NOTAS

¹ MEDICI, Ademir. Imagens dos Rodrigues Vieira. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 27-29, jul. 1994, p. 29.

² VERONESI, Henry. Medicina caseira nas primeiras décadas da fundação de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 10, p. 41-43, jan. 1994, p. 41.

³ LORENZ, Francisco Valdomiro. Prefácio. In: *Receituário dos melhores remédios caseiros*. 6ª ed. São Paulo: O Pensamento, 1928.

⁴ NOVAES, Manoel Cláudio. *Nostalgia*. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul; São Paulo: Meca, 1991, p. 125.

⁵ *Ibidem*, p. 125.

⁶ *Ibidem*, p. 125.

⁷ AO Dr. Primo Lupi, agradecimento. *São Caetano Jornal*, São Caetano, ano I, n. 50, sem paginação, 2 dez. 1928.

⁸ DR. Constantino Catalano. *São Caetano Jornal*, São Caetano, ano II, n. 62, sem paginação, 24 fev. 1929.

⁹ CONSULTÓRIO Médico. *São Caetano Jornal*, São Caetano, ano II, n. 92, sem paginação, 6 out. 1929.

¹⁰ CALDEIRA, João Netto. Álbum de São Bernardo. São Paulo: Organização Cruzeiro do Sul; Bentivegna & Netto, 1937, sem paginação.

¹¹ *Ibidem*, sem paginação.

¹² SÃO Caetano Jornal, São Caetano, ano I, n. 31, sem paginação, 19 ago. 1928.

¹³ _____. São Caetano, ano II, n. 81, sem paginação, 21 jul. 1929.

¹⁴ CALDEIRA, João Netto, *op. cit.*, sem paginação.

¹⁵ _____. *op. cit.*, sem paginação.

¹⁶ CARVALHO, Cristina Toledo de. *Migrantes amparados: a atuação da Sociedade Beneficente Brasil Unido junto a nordestinos em São Caetano do Sul (1950-1965)*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2015, p. 75-76.

¹⁷ *Ibidem*, p. 76.

¹⁸ JESUS, Ronaldo Pereira de. Mutualismo e desenvolvimento econômico no Brasil do século 19. *Oidles*, Málaga, v. 1, n. 1, set. 2007. Disponível em: www.eumed.net/rev/oidles/01/Pereira-resum.htm. Acesso em: 12 abr. 2011 apud CARVALHO, Cristina Toledo de, *op. cit.*, p. 75.

¹⁹ SÃO Caetano Jornal, São Caetano, ano I, n. 46, sem paginação, 4 nov. 1928.

²⁰ _____. São Caetano, ano I, n. 49, sem paginação, 25 nov. 1928.

²¹ _____. São Caetano, ano I, n. 31, sem paginação, 19 ago. 1928.

CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

É HISTORIADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA PUC-SP (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO).

André Aparecido Bezerra Chaves

A MEDICINA E SEUS SÍMBOLOS



Bastão de Asclépio, o símbolo da medicina

Com a finalidade de reforçar os laços entre os membros de uma mesma instituição (empresas, universidades, sociedades civis, profissões, etc), frequentemente as lideranças desenvolvem ou elegem símbolos (que podem ou não passar por modificações ou atualizações), com a finalidade de conjugar esforços físicos e mentais para a mesma direção ou objetivos comuns, criando uma identidade que favoreça sucesso no empreendimento.¹ A medicina não é exceção.

Verifica-se, ao longo da história, que as pessoas envolvidas com a cura estão ligadas às tradições culturais e aos símbolos que utilizam para requerer, usufruir e legitimar essa especialidade, reconhecidos pela própria sociedade e por suas instituições de poder.

Tomemos, por exemplo, a antiguidade oriental (séculos 30 a.C. a 4 a.C.). A água presente no Crescente Fértil, região do Oriente Médio que conjuga as áreas próximas ao litoral do Mar Mediterrâneo e as terras irrigadas pelos rios Nilo, Jordão, Tigre e Eufrates, tornou possível a existência da civilização egípcia antiga, dos povos da Palestina (entre eles o hebreu), além dos impérios da Mesopotâmia, a saber, Suméria, Babilônia e Assíria, respectivamente. Essas sociedades construíram valioso saber médico a partir dos aspectos

relacionados aos princípios teocráticos e religiosos criados por suas próprias culturas: as pessoas especializadas em cura (os “curandeiros”) eram misto de sacerdotes e farmacêuticos, e os atendimentos aos doentes eram cerimônias religiosas respaldadas por preparos decorrentes de substâncias naturais. Os símbolos de influência social e identidade médica estavam relacionados aos sons das preces, orações ou canções, gestos ritualísticos, vestuário típico, habilidade no preparo e, muitas vezes, na aplicação das poções.

Entretanto, foram progressivamente influenciados pelo saber racional na medicina a partir da influência helênica decorrente do expansionismo macedônico.²

Esse saber racional, surgido na Grécia Antiga, o qual deu origem à Tradição Médica Ocidental, também teve origem no ambiente mitológico. Nasceu entre os séculos 12 a.C. e 7 a.C., cujas principais fontes históricas mitológico-epopeicas são os poemas atribuídos a Homero (que teria vivido durante o século 8 a.C.): *Iliada* (que narra a Guerra dos gregos contra Troia ou Ílion, em grego) e *Odisseia* (que narra a volta do rei de Ítaca, Ulisses ou Odisseu, em grego, para sua terra natal após a vitória da guerra contra Ílion); bem como o poema *Teogonia*, de Hesíodo (outro poeta

do século 8 a.C.).³

As epopeias homéricas e a genealogia dos deuses do panteão grego feita por Hesíodo surgiram em decorrência da longa fusão dos elementos contidos nas antigas lendas eólicas e jônicas (culturas que deram origem aos povos gregos, juntamente aos aqueus e dórios). A similitude do caráter entre deuses e humanos (especialmente no que se refere aos sentimentos e paixões) aproximou os gregos da vontade transcendental, ou divina, em interferir no curso natural da história. Entre outras ações, os deuses poderiam intervir no cotidiano humano, causando-lhes enfermidade ou sofrimento. Como os gregos entendiam essa interação de maneira lógica entre causa e efeito, o divino era acessível pela prece ou pela intercessão de sacerdotes, no uso de extratos combinados de vegetais, animais e minerais, preces ou orações, e técnicas terapêuticas não invasivas ao corpo.

Os deuses relacionados à cura eram: Péon, deus médico dos outros deuses, que socorria os feridos ou doentes resultantes dos conflitos e tensões que tinham entre si; Quíron, resultado da aventura do titã Cronos com a Oceânide Fílira (uma das ninfas dos mares), era um centauro (torso e cabeça humanos e corpo de cavalo), mas, ao contrário dos outros centauros, beberrões e indisciplinados, era inteligente, culto, bondoso e tinha grande conhecimento de medicina; Asclépio, filho do deus Apolo e da mortal Corônís, teria nascido de cesariana e, após a morte de sua mãe, levado para ser criado por Quíron, que o educou na caça e na arte da medicina.

Asclépio teria desenvolvido tamanha habilidade médica que conseguiu trazer de volta à vida alguns mortos por doença. Enfurecido, o deus Hades (do Mundo Inferior ou dos Mortos) pediu a Zeus (soberano do Monte Olimpo) que o castigasse por ter alterado a ordem costumeira do caminho das almas, o que foi aceito: fulminando-o com raios forjados pelos Ciclopes. Contudo, como reconhecimento de seu valor, Zeus ordenou que o colocassem no céu

rodeado por uma serpente, símbolo da renovação da vida, surgindo a Constelação de Ofíuco, também conhecida como “Serpentário” (o portador da serpente). Por esse motivo, as imagens pictográficas ou esculturas de Asclépio encontradas em templos mostram-no segurando um bastão de madeira sobre uma cobra. O bordão ou caduceu de Asclépio consiste em um bastão de madeira envolvido por uma serpente e se tornou o símbolo da Tradição Médica Ocidental.

Muitas pessoas confundem esse símbolo da medicina com o bordão ou caduceu de Hermes, deus grego que em cada região da Península Balcânica tinha um atributo: fertilidade, vegetação, rebanhos, magia, adivinhação, guarda das estradas, das fronteiras e viagens, entre outros. A partir dessas referências, foi batizado de patrono dos viajantes, comerciantes, diplomatas, ginastas, da eloquência, etc. Atualmente é apresentado como símbolo do comércio.

Também é importante reconhecer Hígia. Filha de Asclépio com a helíade Lampércia, auxiliava o pai no trato dos doentes e dos animais. Após sua morte, recebia preces ou orações dos gregos que desejavam manter a boa saúde e se prevenir de doenças através da higiene.

Em paralelo, fortalecia-se a filosofia e, com ela, uma vertente racionalista da medicina se desenvolveu e atingiu seu ponto mais elevado com o médico Hipócrates. O pouco que se conhece sobre sua vida encontra-se principalmente na biografia escrita por Sorano de Éfeso, no século 2 d.C. O “Pai da Medicina” nasceu em 460 a.C., filho de Heráclides e Fenareta. Ele e seus irmãos Tessalos e Drácon teriam seguido a profissão do pai, mantendo a tradição familiar de pessoas dedicadas à medicina. Durante sua juventude, viajou por várias pólis a fim de estudar medicina (Tasos, Abdera, Cizico, Melibeia e Atenas). Pronto para a prática profissional, clinicou em várias cidades-Estado por onde passou e ensinou medicina para muitas pessoas, sendo re-

munerado por isso. Em Cós, sua terra natal, além de clinicar, chegou a lecionar na academia existente no templo de Asclépio.

Hipócrates era um asclepiade - integrante de um tipo de corporação de médicos que alegavam descender do próprio Asclépio! Acredita-se que tanto os sacerdotes dos templos dedicados a Asclépio quanto os ascleíades preferiam vestir roupas alvas para indicar sua pureza espiritual. Sua reputação como nome de referência na medicina era grande ainda em vida.

Graças à fama que alcançou e certo anonimato de seus escritos, muitos textos são atribuídos a ele, mas não há certeza absoluta de que foi autor de todos os 72 documentos que compõem o *Corpus hipocraticum* (Coleção Hipocrática). Preservados praticamente na íntegra até os dias de hoje, a análise dos estilos dos textos demonstra que os mais antigos foram escritos por volta de 440 a.C. e os mais recentes, até 300 anos depois. Uma das hipóteses mais aceitas é a de que os escritos provenientes de Cós (e também de Cnidos) foram reunidos por volta do século 4 a.C., já no Período Helenístico, pelos sábios alexandrinos.

Em um dos últimos textos do *Corpus hipocraticum* sobressai a *Promessa*, porque se tornou prática ser proferido por todos aqueles que se encontram aptos a se dedicar à Tradição Médica Ocidental no momento em que são aceitos por seus pares, tornando-se novos profissionais da área. Este documento histórico é o compromisso ético e moral da Tradição Médica Ocidental em reconhecer a importância dos médicos das gerações passadas em sua dedicação na evolução de sua atividade profissional e da ciência; no socorro de qualquer pessoa necessitada, independente de sua condição social, política ou econômica; na busca do melhor tratamento para cada doente; em viver dos seus ganhos com sobriedade e sabedoria, enquanto representante intelectual e referência em sua comunidade; por ser uma pessoa que eternamente com-

partilha o saber da prática médica com seus pares, e o bom modo de vida com os demais integrantes de sua comunidade; e por nunca planejar, causar ou favorecer o mal a ninguém.

No século 19, com a institucionalização da medicina, muitos dos símbolos mencionados foram resgatados: a roupa e o jaleco brancos tornaram-se símbolos de limpeza e higiene do médico; o caduceu de Asclépio aparece em emblemas de hospitais, associações corporativas e faculdades, especialmente nos diplomas e nos anéis de formatura, e versões atualizadas do Juramento de Hipócrates fazem parte das cerimônias dos concluintes dos cursos superiores.

Na Tradição Médica Ocidental, seja através do símbolo da imagem do caduceu de Asclépio, seja pelo poder simbólico das palavras do Juramento de Hipócrates, ou ainda nas reluzentes roupas e jalecos brancos presentes em meio ao mundo multicolor, nos anéis que alguns carregam ou nos diplomas nas paredes dos consultórios, os médicos parecem se manter em poderosa identidade, assumem forte compromisso com a vida humana, repudiam os comportamentos amorais e antiéticos de seus pares, mas se fazem entender e respeitar pela sociedade, o que torna sua ciência mais corajosa diante da demanda dos tempos atuais. **R**

NOTAS

- ¹ JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014.
- ² AZULAY, Rubem David. *De Moisés a Sabin - Contribuição Judaica à História da Medicina*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2001. CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 2012. CASSON, Lionel. *Biblioteca de História Universal Life O Egito Antigo*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1973. SALGADO, João Amílcar. *História da Medicina - Egito Antigo*. In: *Revista do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo*, São Paulo, edição 21, out., nov., dez. 2002. Disponível em: <http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Revista&id=56>. Acesso em: 1 jan. 2012. SCLAIR, Moacir Jaime. *Da Bíblia à psicanálise: saúde, doença e medicina na cultura judaica*. 1999. Tese (Doutorado) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro 1999. Disponível em: <http://portaleses.icict.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/1999/scliarmj/capa.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2015. SILVA, J. Martins e. A Medicina na Mesopotâmia Antiga 1ª parte. In: *Revista da Acta Médica Portuguesa*, Lisboa, 2ª Série, volume 22, n. 6, p. 841-854, nov., dez. 2009. Disponível em: <http://www.actamedicportuguesa.com/pdf/2009-22/6/841-54.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2015. SILVA, J. Martins. A Medicina na Mesopotâmia Antiga 2ª Parte. In: *Revista da Acta Médica Portuguesa*, Lisboa, 2ª Série, volume 23, n. 1, p. 125-140, jan., fev. 2010. Disponível em: <http://www.actamedicportuguesa.com/pdf/2010-23/1/125140.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2015.
- ³ HOMERO. *Iliada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. HESÍODO. *Teogonia*. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

ANDRÉ APARECIDO BEZERRA CHAVES

É LICENCIADO, BACHAREL E MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. É HISTORIADOR, ESCRITOR E PROFESSOR DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DO EXTERNATO SANTO ANTONIO E MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

BARTIRA, O PRIMEIRO HOSPITAL DA CIDADE

Para se ter uma ideia da importância do surgimento do Hospital Bartira no cenário de São Caetano, no final da década de 1940, basta recorrer à história. Inúmeras reportagens e matérias publicadas, entre 1946 e 1948, no *Jornal de São Caetano*, dão conta da situação, fornecendo um panorama das adversidades e problemas enfrentados pela população no tocante ao acesso a hospitais e casas de saúde, que inexistiam na localidade. Para agravar ainda mais o quadro, São Caetano não apresentava condições estruturais mínimas, sobretudo quanto a saneamento e rede de esgoto, o que propiciava a disseminação de doenças. Subordinado, politicamente, ao município de Santo André, o território são-caetanense ficava à mercê das autoridades andreenses, cujos interesses não coincidiam com as demandas e necessidades dos moradores dessa localidade. Denunciando tal estado e cobrando providências, aquele jornal, em sua edição de 5 de setembro de 1948, assim se manifestou:

[...]

Aqui em São Caetano a situação não é das mais agradáveis. Os cortiços, consequentes da falta de habitação, proliferam por esta nossa terra. As autoridades do Centro de Saúde não tomam providências. Os quintais estão repletos de fossas negras, em virtude da falta de uma rede de esgotos [...] Os poços, nas varias casas onde não há agua encanada contaminam-se com as fossas negras e, assim, a população vai se tornando doentia e raquítica.

Uma pequena volta por ruas centrais da cidade permitirá a qualquer interessado elaborar uma lista desses cortiços imundos onde predomina a falta de higiene. O Centro de Saúde precisa zelar pelo bem estar da população e se os seus componentes não veem essas irregularidades, cumpre aos vereadores auxilia-los denunciando as pocilgas que necessitam da visita dos medicos sanitaristas.¹

Na seção *Indicador Profissional*, o *Jornal de São Caetano* passou a anunciar, já em 1946, ano do início de sua circulação, os serviços de profissionais liberais atuantes na cidade. A imagem mostra um panorama de nomes de médicos e dentistas da época, com destaque para as suas respectivas especialidades

Reprodução/Jornal de São Caetano, São Caetano, ano I, n. 3, p. 4, 1 set. 1946

--INDICADOR PROFISSIONAL--

DR. C. PEIXOTO Clínica de Adultos e Crianças Das 8 às 10 e das 17 horas em diante Rua Goiás, 1360 Fone, 233 S. CAETANO — Est. S. Paulo	DR. FLAQUER NETTO CIRURGIA GERAL Clínica de Adultos e Crianças Diatermia - Ultra-Violeta - Infra-Vermelho Consultório e Residência RUA JOÃO PESSOA N. 87 — FONE, 219 SÃO CAETANO Atende chamado a qualquer hora de dia e de noite	CONSULTÓRIO DENTÁRIO Dr. João L. Castro CIRURGIÃO-DENTISTA Raios X — Diatermia e Infra-Vermelho Rua Manoel Coelho n. 184 SÃO CAETANO S. P. R.	PROF. EMANUEL MARQUES CIRURGIÃO-DENTISTA Rua João Pessoa, 29 São Caetano S. P. R.
DR. ÂNGELO A. ZAMBOM MÉDICO PARTEIRO CLÍNICA DE ADULTOS E CRIANÇAS Consultas diariamente das 8 às 11 e das 14 às 17 horas Consultório e Residência R. Baraldi, 778 - SÃO CAETANO - S. P. R.	Dr. Nelson Penteado MÉDICO-OPERADOR RAIOS X Consultório: Rua Goiás, 1673 — Fone, 130 Residência: R. Quintino Bocaiuva, 101 - Fone, 107 SÃO CAETANO — S. P. R.	Consultório Cirúrgico Dentário DO CIRURGIÃO-DENTISTA Antenor Costa RUA CARLOS DE CAMPOS, 115 SÃO CAETANO	AMAURY DE LIMA MARTINS Cirurgião Dentista Av. Conde Francisco Matarazzo, 88 - Sobrado São Caetano S. P. R.
Dr. Roberto Gomes CALDAS Fo. Ex-Adjunto da Santa Casa — Cirurgião do Hospital Leão XIII.	Dr. José Homem de Bittencourt	Dr. J. Eduardo Rezende	Dr. Paulo Gonçalves Pereira Cirurgião Dentista

O engajamento do *Jornal de São Caetano* não se resumiu às questões relatadas acima, chegando também a lançar e a participar de campanhas, como a que se posicionou em prol da construção de um hospital, em face do abandono em que viviam os moradores de São Caetano. Já em 1946, durante seu primeiro ano de circulação, a publicação iniciou essa mobilização, que redundaria, pouco tempo depois, na criação da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, acontecimento decisivo para as articulações verificadas até a inauguração do tão sonhado hospital, em 1954. Os argumentos veiculados pelo periódico local para justificar sua adesão à referida causa são bastante contundentes e endossam sua firme posição de contestador da realidade vigente na cidade, na segunda metade do decênio de 1940:

O abandono em que vive a cidade é desolador. Sem uma condição sanitária à altura, nosso povo não tem, para aumentar sua desdita, um hospital a que possa recorrer num momento de emergência. Já tivemos uma policlínica e essa nos foi tirada, inexplicavelmente [...]²

Embora a localidade contasse com os serviços de um pronto-socorro, inaugurado pela prefeitura de Santo André no dia 10 de agosto de 1946, além de uma sociedade de assistência médica e odontológica³, de caráter privado, que, sob a direção do Dr. Adriano Duarte, oferecia aos associados acesso a algumas especialidades, a necessidade de um hospital era inquestionável, conforme o reconhecimento dos próprios médicos locais. A fala do Dr. José Luiz Flaquer Neto é bastante representativa, neste sentido, expressando os anseios de seus colegas de ofício e da população em geral:

Nós, médicos, desde há muito vimos nos batendo pela construção de um hospital aqui em São Caetano, em virtude das tremendas dificuldades que se nos deparam quando nos vemos à frente de casos cirúrgicos que exigem imediata remoção do paciente para o hospital. Perdemos, no mínimo, três horas de serviços, pois, não havendo em S. Caetano um hospital, temos que providenciar a remoção do doente para Santo André ou São Paulo.⁴

Na medida em que a campanha pró-construção do hospital ganhava vulto e repercussão em São Caetano, o ideal autonomista foi se configurando, tornando-se uma realidade. O jornal, ao abraçar a condição de porta-voz dos interesses locais, encampou mais uma causa: a da independência política são-caetanense frente a Santo André. Assim, o movimento emancipacionista foi sendo tecido junto ao emaranhado de demandas, absorvido e propagado pelo *Jornal de São Caetano*, de modo que a resolução das questões mais prementes não pudesse ser observada ou concebida sem a obtenção da autonomia local. E um dos grandes motes (senão o maior deles) para o alavancamento de uma mobilização popular em torno de tal causa foi a campanha da construção do hospital. Os argumentos do médico Valentim da Silva são bastante esclarecedores ao apontarem:

O hospital só virá, como tudo mais, se São Caetano for autônomo, pois os homens de Santo André não se esforçarão por nós. Lutemos pela autonomia, portanto, e estaremos nos batendo por uma casa de saúde.⁵

Mas, como toda ideia que envolve interesses de uma sociedade, a campanha em prol da instalação de uma unidade hospitalar na cidade foi, em certos momentos, alvo de polêmicas e boatos, conforme revela o texto a seguir:

Sem dúvida, uma das particularidades que desperta mais controvérsias dentro da campanha pró-hospital é a presença de apenas dois médicos [José Luiz Flaquer Neto e Angelo Antenor Zambom] nos trabalhos que se vem desenvolvendo. Há os que julgam terem os demais sido esquecidos. Outros ficam acreditando que apenas aqueles dois facultativos a apoiam [...]⁶

Para afastar qualquer dúvida no tocante ao assunto, o jornal tratou de ouvir a opinião dos demais médicos de São Caetano acerca da aludida campanha. Dentre os que foram procurados, estava o Dr. Souza Voto, que se pronunciou, salientando que

[...] sua colaboração não poderia ser grande, em virtude de se achar com o tempo inteiramente tomado por sua clientela e pelos trabalhos preliminares que vem levando a efeito, a fim de fundar a Casa de Saúde “Bandeirantes”, um hospital particular que [...] fundará em São Caetano. Dizendo que talvez seu hospital venha a ser construído antes – vaticínio digno de louvores – o snr. Souza Voto concluiu, afirmando que, apesar disso, só podia realçar os méritos da filantrópica campanha por nós iniciada à qual emprestaria seu melhor apôio, sempre que possível.⁷

E, de fato, o mencionado hospital foi inaugurado alguns anos antes do pertencente à Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano. Todavia, não com o nome de Hospital Bandeirantes, como noticiado acima, mas sim com a denominação Bartira. O não acesso a fontes que pudessem trazer à baila tal aspecto da história dos bastidores dessa pioneira casa de saúde da cidade não me permitiu discorrer sobre o assunto, especificamente. Por outro lado, o registro do evento de inauguração desse hospital, idealizado pelo médico Souza Voto, pôde ser recuperado para o bem da temática contemplada na presente seção de *Raízes*.



PRÉDIO ONDE FUNCIONOU O HOSPITAL BARTIRA, NA ESQUINA DAS RUAS OSWALDO CRUZ E MARECHAL DEODORO. A UNIDADE HOSPITALAR FOI INAUGURADA EM SETEMBRO DE 1948, POR INICIATIVA DO DR. SOUZA VOTO. AO FUNDO, VÊ-SE PARTE DAS INSTALAÇÕES DA FERRO ENAMEL

O Hospital Bartira – Diante do que foi exposto até o momento, fica evidente a importância de um empreendimento como o relativo à construção de tal hospital em São Caetano, localidade tão carente nos mais primordiais aspectos urbanos, naquele decênio de 1940. Na ausência de uma casa de saúde, o Hospital Bartira supriria essa lacuna. Na reportagem sobre sua inauguração, publicada na edição de 16 de setembro de 1948 do *Jornal de São Caetano*,

é possível perceber o enaltecimento dado ao fato, algo plenamente justificável pelas conjunturas reinantes na cidade, na época, e pela própria trajetória de luta que o periódico vinha trilhando em favor da implantação de melhorias, nas quais figurava a reivindicação relativa à edificação de um hospital. Em suma, o jornal tinha duplo motivo para expressar sua satisfação, embora seu empenho em relação à concretização do que viria a ser o Hospital São Caetano continuasse a ser verificado nos anos seguintes. Por todas as razões elucidadas, é imprescindível a transcrição do texto referente à matéria sobre a inauguração do Hospital Bartira, além de a mesma constituir-se no único registro (pelo menos no único que se tem notícia) acerca do episódio em questão. Eis, portanto, a reportagem:

Graças a Deus e aos esforços de particulares, São Caetano possui, desde o dia 7 [de setembro] último, um estabelecimento hospitalar que si não é suficientemente grande para atender uma população de quasi cinquenta mil habitantes terá pelo menos o condão de tranquilizar as famílias sancaetanenses, quanto ao internamento urgente de um doente.

O Hospital Bartira, inaugurado, como dissemos, terça-feira última, é a concretização de uma velha aspiração do Dr. Souza Voto, e foi construído graças a seus esforços, dedicação e tenacidade, e teve a coadjuvã-lo apenas pessoas de sua família – sua esposa e filho.

Fomos dos que sempre afirmaram que si São Caetano possui alguma cousa, é obra exclusivamente de particulares, não havendo jamais, para apoiar quaisquer melhoramento, o menor bafejo de poderes públicos quer Federal, Estadual e muito menos municipal. Citamos como exemplo, para reforçar nossa assertiva, o caso da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, legalmente constituída e registrada, que já arrecadou mais de quinhentos mil cruzeiros do povo

e de algumas indústrias locais, e que, entretanto, não recebeu um níquel sequer dos poderes publicos...

Cresce por este motivo a nossa admiração à iniciativa do Dr. Voto, que praticamente sozinho, idealizou e concretizou a construção do primeiro hospital em nossa terra.

A cerimônia de inauguração do Hospital Bartira foi simples, falando inicialmente o Dr. Voto; em seguida finalizando, falou o snr. José do Amaral Wagner, em nome do snr. Prefeito Municipal [...] Após o ato inaugural, foi oferecido aos presentes uma taça de champagne, acompanhada de doces e salgados finos. Conseguimos anotar, além dos já acima mencionados, a presença das seguintes pessoas: Dr. Angelo Zambom e senhora, Dr. José Luiz Flaquer Neto e senhora, Dr. Adriano Duarte e senhora, Dr. Abib João Kirche, Dr. Peixoto, Dr. Nardini, Dr. Refinetti, Eng. Angelo R. Pellegrino, casais: Celso Marchesan, Carlos Picozzi Venicio Ricci, João Cambauva, e Paulo G. Pereira; snrs.: José Cambauva, Antonio Bovolento, Candido Barbosa Filho, Francisco Grecco Netto, Aldo Gastaldo, Vereador Anacleto Campanella, Imbriani Paolone, Ricardo Falchero, Biagio Cersóssimo, Pompeu Andreucci e um grande número de pessoas [...]

Para finalizar, desejamos apresentar aos nossos leitores alguns apontamentos interessantes sobre o hospital recém-inaugurado e localizado à Rua Osvaldo Cruz [...] Sua capacidade total é para 20 – 25 leitos, acomodados na seguinte forma: 7 quartos, 2 apartamentos e 2 enfermarias.

Dispõe ainda do seguinte: 2 salas cirúrgicas, onde se sobressai um moderníssimo aparelho para anestesia, marca “Heidbrink”; 1 sala para esterilização e uma sala para curativos. Conta também com um moderno aparelho de Raio X, marca “Westinghose”, de 20 W e 100 Kv, tenda para oxigênio e um aparelho para aspiração.

A construção do Hospital esteve sob a respon-

sabilidade dos engenheiros Alberto Campos e Américo Pezzolo.⁸

Dr. Souza Voto, o idealizador – O informativo da Associação Paulista de Medicina (Regional de São Caetano), intitulado *Olho Clínico*, trouxe em sua primeira edição, em 1988, uma matéria sobre o idealizador e fundador do Hospital Bartira, Dr. Souza Voto, que, na ocasião, ainda exercia a profissão, no auge de seus 85 anos. Na sequência, seguem os principais trechos da referida matéria, que, dentre outras informações, privilegia dados biográficos e profissionais desse respeitável médico, além de informações a respeito do hospital que é tema deste artigo:

Dr. Antonio de Souza Voto. Médico dedicado, humano, que apesar dos 85 anos de vida, afirma que só irá interromper suas atividades clínicas quando não tiver mais condições físicas e mentais. Em seu consultório, instalado na rua Manoel Coelho, centro de São Caetano, ele continua atendendo diariamente vários pacientes, sempre com carinho e atenção. Aliás, dedicação que sempre o acompanhou.

Natural de Ponta Grossa, Paraná, Dr. Souza Voto formou-se em 1937, na Faculdade de Medicina daquele estado, com muito sacrifício. “Quando me formei, não tinha dinheiro algum. Mas, felizmente, contava com muitos amigos”, lembra ele. No ano seguinte, veio para São Paulo com a família e instalou-se em São Caetano [...] “Acreditei neste lugar”, diz ele. Com muita luta e apoio da esposa [...] fundou em 1948 o Hospital Bartira, o primeiro da cidade.

Primeiro Hospital

O prédio ficava na rua Oswaldo Cruz e foi levantado com dinheiro de empréstimo junto ao Banco São Caetano. “O diretor do banco era meu amigo e me ajudou muito. Foi duro na época. Tive

de pagar as contas com juros e correções, mas me deu muita satisfação”, conta o Dr. Souza Voto, que naquele hospital salvou muitas vidas junto com equipe de outros médicos especializados.

O Hospital Bartira foi criado para evitar as longas viagens que os enfermos faziam para chegar aos hospitais de São Paulo. Apesar de pequeno, contava com infra-estrutura suficiente para todo tipo de atendimento. “Era um paradigma em relação aos pequenos hospitais. Mas após nove anos de trabalhos ininterruptos decidi fechá-lo. Não fiquei preocupado porque o Hospital São Caetano já existia e a população teria onde recorrer” [...]⁹

Com uma breve história, o Hospital Bartira deixou seu nome registrado no cenário da saúde de São Caetano, em uma época em que a cidade encontrava-se às voltas com dificuldades e problemas de ordem elementar. Seu precário quadro urbano, onde prevalecia, sobretudo, a falta de uma rede de esgoto e saneamento básico, potencializava a disseminação de doenças e endossava a urgente necessidade de instalação de uma unidade hospitalar na localidade, colocando em xeque a continuidade de seu vínculo político junto a Santo André e reforçando, assim, o ideal emancipacionista. Por uma convergência de circunstâncias, o pioneiro Hospital Bartira surgiu em 1948, ano que entrou para a história do município de São Caetano do Sul por ocasião da conquista de sua tão batalhada autonomia política e administrativa. **(Cristina Toledo de Carvalho) R**

NOTAS

¹ SÃO Caetano, foco de moléstias. *Jornal de São Caetano*, São Caetano, ano III, n. 57, p. 4, 5 set. 1948.

² IMPÔE-SE a construção de um hospital em São Caetano. *Jornal de São Caetano*, São Caetano, ano I, n. 3, primeira página, 1 set. 1946.

³ Tratava-se da Assistência Médica São Caetano, que se encontrava sediada na Rua Baraldi, nº 702. O quadro de médicos era constituído pelos seguintes profissionais: Dr. Francisco Colafemia (clínico), Dr. José Nelson da Silva (clínico ginecologista), Dr. Thomaz Preza Martins (pediatra), Dr. Lauro A. Santana (cirurgião), Dr. José Lucas de Souza (oftalmologista), Dr. Milton S. Pereira (traumatologista), Dr. João Batista e Dr. Alarico J. Moreira (dentistas).

⁴ HOSPITAL de São Caetano, uma ideia em marcha. *Jornal de São Caetano*, São Caetano, ano I, n. 6, primeira página, 20 out. 1946.

⁵ DEEM um hospital à nossa terra. *Jornal de São Caetano*, São Caetano, ano I, n. 4, primeira página, 22 set. 1946.

⁶ O apoio da classe médica. *Jornal de São Caetano*, São Caetano, ano I, n. 18, última página, 20 abr. 1947.

⁷ Ibidem, última página.

⁸ HOSPITAL Bartira. *Jornal de São Caetano*, São Caetano, ano III, n. 58, última página, 16 set. 1948.

⁹ BIAJO, Elaine. Dr. Souza Voto: exemplo de dedicação. *Olho Clínico*, São Caetano do Sul, ano I, n. 1, última página, set., out. 1988.

Mário Porfírio Rodrigues

Vista panorâmica do Hospital São Caetano, localizado na Rua Espírito Santo, nº 277, no Bairro Santo Antonio, na década de 1990

Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

COMO E POR QUE FOI FUNDADO O HOSPITAL BENEFICENTE SÃO CAETANO

Quando Walter Thomé e eu deliberamos lançar o *Jornal de São Caetano*, tínhamos uma ideia na cabeça. O nosso objetivo, e essa foi a linha de conduta exposta no primeiro editorial, era tornar o então segundo subdistrito de Santo André em município independente. Editado o nº 1, em 28 de julho de 1946, saímos ambos pela cidade indagando o que mais desejavam os são-caetanenses para a localidade onde viviam. A nossa aposta era que

a população opinasse pela separação de São Caetano e Santo André. Sem forçar a resposta de cada entrevistado, estávamos esperando o resultado que desejávamos, mas deixando que cada um se manifestasse livremente.

Terminado o trabalho, Thomé e eu nos reunimos com Osmar Pimentel, nosso professor de redação na Escola Técnica de Comércio 30 de Outubro, onde estudávamos no período noturno, após jornada de trabalho como operários. Além de ser o nosso mestre e mentor intelectual, era crítico literário do jornal *Folha de S. Paulo*, ocupava cargo de destaque no governo estadual e pertencia à Academia Paulista de Letras. Contamos e recontamos as respostas e, ao contrário do que imaginávamos, outra reivindicação teve destaque.

A população de São Caetano queria, mais do que tudo e com urgência, uma Santa Casa

para cuidar da saúde debilitada de todos. Era grande o índice de óbitos, especialmente entre crianças, causados pelo tifo, pois bebíamos água de cisternas, construídas no mesmo quintal das residências, onde era enterrada semanalmente uma lata com os dejetos que a família produzia durante a semana, na “casinha” localizada fora da habitação.

Conversamos muito sobre o assunto. São Caetano não tinha pronto-socorro, nem hospital, apenas dois ou três médicos que cobravam para consultar o paciente. Enfim, não era difícil entender o porquê da maioria das respostas.

Afinal, concluímos que, se o *Jornal de São Caetano* queria ter credibilidade, não poderíamos deixar sem resposta todas aquelas pessoas que se manifestaram nessa enquete. As matérias sobre o assunto continuaram e, paralelamente, os diretores do periódico foram tomando outras providências. A principal delas foi a convocação de uma reunião, realizada no dia 9 de outubro de 1946, às 20h, na sede do Clube Comercial.

Participaram representantes das várias camadas para estudar as bases de uma campanha

popular destinada à construção de uma Santa Casa. Novas reuniões se seguiram, sempre com maior número de convidados, até ser nomeada uma comissão para elaborar os estatutos sociais. Fizeram parte desse grupo: José Luiz Flaquer Neto, Angelo Antenor Zambom, José Homem de Bittencourt, Mário Porfírio Rodrigues, Verino Segundo Ferrari e Walter Thomé.

Convocada pelo *Jornal de São Caetano*, realizou-se em 7 de dezembro de 1946, a assembleia geral de fundação da Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano, com a presença de 105 pessoas. Para presidir a reunião, foi aclamado o nome do então delegado de polícia da cidade, Marcos Nogueira Garcez, cujo irmão, o engenheiro Lucas Nogueira Garcez, seria eleito, alguns anos depois, governador do Estado de São Paulo.

Foram escolhidos os 30 membros do primeiro conselho administrativo e aprovado o estatuto social, segundo o qual a sociedade deveria funcionar. Após quatro dias, em 11 de dezembro de 1946, reuniu-se o conselho administrativo, que elegeu a primeira diretoria composta por: Ângelo Raphael Pellegrino (presidente), João Dal’Mas

(vice-presidente), Arlindo Marchetti (secretário-geral), Paulo de Oliveira Pimenta e Mário Porfírio Rodrigues (primeiro e segundo secretários, respectivamente), e Verino Segundo Ferrari e Venício Nicolau Ricci (primeiro e segundo tesoureiros, respectivamente).

No dia 19 de dezembro de 1946, foram registrados a ata de fundação e os estatutos sociais no 3º Registro de Títulos e Documentos (Cartório Adalberto Netto). Julgamos importante destacar que, no estatuto aprovado e registrado em cartório, em seu artigo 1º constava: “(...) destinada a prestar serviços de assistência médico-hospitalar às classes menos abastadas deste distrito”.

E, no artigo 3º, reforçava: “Tem como objetivo fundamental ser organização própria da população local, verdadeiro patrimônio do povo, para o qual foi criado, e ao qual prestará, gratuita e indistintamente, os benefícios de assistência médico-hospitalar-odontológica-farmacêutica e maternidade”. Constava ainda nos estatutos até 30 de maio de 1973: “Aos membros da diretoria será permitida uma única reeleição consecutiva para o mesmo cargo”.

Significado da palavra *beneficente* agregada ao nome do hospital, explicada pelo advogado Antonio Russo, em seu inteiro teor: “Em primeiro lugar, porque a cidade reclamava o benefício de possuir um hospital onde tratar seus enfermos, não importando indagar se o tratamento seria pago ou gratuito. Muito mais que um benefício prestado, como favor pessoal ao enfermo carente, o Hospital visava prestar, à comunidade carente, o enorme benefício de suprir aquela intolerável lacuna. Em segundo lugar, porque naqueles tempos de dificuldades incontáveis, a Previdência Social não custeava internações nem tratamento médico de seus contribuintes. Em terceiro lugar porque nem Estado nem os municípios prestavam qualquer tipo de assistência médico-hospitalar à população, exceto o Hospital das Clínicas de São Paulo, para onde acorriam enfermos de todo o Estado, formando filas intermináveis”.

Trecho da edição do Jubileu de Ouro do Informativo do Hospital Beneficente São Caetano, p.10

Este redator participou da elaboração do primeiro estatuto e afirma que respeitáveis sulsão-caetanenses, como Accácio Novaes, Ângelo Raphael Pellegrino, Avelino Polli, João Dal’Mas, Verino Ferrari, Vinício Ricci, Jacob João Lorenzini e muitos outros, além dos diretores do *Jornal de São Caetano*, Luiz Rodrigues Neves, Mário Porfírio Rodrigues e Walter Thomé, acreditavam piamente que seria possível atender o que fizeram constar no estatuto. E isso foi amplamente comprovado durante os primeiros 20 anos de funcionamento do Hospital Beneficente São Caetano. Durante essas primeiras duas décadas de funcionamento, o nosso hospital tornou-se referência em toda a região do ABC, graças aos excelentes serviços que prestava.

“Após a inauguração do primeiro bloco hospitalar, em 1954, por indicação do diretor clínico, Abib João Kirche, foram admitidos os médicos responsáveis pelos plantões, Dr. Flaquer Neto, Dr. Nelson Penteado, Dr. Ivanhoé Espósito, Dr. Angelo Antenor Zambom e Dr. Fuad Ferreira, cada um deles responsável por 24 horas de plantão. O serviço de residentes foi exercido por dois médicos: Dr. Oswaldo Cipullo e Dr. Pedro Miguel, e as anestésias eram realizadas pelo Dr. Hugo Vespucchi. Quanto ao atendimento à maternidade, a chefia da obstetrícia ficou a cargo da senhorita Melpomene e de outras parteiras. O enfermeiro do centro cirúrgico chamava-se Liberato, que residia no próprio hospital. A radiologia ficou a cargo do Dr. Walter Rossi. Já os serviços de berçário e neonatalidade, ficaram sob a chefia do Dr. Roberto Guidoni.”

“Antes de iniciar os seus trabalhos normais de atendimento, o hospital fechou acordo com as Irmãs Clarissas Franciscanas. Elas iriam colaborar na parte administrativa, no atendimento às pessoas, na manutenção de um clima sereno e na assistência religiosa. (...) o hospital, para ser completo, devia transpirar um clima próprio, respeitoso, sério, que as Irmãs estavam aptas a criar e felizmente acabaram criando e mantendo. O hospital tinha uma capela, entregue aos cuidados das mesmas irmãs e de um capelão.”

Trechos do livro *Um Jornal, Uma Vida – A saga do Jornal de São Caetano e outras mais*, de autoria de Mário Porfírio Rodrigues

“E as Clarissas Franciscanas, espalhadas nesse emaranhado de coisas diversas, ouvindo e confortando os enfermos, aconselhando os familiares, tornando o silêncio dos quartos em ambiente de paz, alegria e conforto para o espírito. Desde o início essa atitude foi de uma validade extraordinária, gerou respeito e a ordem em toda a casa. (...) O amor está em toda parte e portanto aí não pode medrar a semente do ódio, da indiferença nem do desinteresse.”

Irmã Lídia Lopes de Assis, na edição do Jubileu de Ouro do Informativo do Hospital São Caetano, p. 16

Até aí, havia um motivo de júbilo entre os que abraçaram essa ideia e fundaram a Sociedade Beneficente Hospitalar São Caetano. Estávamos orgulhosos e certos do dever cumprido. Tudo foi resultado de um trabalho elogiável de um grupo de pessoas dedicadas e determinadas, sem dinheiro, sem nenhuma ajuda oficial, nem apoio externo, contando única e simplesmente com a boa vontade e o desejo de fazer algo muito importante em benefício da coletividade.

Triste e lamentável não poderemos concluir este artigo com palavras bonitas e agradáveis. Na qualidade de um dos fundadores dessa entidade, este redator se julga obrigado a registrar, no encerramento desta narração, o fato de maus dirigentes terem feito várias alterações no estatuto social, em suas principais cláusulas, para se eternizar no poder, a despeito das minhas advertências, das cartas que escrevi e dos artigos que publiquei em jornais locais. Os desmandos continuaram até levar essa linda e elogiada obra, idealizada em 1946, a um estado falimentar. Nestes meus 90 anos de idade, com o coração amargurado, confesso a minha decepção com algumas espécies do ser humano. **R**

Dr. Oswaldo Cipullo durante consulta pediátrica, na década de 1950



Corpo médico e de enfermagem do Hospital São Caetano. O quarto, sentado, da esquerda para a direita, é Júlio Marcucci, diretor administrativo. O quinto é o Dr. Abib João Kirche, primeiro diretor clínico. Ao lado dele, Dr. Ivanhoé Espósito. Foto de 25 de julho de 1954



Outros aspectos do hospital na década de 1980



MÁRIO PORFÍRIO RODRIGUES

FOI FUNDADOR DO *JORNAL DE SÃO CAETANO* E DO HOSPITAL SÃO CAETANO. É MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO E DO CONSELHO EDITORIAL DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Marília Tiveron

APM SÃO CAETANO:

HÁ 53 ANOS COMO
EXPRESSÃO DE UMA
CLASSE E EXERCÍCIO
DE CIDADANIA E
DEDICAÇÃO

Fachada da Regional de São Caetano da Associação Paulista de Medicina, localizada na Rua São Paulo, no Bairro Santa Paula



O início desta história remonta a 20 de junho de 1962, quando é fundada a Regional de São Caetano da Associação Paulista de Medicina, após assembleia presidida por Antonio de Souza Voto em uma sala de reuniões do Hospital São Caetano. Mas apenas ao se fazer um breve retorno histórico é possível compreender como surgem as associações de classe e a consolidação de seus direitos, deveres e sua importância para os trabalhadores.

No século 18, durante a Revolução Industrial, os proletários, que vendiam sua força de trabalho aos latifundiários e industriais, detentores dos meios de produção, já começavam a se organizar em associações de mútuo socorro, que tinham caráter assistencialista e acabaram por formar as bases dos sindicatos e outras entidades. Não é coincidência que todo este movimento tenha surgido no país que ficou conhecido como o “berço do capitalismo”, a Inglaterra. Era, então, a luta dos explorados contra os exploradores. E é desse embate cotidiano que surgem as primeiras formas de organização dos trabalhadores.

Com o avanço da industrialização, e do aprendizado e consciência por parte dos assalariados com relação à fundamental união entre eles, os trabalhadores passaram a se dividir por ramo de atividade. Assim, a luta, antes travada pela incessante busca do lucro e da mais-valia contra menores jornadas de trabalho e melhores salários e condições de vida, tem seus objetivos expandidos e diversificados. No Brasil, a Constituição de 24 de fevereiro de 1891 já assinalava a liberdade de associação.

APM de São Caetano – Hoje visto como um processo de luta por transformações do meio em que se vive e trabalha, o associativismo é também

enxergado como forma de cidadania e de zelo pela ética profissional. Este é o perfil da Associação Paulista de Medicina (federada da Associação Médica Brasileira), que, atualmente, conta com 14 distritais, compostas por 73 regionais, entre elas, a de São Caetano do Sul.

Entre seus objetivos, podem ser destacados a reunião de médicos da região, com a finalidade de promover o aperfeiçoamento da cultura médica, a união e defesa da classe, proteção e auxílios mútuos; a promoção de reuniões de caráter científico e cultural e a colaboração com as autoridades para melhorar as condições de atendimento à saúde. “A nossa função na cidade também está ligada à Secretaria de Saúde por estarmos sempre auxiliando na divulgação de campanhas (...) e trabalhos tanto da saúde pública quanto da privada, não só na cidade, mas também na região”, afirma o atual presidente da associação, Marcos Sérgio Gonçalves Fontes. Ainda dentro dessas premissas, a associação realiza, toda última quarta-feira do mês, palestras sobre oncologia. Encontros sobre outros temas ocorrem de acordo com época e demanda. Segundo Fontes, esses eventos são voltados não só para a classe médica, mas também para demais profissionais do setor da saúde e interessados em geral.

Após se deslocar da Avenida Goiás, nº 463, para a Rua Manoel Coelho, nº 500, desde o final da década de 1980, a sede administrativa e social da APM São Caetano se localiza na Rua São Paulo, nº 1.815, e conta com auditório, sala de estar, salão de festas, biblioteca, churrasqueira, campo de futebol *society*, entre outros espaços. Acesso à biblioteca com mais de 35 mil títulos, assessoria jurídica e casa de campo na Serra da Cantareira estão entre as vantagens que os mais de 700 associados de São Caetano podem desfrutar. “Através da Central (APM de São Paulo), são oferecidos cursos, ligas, aos quais podemos assistir sem custo nenhum. Uma das



Acervo/APM São Caetano

Público lota auditório durante palestra sobre oncologia, realizada mensalmente há mais de dez anos



Acervo/APM São Caetano

Uma das edições do jantar dançante, em comemoração ao Dia do Médico (18 de outubro) e que também marca a posse da nova diretoria. Este é um dos grandes momentos de confraternização entre os associados

Reprodução/Olho Clínico - Informativo da APM São Caetano, ano XVI, n. 178, jul. 2004



Associados da APM São Caetano participam de assembleia, realizada em 15 de julho de 2004, sobre a implantação da Classificação Brasileira Hierarquizada de Procedimentos Médicos



Reprodução: Olho Clínico - Informações da APM São Caetano, anos 1, 206, set. e out. 1988 e nov. 2006

preocupações da associação é exatamente essa, fazer com que o médico se atualize, se recicle.”

Além disso, o associado também tem descontos em lojas, hotéis e na saúde privada, pois “ele pode aderir a um plano de saúde através da APM, ao passo que seria muito mais difícil fazer isso por conta própria, porque os planos de saúde estão praticamente fechados”, afirma Fontes.

Olho Clínico – A eficaz e efetiva comunicação com os associados sempre foi uma preocupação da associação, por isso, em 1988 foi criado o jornal *Olho Clínico*. “Uma entidade de classe como a Regional de São Caetano da Associação Paulista de Medicina precisa ter um eficiente canal de comunicação com seus associados. As circulares enviadas periodicamente mostram-se insuficientes para divulgar o grande volume de atividades desenvolvidas. Assim, decidimos lançar o *Olho Clínico*, que circulará bimestralmente, trazendo notícias do interesse dos associados.” É desta forma que, no editorial do primeiro número, referente aos meses de setembro e outubro, o então presidente da APM São Caetano, Reinaldo Luiz Salmazo, apresenta a publicação. E continua: “O jornal é um velho sonho da Regional e teve o apoio decisivo da atual diretoria que espera, com esta publicação, informar e sobretudo integrar os médicos que atuam em nossa cidade. *Olho Clínico* não deve ser entendido como um boletim da diretoria e sim como um espaço aberto a todos os associados, que poderão participar mandando cartas, artigos, sugestões e colaborações diversas. Só assim o jornal poderá, de fato, representar a classe médica de forma mais justa possível”.

Desde o primeiro número, o jornal é dividido por seções, o que facilita a leitura. Algumas delas se fazem presentes em grande parte dos números rodados, como editorial (que existe até hoje), notícias (que se chama *Por dentro da APM*), perfil (que recebeu o nome de *Nossa Gente*) e coluna social. É interessante notar a evolução gráfica do material, que passou a ser impresso em cores, aumentou o número de páginas e a tiragem (hoje são 1,7 mil exemplares), e substituiu as tradicionais charges da capa por fotografias. Além disso, em 1991, sua periodicidade passou de bimestral para mensal.

O primeiro número homenageou o médico Antonio de Souza Voto, que fundou, em 1948, o Hospital Bartira, em São



PRIMEIRA CAPA DO JORNAL *OLHO CLÍNICO* (ACIMA), IMPORTANTE INSTRUMENTO DE DIVULGAÇÃO DE IDEIAS, EVENTOS E PALESTRAS DA CLASSE MÉDICA, E CAPA DA EDIÇÃO Nº 206, DE NOVEMBRO DE 2006, SOBRE MEDICINA FETAL. COM OS ANOS, O VISUAL DA PUBLICAÇÃO PASSOU POR COMPLETA TRANSFORMAÇÃO

Caetano. Com o passar dos anos, não só a apresentação do texto se transformou, indo de pequenos artigos a perguntas e respostas e, depois, a reportagens maiores, como também o perfil dos entrevistados, sendo que, inicialmente, eram prestadas homenagens apenas a profissionais mais experientes, e, hoje em dia, também há espaço para jovens médicos.

Pesquisas divulgadas pelo Departamento de Saúde da Grande São Paulo (SUDS R-9) eram reproduzidas pelo jornal, com o objetivo de alertar os médicos da cidade e promover o debate para a diminuição da incidência de doenças, como o caso da meningite e da Aids. Esses números também servem de importante base de dados para acompanharmos a evolução do sistema de saúde em São Caetano.

O SUDS – Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde -, aliás, foi um dos temas que, durante algumas edições, ocupou o editorial da publicação, que buscava explicar o novo sistema, e as mudanças acarretadas para médicos e pacientes. Temas sensíveis e polêmicos também não escaparam do *Olho Clínico*, como erro médico e o péssimo desempenho de estudantes de medicina em teste aplicado, em caráter experimental, para o exercício da profissão, no início da década de 1990. “Com a reprovação de mais de 60% dos candidatos, no primeiro exame de qualificação para médicos realizado no Estado de São Paulo, constatou-se a precariedade do ensino médico nas faculdades”, afirmava nota da edição nº 18.

O adiamento da aposentadoria para médicos mereceu matéria de capa na edição nº 29, que afirmava que “aposentar-se significa sobreviver com rendas irrisórias, além de deixar de exercer uma importante função social. Assim, o sonho da aposentadoria, período para um merecido descanso e para aproveitar as boas coisas da vida, acaba se transformando em um pesadelo”.

Mesmo questões políticas foram abordadas, por exemplo, com o editorial intitulado *Como o novo Governo pode ganhar a nossa credibilidade*, que relata as expectativas da classe para o mandato do recém-eleito presidente Fernando Collor de Mello, ou a matéria que aborda o plebiscito de 21 de abril de 1993, quando o país teve de escolher entre parlamentarismo com república, parlamentarismo com monarquia e presidencialismo, o que demonstra que o jornal estava em consonância com seu tempo e antenado com assuntos em destaque na ocasião. Exemplo mais recente é a matéria da edição nº 311, de setembro de 2015, que recebeu o título *APM repudia novo corte no orçamento da Saúde*.

Aniversários e falecimentos também estão registrados nos primeiros números, assim como a divulgação de eventos e atividades oferecidas, não só no âmbito médico, como aulas de ginástica feminina, coquetelaria ou ainda a realização de um concurso de pintura.

Um grande acontecimento presente em todas as edições do segundo semestre é o jantar dançante em comemoração ao Dia do Médico (18 de outubro), tradicionalmente realizado pela Regional de São Caetano, e que também marca a posse da nova diretoria da entidade a cada três anos. Nas edições, é possível acompanhar tanto a venda dos convites e relação das atrações (em 1994, a festa foi animada pelo cantor e compositor Toquinho e, em 1995, foi a vez de Ivan Lins) quanto a posterior descrição e fotos do evento. Este é um dos mais importantes momentos de congraçamento, amizade e descontração entre os associados. Demais eventos que tinham esse mesmo objetivo, o de reunir os médicos da cidade, também ganharam destaque em outras edições, por exemplo, a realização de um torneio de futebol que marcou a reinauguração do campo *society* da sede.

Assim como nos dias de hoje, a APM, desde sua fundação, se apresenta como uma asso-

ciação não só voltada para a classe médica, mas também defensora da saúde. Na edição nº 23, essa vocação é demonstrada pela matéria *Um projeto pela qualidade dos hospitais*, que traz no intertítulo a seguinte explicação: “Com o objetivo de fazer uma avaliação isenta, responsável e transparente dos serviços prestados pelas entidades médico-hospitalares, a APM e outras entidades, inclusive a Secretaria da Saúde do Estado, propuseram um projeto-piloto do Programa de Avaliação e Controle de Qualidade do Atendimento Médico-Hospitalar, que será testado e posteriormente implantado em todo o Estado”.

A edição nº 68, de maio de 1995, aborda o cotidiano de enfermeiras, descritas como “profissionais competentes que estão sempre de olho no paciente, cuidando e torcendo para que ele se recupere o mais rápido possível”, o que demonstra o entrosamento da APM com os demais profissionais da área, como enfermagem, fisioterapia e nutrição (profissão abordada na edição nº 77, de fevereiro de 1996).

O jornal também serviu de meio de divulgação para campanhas as quais foram promovidas pela APM de São Caetano, como a de doações de livros para a biblioteca local, ou foram apoiadas pela associação, como a arrecadação de remédios, realizada pelo banco Banespa (atual Santander).

Com a chegada dos anos 2000, o *Olho Clínico*, além de eventos e fatos municipais, passou a dar mais destaque para o que ocorria com a saúde nos municípios vizinhos, como Santo André e São Bernardo, e a temas mais abrangentes, como Aids na terceira idade, doenças reumáticas e dependência química.

Com ampliação e renovação. É assim que caminha não só o *Olho Clínico*, mas também a APM São Caetano, valorizando o passado, analisando o presente e acreditando em um futuro próspero e são. **R**

Confira quem já passou pela presidência da APM São Caetano até a atual gestão:

Cícero Geraldo Cardoso Carneiro

(20/6/1962 a 29/12/1964)

Aguinaldo Quaresma

(30/12/1964 a 16/6/1966)

José Oscar da Silva Bottas

(17/6/1966 a 28/8/1975)

Hermínio Moreira

(29/8/1975 a 22/8/1985)

Reinaldo Luiz Salmazo

(23/8/1985 a 30/9/1989)

José Jayme Tavares Soares Junior

(1/10/1989 a 30/9/1993)

Erlan De Marco

(1/10/1993 a 31/10/1997)

Ailton Arantes Ferraz

(1/11/1997 a 31/10/2002)

José Roberto Espíndola Xavier

(1/11/2002 a 30/10/2008)

Valter de Oliveira Filho

(31/10/2008 a 30/10/2011)

Marcos Sérgio Gonçalves Fontes

(desde 31/10/2011)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- <http://apefpa.com/2013/index.php/todas-as-noticias/184-qual-a-importancia-de-uma-associacao-de-classe>. Acesso em: 12 out. 2015.
- <http://www.apm.org.br/distritais-e-regionais.aspx>. Acesso em: 2 out. 2015.
- <http://www.contag.org.br/imagens/Origemepapeldossindicatos-AltamiroBorges.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.
- http://www.fenassec.com.br/c_artigos_congresso_xii_consec_resumo_palestra13.html. Acesso em: 11 out. 2015.
- <http://www.forumdaconstrucao.com.br/conteudo.php?a=0&Cod=234>. Acesso em: 12 out. 2015.
- <http://www.ligaoperaria.org.br/documentos/congresso2-1.htm>. Acesso em: 10 out. 2015.
- <http://www.secovi.com.br/noticias/confira-o-artigo-sobre-a-importancia-da-associacao-na-vida-do-empendedor/970/>. Acesso em: 12 out. 2015.
- <http://www.sintel.org.br/historico/>. Acesso em: 12 out. 2015.

MARÍLIA TIVERON

É JORNALISTA, PÓS-GRADUANDA EM BENS CULTURAIS PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV-SP) E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Eva Bueno Marques

DR. ABIB JOÃO KIRCHE:

TODA UMA VIDA DEDICADA À MEDICINA

Sinto-me deveras feliz e realizada por ter tido o privilégio de entrevistar um grande homem, cidadão aqui residente, conhecido e respeitado, merecedor da reverência de várias gerações, de clientes, amigos e conhecidos, pelo dedicado exercício da medicina em São Caetano do Sul, com tal nobreza e amor, por mais de meio século!

A figura provecta do Dr. Abib João Kirche cumprimentou-me emotivo e com a gentileza de sempre. Sua esposa, Ivete Voto Kirche, a fina gentileza em pessoa, elegante, simpática, educada, já havia separado, com antecedência, todo o material que registrava a trajetória brilhante de seu esposo, de quem foi - e ainda é - a maior incentivadora. Uma nobre e enternecedora recepção, tão acolhedora que me deixou realmente muito à vontade.

Como toda história tem um início com surpresas do destino, esta não fugiu à regra: Era uma vez, num navio em alto mar, a caminho do Brasil, dois jovens que resolveram tentar a vida neste país. Ele, João Elias Kirche, sírio de Damasco, e ela, Zequinha Waquim, do Líbano. Os olhares de ambos se cruzaram naquela insólita ocasião e a afeição brotou com ternura, tendo apenas o céu e o imenso mar por testemunhas, com o encanto do doce balanço das ondas. Foi nessa viagem que os pais do Dr. Kirche se conheceram, amaram-se e acabaram se casando, mais tarde, aqui no Brasil. O lugar escolhido para se estabelecerem foi Teresina, capital

do Estado do Piauí. Lá, ele abriu um grande estabelecimento comercial, trabalhou muito e chegou a fazer fortuna, tornando-se um dos homens mais ricos da cidade. Nosso entrevistado foi o quinto dos sete filhos que compuseram a prole do casal sírio-libanês de imigrantes.

Mas, como não há bem que dure para sempre, João Kirche adoeceu. Como vinha sempre se consultar em Campinas com um médico de renome, a família acabou se mudando para aquela cidade, o que facilitava o tratamento. Ainda assim, infelizmente, ele veio a falecer, precocemente, aos 33 anos, deixando viúva Zequinha com os sete filhos, ainda pequenos, sendo que, naquela época, o menino Abib, nosso entrevistado, contava apenas com 4 anos e meio. E, a esse infortúnio, veio juntar-se outro mais: a perda de todo o patrimônio que o casal havia amealhado no Nordeste, porque, seguindo a tradição familiar, na falta do pai, o filho mais velho deveria assumir as rédeas da família. E, nesse caso, o primogênito contava com apenas 12 anos! Imaturo e levado pelos arroubos da adolescência, não se continha para

Dr. Abib João Kirche ao lado da esposa, Ivete Voto Kirche. Foto de 2015



Foto: Antonio Reginaldo Camboni (EPAS/SC)

dar presentes caros às moças que o rodeavam. Sua generosidade o levou a gastar toda a fortuna que o pai, com tanta luta e sacrifícios, conquistara. A mãe, por sua vez, assoberbada com a numerosa família, não teve suficiente autoridade para impedir tamanha insensatez do jovem filho, o que levou todos à dura pobreza.

Entretanto, nessa nova vida de muitas privações, a família teve uma ajuda enorme, muito oportuna, de dona Dedé, uma ajudante do lar, que com eles permaneceu e foi o esteio na criação e educação das crianças e nos múltiplos afazeres do lar. Enfim, ela acabou por tornar-se tão próxima e querida, que Dr. Kirche a ela se referia como sua segunda mãe.

Em meio às dificuldades da nova vida, o menino Abib fez seus estudos na cidade de Campinas, sempre em escolas públicas, de onde só saiu para cursar o pré-médico, que, naquela época, era exigido para ingressar na faculdade de medicina. Partiu, então, para a cidade do Rio de Janeiro, onde foi estudar no Colégio Universitário. Muito dedicado e estudioso, conseguiu, com o reitor, gratuidade até mesmo da taxa de matrícula. Hospedou-se em modesta pensão e, como não tinha recursos para pagar todas as refeições do dia, optava por comer coalhada à tarde, o que acabou lhe rendendo o apelido da comida entre os colegas.

Contudo, diz o provérbio que nas dificuldades é que mais crescemos. E o jovem Abib se tornava cada vez mais esforçado para alcançar seu objetivo: ingressar na faculdade de medicina. Porém, seu tio Monsenhor pretendia convencê-lo a abandonar os estudos para empregar-se e, com o produto de seu trabalho, ajudar a mãe e os irmãos. Mas a querida Dedé – como um anjo da guarda – tudo fez para que ele prosseguisse em seu objetivo, tal era o pendor e a dedicação que via nele para debruçar-se nos livros. E o amor dessa criatura abençoada falou mais alto à mente e ao coração do jovem. Assim, graças ao incentivo dela e ao seu próprio esforço, conseguiu ingressar na Universidade de São Paulo,

onde cursou medicina e, em 1946, aluno excelente, recebeu o seu tão sonhado diploma, que veio coroar tantos anos de luta, dedicação e amor a esse estudo. Merecido prêmio. Foi interno, fez residência, por concurso, na Casa Maternal Dona Leonor Mendes de Barros e também na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, já então inclinado à cirurgia.

Mal acabara de se formar e seu futuro cunhado, Dr. Angelo Antenor Zambom, que iria casar-se com sua irmã Maria, convidou-o para que o substituísse em seu consultório, durante a viagem de núpcias, a fim de que suas clientes não permanecessem sem cuidados médicos, caso necessitassem. Foi assim que o jovem médico, ainda recém-formado, iniciou sua brilhante carreira em São Caetano. Mas, após o retorno do cunhado, mesmo recebendo o convite para continuar atuando no local, Dr. Kirche decidiu abrir seu próprio consultório, localizado na Avenida Dr. Roberto Simonsen. Era o ano de 1947, ocasião em que começou a fazer amizades, a ser conhecido como médico obstetra e cirurgião e a ser procurado pelas pessoas, não só da cidade, como também de todo o Grande ABC e de São Paulo. Foi contemporâneo a médicos de São Caetano como Nelson Penteado, José Luiz Flaquer Neto, Antonio de Souza Voto e Angelo Antenor Zambom. Aos poucos, outros médicos foram chegando à localidade para fazer história.

Tempos difíceis, em que São Caetano do Sul, com seus 5 mil habitantes, ainda era distrito esquecido de Santo André. Apenas algumas ruas do centro eram calçadas e, como havia muitos atendimentos em domicílio, quando chovia, o barro era empecilho que dificultava o acesso. Veículos eram poucos. Nem sempre a charrete ou a carroça conseguia se aproximar das casas. A solução era arregaçar as calças e vencer o lamaçal para levar o socorro médico esperado e até mesmo auxiliar quando as parteiras, muitas vezes, à luz de velas, não alcançavam êxito nos partos, para os quais tinham sido solicitadas.

Como São Caetano, naquela época, não contava com um único hospital, os pacientes necessitados de internação eram conduzidos para o Hospital Antonio Lerário, em São Paulo, atual Hospital Bandeirantes, ou para o Hospital do Dr. Oiti (antigo Hospital Santo André), em Santo André, na Avenida Dom Pedro II. Só a partir de 1948, foi inaugurado, em São Caetano, o primeiro hospital, denominado Bartira, construído pelo Dr. Antonio de Souza Voto, na Rua Oswaldo Cruz, nº 89, quase na esquina da Avenida Goiás, onde hoje é a Praça di Thiene.

Nosso entrevistado muito trabalhou nas campanhas pró-construção do Hospital São Caetano juntamente às famílias Barile, Marcucci, Lorenzini, Bechara, Baraldi, entre outras. Esse hospital foi inaugurado em 1954, sendo o Dr. Kirche, o primeiro diretor, e Paulo Pimenta, o primeiro presidente.

Pouco tempo depois, inaugurava-se o Hospital Nossa Senhora de Fátima, da Sociedade Portuguesa de Beneficência de São Caetano, onde o jovem médico foi diretor clínico por 15 anos e também muito colaborou para o seu crescimento, mantendo a gratuidade das consultas para seus sócios.

Foi um dos primeiros médicos do antigo Iapi (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários). Graças à sua atuação no instituto, foi conseguindo outras ocupações. Trabalhou no Sindicato dos Ceramistas da Cerâmica São Caetano, nas Louças Adelinas e nas Louças Cláudia das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo. Foi fundador e quarto presidente do Lions Clube Centro (1960), quando, entre outras tantas iniciativas,

idealizou a construção do asilo para idosos, nossos velhinhos desamparados, doando o terreno e a verba inicial. O asilo, que ganhou o nome Lar Nossa Senhora das Mercedes, ainda se encontra na Rua Arlindo Marchetti, nº 627, no Bairro Santa Maria. Dr. Kirche foi também médico do trânsito em São Caetano. Jamais se negou a colaborar com a administração pública, sempre pronto e prestativo.

Em 1962, foi agraciado pela Câmara Municipal com o segundo título honorífico de cidadão sul-são-caetanense, sendo que o primeiro fora concedido ao primeiro prefeito, Ângelo Raphael Pellegrino, de quem era amigo pessoal. No mesmo ano,

foi nomeado pelo governador Carvalho Pinto o primeiro médico legista de São Caetano do Sul. Em 1965, recebeu

a comenda José Bonifácio de Andrada e Silva, outorgada pelo governo do Estado de São Paulo.

Foi sócio do Rotary Club e, em 1969, foi agraciado com o título de sócio Paul Harris, do Rotary Internacional. Foi seu presidente em 1988 e 1989. Em 1972, fundou o Rotary Club São Caetano do Sul -

Leste.

Também foi médico do Colégio Eduardo Gomes, dando atendimento gratuito aos alunos. Além disso, foi idealizador e diretor do primeiro Ambulatório de Prevenção do Câncer Ginecológico, em São Caetano do Sul, o primeiro do Estado de São Paulo, cujo orientador foi o Dr. Sampaio Góes, pioneiro na prevenção do câncer ginecológico no Brasil. Este ambulatório, inaugurado em 1970, na Rua Flórida, no Bairro Barcelona, atualmente, modernizado e ampliado, está sediado na Rua Herculano de Freitas, nº 200, no Bairro da Fundação, com o nome de Caism (Centro de



Arquivo Albi João Kirche

Flagrante do casamento de Kirche e Ivete, na década de 1940

Entrega de doações para cegos, realizada pelo Lions Clube. Dr. Kirche é o segundo, da direita para a esquerda. Na imagem, ainda foram identificados: Espiridião Oliveira Lima (dentista), Anunciata de Oliveira Lima, Dr. Chagas, Dirceu Oliveira Lima (advogado), Almanza e Moraes. Entre as senhoras estão Ivete Voto Kirche (esposa do Dr. Kirche) e sua mãe, Augusta Voto



Foto: Abib João Kirche

Atendimento Integral à Saúde da Mulher), que oferece às mulheres um leque de exames preventivos, consultas e orientações. Devido a esse grande feito para o município, em 2006, foi criado o Prêmio Abib João Kirche pelas secretarias municipais de Saúde e Educação de São Caetano do Sul, junto à Associação Paulista de Medicina – Regional de São Caetano do Sul e ao Rotary Club de São Caetano do Sul - Centro, para premiar alunos das escolas de ensinos fundamental e médio, que concorrem anualmente com os melhores trabalhos para a divulgação da prevenção e diagnóstico precoce do câncer na cidade.

Foi curador, em 1972 e 1973, da Fumusa (Fundação Municipal de Saúde, de São Caetano do Sul). Participou da organização do Hospital Márcia Braidó também como curador. Foi membro fundador da Associação Paulista de Medicina de São Caetano do Sul. Em 1977, recebeu da Câmara Municipal medalha especial pelos serviços prestados à comunidade.

Em 1986, recebeu do Comando da Polícia Militar do Estado de São Paulo a Medalha Valor Militar e Láureas do Mérito Pessoal. Em 2006, recebeu da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul a Medalha di Thiene. Também no mesmo ano foi homenageado pelo Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo pelo exercício da medicina por mais de 50 anos.

Como maçom, ocupou quase todos os cargos da Loja Nove de Julho, tendo sido instalado

Venerável Mestre na gestão 1993 e 1994. Nos graus filosóficos, também ocupou cargos, chegando ao grau 33. É maçom emérito da Loja Maçônica Luz do Oriente de São Caetano do Sul. É fundador da Loja 28 de Julho III, também em São Caetano. Foi membro da Academia Maçônica de Letras.

Vida pessoal - Quando levava seus pacientes para fazer cirurgia no antigo Hospital Bartira, uma moçinha bonita que sempre estava por lá acompanhando a mãe, Augusta, chamou a sua atenção e despertou interesse. Foi perguntar então a Geraldo Cambaúva quem era aquela criatura linda, que acendera uma chama em seu coração. Ficou sabendo que se tratava da filha do dono do hospital, o Dr. Antonio de Souza Voto. Mas só conseguiu falar com ela, certo dia, no baile do Clube Comercial (antigo Grêmio Instrutivo Recreativo Ideal), na Rua Santa Catarina, onde ela estava acompanhada de sua família. Ao tirá-la para dançar, sussurrou em seu ouvido: “Quer se casar comigo?”. Ao que ela respondeu negativamente, revelando que seu sonho era prosseguir em seus estudos e não pensar sequer em namoro naquele momento.

Mas ele, com o coração acima da razão, procurou o pai dela para pedir a sua mão, dizendo que ela já concordara, o que não era verdade. O tempo foi passando... Ele, como colega de profissão do pai dela, não deixava de visitá-los amiúde. Desse modo, com a proximidade do pretendente, o co-

Foto: Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)



Dr. Kirche reúne diversos prêmios e homenagens

ração da menina foi amolecendo até render-se à corte do jovem médico. Seis meses depois, já estavam namorando. Casaram-se passado pouco mais de um ano, em 20 de janeiro de 1955. Assim teve início uma parceria que tanto o estimulou na vida pessoal e profissional, com uma companheira devotada e amorosa, como ela mostrou-se em todos os momentos. Hoje, 60 anos após o casamento, Ivete continua sendo a esposa dedicada e carinhosa, o que pode constatar ao presenciar quando, em meio à nossa agradável conversa, ela se dirigia a ele naquele tom de voz doce, tão amável, refletindo o carinho imenso, de um coração a outro, demonstrando que continuam unidos incondicionalmente, num perfeito casamento de almas que, abraçadas, foram seladas por uma ternura sem fim, vivendo ainda a magia da união sincera e feliz que o amor lhes ditou ser infinita.

Falaram com carinho de

seu único filho, Luis Fernando, hoje juiz de direito em Cuiabá (Mato Grosso), e de seus três netos (Paula Fernanda, Ana Luisa e Luis Paulo), que, infelizmente, por motivos profissionais do pai, não podem curtir a companhia constante dos avós, por isto mesmo tão saudosos!

Ao final de nossa conversa, pude ver, com prazer, todos os estojos com inúmeras medalhas, diplomas e várias outras homenagens prestadas ao Dr. Kirche, que Ivete já havia separado anteriormente, e que ocupavam metade da mesa enorme, em torno da qual estávamos acomodados, naquela sala tão aconchegante e finamente decorada.

A visita e a conversa mostraram-me como uma vida profissional pode ser construída com garra e, ao mesmo tempo, com tanta fidelidade ao juramento de Hipócrates em prol dos semelhantes, com a abnegação de poucos, em favor de um mundo melhor. São tantos pormenores

que enobrecem a vida exemplar desse realizado médico, uma criatura humana muito especial, que não poderiam deixar de enriquecer as páginas da revista *Raízes*, da Fundação Pró-Memória. Orgulho-me de ter colaborado para isso. É como se, ao encerrar nosso bate-papo, recebesse de suas mãos experientes uma receita médica, recomendando doses contínuas de doação e amor ao próximo, para alimentar a alma toda vez que deles tivesse necessidade, carimbada com o seu CRM nº 8.860, conseguido há quase sete décadas, com muito sonho e perseverança. E, no final, assinada com o carinho do homem que construiu uma das mais belas histórias de vida em São Caetano do Sul: o querido entrevistado, Dr. Abib João Kirche, decano dos médicos de nossa cidade! **R**

EVA BUENO MARQUES

É FARMACÊUTICA, MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO.



Acervo/ Abib João Kirche

Dr. Abib João Kirche foi o fundador e quarto presidente do Lions Clube - Centro (1960). Na imagem, aparece discursando em evento da entidade



Acervo/ Abib João Kirche

Dr. Kirche (de óculos escuros) participa de campanha em prol do Instituto Nossa Senhora da Glória

Mariana Zenaro

DR. TÚLIO NEGRO: FILHO DE SÃO CAETANO DO SUL, TRABALHO INCESSANTE, EXERCÍCIO PELA VIDA

“O conhecimento torna a alma jovem e diminui a amargura da velhice. Colhe, pois, sabedoria. Armazena a suavidade do amanhã.”

(Leonardo da Vinci)



Foto/Mariana Zenaro (FPASCS)

Dr. Túlio Negro e sua esposa, Terezinha Negro, posam no restaurante da família, Di Passione. Foto de outubro de 2015

Todos os dias, ao meio-dia, ele se senta à mesa do restaurante Di Passione, do qual é proprietário, para almoçar. Após tantos anos de dedicação à medicina, hoje Dr. Túlio Negro, 86 anos, desfruta de uma vida tranquila e confortável, porém nada ociosa, decorrida de um trabalho árduo e prolífico. Administra o seu restaurante com a ajuda indispensável do filho mais velho, tendo sempre Terezinha como companheira inseparável, e que lhe deu pleno apoio por toda a vida. Com sua amada, teve dois filhos: Fábio Augusto Negro - advogado, formado pelas Faculdades Metropolitanas Unidas, e Gisele Negro de Lima – que, a exemplo do pai, seguiu carreira médica, formando-se pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com doutorado pela Universidade Federal de São Paulo. São seus queridos netos: Lucas Ramos Negro (18 anos), filho de Fábio, e Rodrigo Negro Guillen de Lima (18 anos), filho de Gisele, que é estudante e barista no restaurante do avô como hobby.

Dr. Túlio Negro nasceu em São Caetano do Sul, em 1929, descendente de *oriundi*, vindos para o Núcleo Colonial de São Caetano em 1895. É filho de João Batista Negro, médico, reconheci-

do na comunidade por sua capacidade e profícuo trabalho, e de Helena Razante Negro, que recebeu o título de Rainha da Beleza em um certame realizado dentre as mais belas jovens de São Caetano, Santo André e São Paulo, em 1925.

Miguel Negro, pequeno comerciante piemontês, avô do Dr. Túlio Negro, veio de Torino (Itália), viúvo, com seus filhos (Giacomo, Matheus, Magdalena, Annita, João Batista “Gianetto”, Batista, Vicente “Chenzo” e Felipe “Pino” Negro) para ganhar a vida na América. Instalaram-se, de início, no centro de São Caetano do Sul, e, após certo tempo, construíram um soberbo sobradão, na esquina das ruas Alagoas e Pitaguáres. Este sobrado possuía moradias na parte superior e salões comerciais na parte inferior; num dos salões, instalaram um entreposto comercial, com vários produtos importados, como azeite de oliva, vinhos, conservas, queijos e o famoso pão italiano. No outro salão do sobrado, nasceu a primeira sede de futebol da região, denominada Corinthinhas, e foi lá que também surgiu um dos primeiros times de futebol da cidade. Na sede esportiva, os associados tinham como lazer jogos de truco, damas, bocha, várias reuniões sociais, além das competições futebolísticas.

Todos os filhos de Miguel Negro tinham formação musical, tendo continuado seus estudos com mestres de São Paulo, como o renomado professor Armando Belardi - maestro da Orquestra Filarmônica de São Paulo, no Theatro Municipal. Eles formaram a primeira orquestra sinfônica de São Caetano do Sul, que tocava no primeiro cinema da cidade, o Cine Central, e era constituída por Mathews (violão), Giacomo (regência e mais sete instrumentos), Gianetto (violino), Batista (piano e violão), Chenzo (violão e contrabaixo) e Pino (violino).

Com os anos, a família Negro prosperou em São Caetano. Túlio Negro foi um dos primeiros médicos da cidade, atendia no antigo Hospital Bartira, localizado em uma travessa da Rua Oswaldo Cruz, no Hospital Central, situado na Rua Manoel Coelho, e no Hospital Pompeia, localizado na Rua Baraldi. Graças ao pai generoso, que lhe proporcionou conforto e condições ideais para se aplicar exclusivamente aos estudos, se formou médico e construiu uma carreira brilhante. Casou-se com Terezinha Naporano, hoje com 76 anos, em 1957. Nascida em São Paulo, em 1939, é formada em piano pelo Conservatório Musical Oswaldo Cruz, e filha de Tereza De Pierro Naporano - paulistana, de ascendência italiana, pianista bem-sucedida e concertista do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo - e de Luiz Naporano, empresário da indústria de produtos de limpeza Luty Minerva, que detinha a patente do famoso detergente Minerva.

Quando Terezinha veio viver em São Caetano, no início da década de 1960, acreditava que a cidade se tratava, na re-



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Alunos do 4º ano primário do Grupo Escolar 28 de Julho, localizado na Rua Oriente, no Bairro Barcelona, em São Caetano, na década de 1940. Foram identificados: Ubirajara, João Sabo, Henrique, Vicente, Geraldo Medeiros, Oswaldo Cacialari, Pedro, Alípio, Romeu, Alvim, Carlos Gaez, Júlio, Monteiro, Nuta Braga, Aristides, George, Mário Burgus, Carlos, Garcia, Cacialari, Valentino, Geraldo, Armando De Nardi, Busocine, Ivan, Américo, Anibal, Dante, Castro, Nelson Gomes, Túlio Negro, Capelari e Valentino Kis



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Equipe de futebol do São Caetano Esporte Clube no Estádio da Rua 28 de Julho. Em pé, a partir da esquerda: Peroba, Gallo, Ettore Manilli, João Domingos Perrella Neto, João Nicolau Braido (Paraná), Estanislaw Spagnuolo e Silvério Manilli. Agachados, a partir da esquerda: Henrique Lorenzini, Fiorotti, Gibin, João Batista Negro (pai do Dr. Túlio Negro) e Eduardo Lorenzini. Foto da década de 1930



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Banda J. Negro e seu Jazz. Vemos na foto: Vicente Negro (banjo), Angelo Veronesi (sax), João Barile (trombone) e Caserio Veronesi (banjo). Sentados, estão: Jacomo Negro (flauta), Antonio Fernandes (bateria) e Batista Negro (violino). Este grupo depois formou uma orquestra de dança que, mais tarde, recebeu o nome de O Bando da Lua. Foto da década de 1920

alidade, de uma fazenda, pois, em comparação à capital paulista, tinha características muito primitivas, carecia de infraestrutura básica, como comércio diversificado, escolas, acesso à saúde, entre outros serviços.

Nos tempos em que São Caetano sequer era uma cidade autônoma, Túlio Negro fez o primário no Grupo Escolar de Vila Barcelona, tendo concluído o 4º ano no Grupo Esco-

lar 28 de Julho, localizado na Rua Oriente. Naquela época, não havia ginásio em São Caetano, então o jovem foi cursar o Ginásio de Santo André, cujos professores vinham da capital paulista e trabalhavam no bem afamado Colégio Bandeirantes, em São Paulo.

Concursou-se em duas faculdades, tendo ingressado

italianos, mestres incríveis, com quem muito aprendeu. Porém, também havia alguns doutores de origem árabe, a exemplo do professor Dr. Mauad, excelente ginecologista, quem muito inspirou Negro. Graduou-se em 1957, e, ao terminar o sexto ano de medicina, em 1958, fez concurso para especialização na Casa Maternal Dona Leonor Mendes de Barros¹, órgão do Estado de São Paulo e uma das mais renomadas escolas de ginecologia e obstetrícia. Lá nasciam crianças de todas as partes de São Paulo, pois existiam poucas maternidades na época e raras com excelência em atendimento. Na Casa Maternal, permaneceu como residente por 10 anos, assistindo o respeitabilíssimo professor Dr. Domingos Delascio², que formou muitos médicos, hoje professores catedráticos em diversas instituições importantes do Estado de São Paulo e do país.

Após se formar, começou a clinicar em São Caetano entre os anos de 1958 e 1959. Nesse período, se deparou com as muitas dificuldades de um município que estruturava seus serviços há uma década. Havia poucos médicos atuando na cidade, a medicina era generalista, campo no qual o profissional deveria abranger diversas áreas, precisando fazer de tudo um pouco, desde a medicina de família, pe-

díatria, obstetrícia e ginecologia, até clínica geral, cirúrgica, etc.

Havia poucos hospitais locais. O Hospital Bartira proporcionava atendimento a cirurgias de médio porte, oferecia serviço de ginecologia e obstetrícia e dispunha de uma maternidade. Esse hospital não existe mais. Os médicos de São Caetano atuavam predominantemente na Beneficência Portuguesa e, quando impossível tratar dos pacientes nos consultórios e instituições hospitalares da cidade, os encaminhavam para tratamento em São Paulo.

Com largo conhecimento, Dr. Túlio Negro conseguiu contornar as dificuldades iniciais e teve a felicidade de obter progresso e muita respeitabilidade. Ele tem catalogado em sua carreira de obstetra incontáveis nascimentos, dos quais cerca de 2 mil foram na cidade de São Caetano. Aqui, durante 36 anos, foi chefe do serviço de ginecologia do Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano do Sul. Lá, criou a maternidade formada com profissionais vindos de São Paulo. Em 1959, foi admitido no Hospital Nossa Senhora de Lourdes, em São Paulo, instituição vinculada ao Sesi, que mantinha convênio com o Hospital das Clínicas, onde exerceu a atividade de clínica cirúrgica por dez anos, sob orientação do professor Dr. Edmundo Vas-

Acervo/Túlio Negro



Homenagem a Dr. Túlio Negro, no número 1.462, do jornal *Folha do Povo*, de 25 de janeiro de 1964. Diz o texto:

HONRA AO MÉRITO
DR. TULIO NEGRO, FILHO DO PRÓSPERO E MAJESTOSO MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL, HOMENAGEADO COMO "MÉDICO DO ANO" (1963), VEM DE PÚBLICO, AGRADECER A TODOS QUE HOMENAGEARAM, SOBRETUDO À EDILIDADE DE SÃO CAETANO, DISTINTA CLIENTELA, E AO FABULOSO "GRÊMIO ESTUDANTIL 28 DE JULHO", BALUARTE DE ESPERANÇA DE UMA JUVENTUDE DE QUE SÃO CAETANO DO SUL FAZ JUS.

no curso superior de medicina, em 1951, na Universidade Federal de São Paulo, em 56º lugar dentre mais de mil candidatos. Ainda estudante, no período de residência, trabalhou no Hospital Matarazzo, assistindo os veteranos nas cirurgias. Lá, os médicos, em sua maioria, eram

concellos³. Lá, executou mais de 700 cirurgias bem sucedidas, feito que lhe rendeu, em 1977, o título de *fellow*⁴, concedido pelo Colégio Internacional de Cirurgiões, com sede nos Estados Unidos. “O professor Edmundo Vasconcelos era pequenino, mas um indivíduo fabuloso, grande mestre! Há um hospital⁵ no Bairro Ibirapuera, em São Paulo, que recebeu seu nome para homenageá-lo por seus incríveis feitos pela medicina no Brasil”, comenta.

Túlio Negro abriu seu primeiro consultório na Avenida Goiás, nº 1.274, em 1958, abrangendo as áreas ginecológica, obstétrica e clínica geral. Anos mais tarde, devido às obras de alargamento e duplicação da Avenida Goiás, parte do terreno onde estava situado o consultório foi desapropriada pela prefeitura, e o médico passou a clinicar por duas décadas em outro endereço, na esquina das ruas Piauí e Pinheiro Machado. Em 1969, solicitou sua demissão do Hospital Nossa Senhora de Lourdes para dedicar-se mais detidamente ao atendimento dos pacientes de seu consultório particular, em São Caetano, que tinha enorme demanda. Na década de 1980, o antigo consultório foi reconstruído e Negro voltou a atender naquele endereço. No Hospital Beneficência Portuguesa, trabalhou até 1986, no serviço de ginecologia e obstetrícia. Nessa instituição, desempenhou trabalho consistente e gratificante para a cidade. Esporadicamente, operou no Hospital São Caetano, aberto para médicos cadastrados no município e de Santo André, e também realizou cirurgias no Hospital Central da cidade, do qual foi acionista junto a mais três profissionais.

Da década de 1980 até 2010, continuou a clinicar no consultório particular e atuou, majoritariamente, em São Paulo, a exemplo do Hospital Israelita Albert Einstein e do Hospital Nove de Julho. Operou alguns casos no Hospital Sírio-Libanês, e realizou partos no Hospital Pro Matre Paulista e no Hospital Maternidade Santa Catarina. Tem em seu currículo incontáveis participações em cursos de atualização, seminários e congressos. Alguns títulos conquista-

dos que valem ser citados são o de reconhecimento dos 50 anos de profissão, recebido pelos professores da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e pela Associação Paulista de Medicina, em 2008, e o título de Clínica Médica da Unifesp, concedido por Jairo Ramos e Antônio Gerbara. Em 2010, Negro decidiu aposentar-se, e, para manter a cabeça ativa, abriu o aconchegante restaurante Di Passioni, situado na Rua Sergipe, nº 20. Mas sempre que necessário presta assistência médica a antigos pacientes e amigos mais próximos, com a mesma devoção que cultivava no início de carreira.

Suas memórias são muitas. Médico incansável, seu filho e neto nasceram por suas mãos. “É incrível pensar que realizei uma cesariana na minha própria filha e na minha própria esposa”, afirma.

Dr. Túlio Negro, filho de fundadores, não somente trouxe à vida muitos sul-são-caetanenses, mas, com o amor ao trabalho, trouxe vida a esta terra que frutifica prosperidade de seus filhos. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://academiamedicinasapaulo.org.br/biografias/41/biografia-domingos-delascio.pdf>
<http://www.academiamedicinasapaulo.org.br/biografias/145/biografia-edmundo-vasconcelos.pdf>

NOTAS

¹ Leonor Mendes de Barros foi esposa do governador do Estado de São Paulo Adhemar de Barros. Filantropa, empenhou-se em fundar diversas entidades beneficentes para ajudar os necessitados, como a Casa Maternal, que recebeu seu nome.

² Domingos Delascio nasceu em São Paulo, em 5 de maio de 1913. De origem humilde, mas com grande vocação para médico, graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 1936. Dedicou-se à ginecologia e obstetrícia por influência do professor Raul Carlos Briquet. Delascio foi professor de clínica obstétrica da Escola Paulista de Medicina, hoje Universidade Federal de São Paulo, de 1967 a 1983. Lecionou também na Faculdade de Medicina de Botucatu, na Faculdade de Medicina do ABC, na Faculdade de Medicina de Mogi das Cruzes e na Faculdade de Ciências Médicas de Santos. Delascio participou ativamente de vários congressos.

³ Edmundo Vasconcelos nasceu em São Paulo, em 18 de março de 1905. Em 1923, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, sendo aprovado com distinção nas matérias constantes do 1º ano do curso. Nesse mesmo ano, pediu e obteve transferência para a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde se diplomou, em 1928. Vasconcelos foi ilustre cirurgião que, por mais de quatro décadas, exerceu notável influência no ensino, pesquisa e desenvolvimento da cirurgia em nosso país. Faleceu em 11 de novembro de 1992, aos 87 anos. Seu nome é honrado com importante hospital da capital paulista, situado na Rua Borges Lagoa, na Vila Clementino.

⁴ O termo *fellow* (“companheiro”, “camarada”, em inglês), em sentido amplo, é alguém que é um camarada. O termo é usado frequentemente em contexto acadêmico: um *fellow* é (ao menos em teoria) parte de um grupo de elite, que trabalha em conjunto na busca do conhecimento.

⁵ O Hospital Edmundo Vasconcelos é um importante complexo hospitalar brasileiro, com serviços de internação e de medicina diagnóstica, centro cirúrgico, consultas médicas ambulatoriais e de pronto-socorro. A instituição foi criada em 27 de junho de 1949 com o nome de Gastroclínica, por concentrar o atendimento a pacientes com doenças do aparelho digestivo. Em 1991, mudou a denominação para Hospital Professor Edmundo Vasconcelos, como homenagem ao médico que a idealizou.

MARIANA ZENARO

É JORNALISTA, HISTORIADORA, ESPECIALISTA EM BENS CULTURAIS PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV-SP) E PÓS-GRADUANDA EM ARTE: CRÍTICA E CURADORIA PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP). É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Talita Scotá Salvatori

DR. DIÓGENES ZURIEL PIRAGINE:



Foto: Antonio Reginaldo Carboni (FPMACS)

UMA VIDA BENEMÉRITA

Grande expoente da medicina de São Caetano do Sul e que, durante mais de cinco décadas, ocupou a cadeira de otorrinolaringologia, de onde transmitiu muitos conhecimentos, chegando a atender a quarta geração de seus pacientes

ragine nasceu em 11 de abril de 1929, no município de Bocaina, interior do Estado de São Paulo. “Meu pai era motorista de táxi, mas aí ele conseguiu comprar uma fazenda de 150 alqueires, onde fomos morar. Tiveram sete filhos, cinco homens e duas mulheres. Formou todos os filhos com o dinheirinho do táxi. Tem coronel, médico, engenheiro, tem de tudo! Um deles, o mais novo, é falecido. Era engenheiro e morava em Curitiba. Os outros... tenho um irmão que mora em Jaú, outro que era fiscal de rendas aqui em São Paulo, um que era coronel e mora em Taubaté, outro que é advogado e fazendeiro e mora em Barra Bonita e uma irmã que há 40 anos mora em Nova York e não quer mais saber de voltar!”

Piragine conta que teve três filhos: Luiz Roberto, nascido

em 1960, engenheiro; Carlos Alberto, nascido em 1963, médico otorrinolaringologista; e o caçula, já falecido, Paulo Roberto, nascido em 1967, comerciante. Pergunto se possui netos, e, com brilho nos olhos, responde que sim. “Tenho quatro netos, dois do Luiz Roberto, o Lucas, de 25 anos, e o Mateus, de 6 anos. E dois do Carlos Alberto, que são a Amanda, de 25 anos, e a Isadora, de 18 anos. O Lucas está terminando a faculdade de design na Unesp (*Universidade Estadual Paulista*) de Bauru e a Amanda está terminando a faculdade de administração de empresas na PUC (*Pontifícia Universidade Católica*).”

Carreira – Piragine começou a trabalhar muito cedo, aos 7 anos de idade, em um bazar de pro-

Dr. Diógenes Zuriel Piragine, 86 anos, durante entrevista concedida à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, em 24 de setembro de 2015

Foi durante uma breve visita ao seu antigo consultório, localizado na Rua Amazonas, o qual mantém até hoje, que Diógenes Zuriel Piragine nos recebeu, muito bem acompanhado por sua esposa, Aparecida, para rememorar sua trajetória de vida, compartilhando até mesmo alguns dos momentos mais inusitados vividos ao longo de seus 86 anos, dos quais 53 dedicados à medicina em São Caetano do Sul.

Família – Filho de Nicolau e Ermelinda, Diógenes Zuriel Pi-

priedade de um turco. Aos 13, ajudava um primo que tinha uma farmácia em Iacanga (Estado de São Paulo), época em que começou a tomar gosto pela medicina. Em 1961, formou-se médico pela USP (Universidade de São Paulo) de Ribeirão Preto e, depois, já em São Paulo, fez residência médica em pediatria na Faculdade Paulista de Medicina, onde se especializou em otorrinolaringologia. Porém, para manter os estudos, trabalhou como fiscal de rendas em Jaú, até ser transferido, em 1962, para São Caetano do Sul, onde foi motivado pelo então diretor municipal de Saúde, Dr. Jayme Tavares, a clinicar no Posto de Puericultura Santa Maria. Em 1964, montou seu primeiro consultório com o finado amigo, Dr. Oswaldo Cipullo, na Rua Manoel Coelho. Em 1966, mudou-se para a Rua Rio Grande do Sul, onde permaneceu até 2005 e, posteriormente, para a Rua Amazonas, onde atendeu até 2014.

Com muito bom humor, Piragine explica que “durante este meio tempo, eu trabalhei em alguns lugares, mesmo enquanto ainda estava me formando e, ao mesmo tempo, atendendo no ambulatório médico da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo. Também trabalhava no INPS (*Instituto Nacional de Previdência Social – atual INSS*) da Rua Santo Antonio. Às 16h, ia para o meu consultório e ficava, às vezes, até às 19h. Pela manhã, eu ainda fazia cirurgias e atendia no Hospital Beneficência Portuguesa, aqui de São Caetano, no Hospital São Caetano e no Hospital Central, do qual era sócio. Tinha um convênio com o IPASM (*Instituto de Previdência e Assistência Social Municipal*), na ocasião, e também um convênio com o INPS para atender o público”.

Em 2000, Piragine foi agraciado com o título de cidadão sul-são-caetanense, o qual constitui motivo de justo orgulho, conforme ele mesmo afirma: “Eu sempre fui muito feliz aqui em São Caetano e muito contente com tudo que fiz durante a minha estadia aqui!”.

Atualmente, Piragine mora em São Paulo, mas conta que morava em São Caetano, no Bairro

Barcelona, entretanto, devido a um sério problema de bronquite asmática de seu filho Carlos Alberto, desencadeado, naquela época, devido às muitas indústrias aqui instaladas, precisou mudar para São Paulo, o que o beneficiou pela proximidade dos outros empregos. Ele também nos revela que faz um ano que decidiu parar de clinicar. “Reconheci que tudo tem seus limites na vida. A cabeça já não ajuda e a perna também. Eu levei um tombo quando criança, que me quebrou o fêmur, mas, antes disso, eu já havia levado um coice de cavalo nessa mesma perna, e, depois, em outra ocasião, um bandido me assaltou e eu, para não ser morto, pulei no chão e quebrei novamente o fêmur. Então, três fraturas numa mesma perna... Mas tudo se resolveu, em termos.”

Lembranças – Não nos surpreenderia ouvir de Piragine que, durante mais de cinco décadas atuando na área da saúde, vivenciou muitos casos dos quais tem recordação. Porém, dois, em especial, ficaram marcados em sua memória, justamente por terem ocorrido no dia de seu aniversário, 11 de abril. “No primeiro caso, já estavam todos à mesa quando recebi um chamado muito especial do Hospital Beneficência Portuguesa de São Caetano, em que um menino se jogou de cima do guarda-roupa com uma vassoura. Ele caiu e o cabo da vassoura entrou no véu palatino e perfurou tudo. Os médicos não conseguiam segurar sua hemorragia e me chamaram. Eu sei que aquele dia eu consegui resolver o caso, é claro que não totalmente, mas a hemorragia, porque a perfuração foi uma segunda fase. Só sei que saí de casa às 19h e retornei às 2h da madrugada, mas muito contente! Esse menino hoje mora em Jardimópolis e, todo ano, no dia do meu aniversário, me telefona. Depois, num outro aniversário meu, fui chamado



Dr. Diógenes Zuriel Piragine posa para foto ao lado do atual prefeito de São Caetano, Paulo Pinheiro, no momento do recebimento da honraria. Foto de 30 de março de 2000



Foto: Antonio Reginaldo Carboni (IPASM/CS)

Dr. Diógenes Zuriel Piragine e sua esposa, Aparecida: 55 anos de união

também. Neste, a filha de um grande colega havia nascido com a Síndrome de Pierre Robin¹ e me chamaram pois ela não conseguia respirar. Fui, resolvi momentaneamente e depois passei o caso para outro colega meu, um cirurgião plástico, que, posteriormente, fez todo o procedimento. Hoje, a filha do meu amigão está viva e muito feliz!”

Cultura – A fim de manter-se sempre atualizado e aprimorar seus conhecimentos, Piragine participou de muitas palestras, conferências e congressos no Brasil e no exterior, o que contribuiu muito para sua cultura privilegiada. Pertenceu a várias sociedades de medicina ao redor do mundo, inclusive da França, Estados Unidos, Argentina e do Brasil. “Já viajei para a metade do mundo! Só não conheço Hong Kong, que teria vontade de conhecer, e Singapura, mas, o lado do oeste, eu conheço tudo. Conheço a Europa toda, América do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Rússia e até o Polo Norte. Tenho parentes na Argentina, Equador, Estados Unidos e Itália. O meu pai é da Calábria e a minha mãe, de Vêneto. Veneza é única no mundo!” Piragine diz ainda que a Rússia é o país que mais o encantou, contudo não tem intenção de morar no exterior. Declara que, se pudesse, voltaria a morar em São Caetano do Sul.

Nunca estacionário no campo intelectual, Piragine sempre foi um apreciador de poemas e poesias, tanto que, durante a entrevista, recita um poema de seu escritor favorito, o poeta brasileiro Raul de Leôni², poema este que, talvez, assegure a lição suprema de suas próprias experiências durante os dilatados anos de vida. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIAJO, Elaine. Dr. Diógenes Piragine, um idealista acima de tudo. *Olho Clínico*, São Caetano do Sul, ano I, n. 4, abr. 1989.

CROZARIOL, Adriana. Diógenes, médico há 40 anos. *Folha do ABC*, São Bernardo do Campo, nov. 2002.

SITES

DIÓGENES Piragine: 50 anos de amor a profissão. *Folha do ABC*, São Bernardo do Campo, Nov. 2011. Disponível em: <http://www.folhadooabc.com.br/index.php/secoes/saude/item/2423-diogenes-piragine-50-anos-de-amor-a-profissao>. Acesso em: 5 mar. 2015.

SEQUÊNCIA de Robin protocolo único de tratamento. *Jornal de Pediatria*, Vol. 81, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n1/v81n1a05.pdf>. Acesso em: 7 out. 2015.

NOTAS

¹ Síndrome de Pierre Robin: crescimento, fissura palatina, obstrução das vias respiratórias

² Raul de Leôni Ramos nasceu em Petrópolis (Rio de Janeiro), em 30 de outubro de 1895. Após cursos fundamentais, ingressou na Faculdade Livre de Direito do Distrito Federal, em 1912, e, no ano seguinte, visitou a Europa. No retorno, iniciou colaboração na imprensa do Rio de Janeiro. Formado em 1916, dois anos mais tarde, foi nomeado para cargo diplomático em Cuba, mas não chegou a assumi-lo. Idêntico destino, conhece a nomeação para o Vaticano. Nesse mesmo ano (1919), elegeu-se deputado. Em 1923, descobriu-se tuberculoso, seguiu para Itaipava, onde faleceu no dia 21 de novembro de 1926. Entre suas publicações, estão: *Ode a um Poeta Morto* (1919), dedicada a Olavo Bilac, falecido naquele ano, e *Luz Mediterrânea* (1922).

TALITA SCOTÁ SALVATORI

É HISTORIADORA, FORMADA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ, E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Legenda dos Dias

O Homem desperta e sai cada alvorada
Para o acaso das cousas... e à saída,
Leva uma crença vaga, indefinida,
De achar o ideal nalguma encruzilhada...

As horas morrem sobre as horas... Nada!
E ao Poente, o Homem, com a sombra recolhida,
Volta pensando: “Se o Ideal da Vida
Não veio hoje, virá na outra jornada...”

Ontem, hoje, amanhã, depois, e, assim,
Mais ele avança, mais distante é o fim,
Mais se afasta o horizonte pela esfera...

E a Vida passa... efêmera e vazia;
Um adiamento eterno que se espera,
Numa eterna esperança que se adia...

Acervo/Diógenes Zuriel Piragine



Jantar dos médicos nas Casas Bahia, em São Caetano do Sul. Na foto, foram identificados: Dr. Eduardo Silva Araújo, Dr. Diógenes Zuriel Piragine, Dr. Fernando Figueiredo, Elenice (esposa do Dr. Waldo de Carvalho), Dr. Waldo de Carvalho, Olga (esposa do Dr. Fernando Figueiredo), Aparecida (esposa do Dr. Diógenes Zuriel Piragine) e Elisa (esposa do Dr. Eduardo Silva Araújo). Foto de 20 de outubro de 1978

Acervo/Diógenes Zuriel Piragine



Sessão solene para outorga de título de cidadão sul-são-caetanense a Diógenes Zuriel Piragine, realizada na Câmara Municipal, em 30 de março de 2000. Na foto, foram identificados: Aparecida (esposa de Diógenes Zuriel Piragine), Dr. Diógenes Zuriel Piragine, e os vereadores Luiz Emiliani e Gersio Sartori

Acervo/Diógenes Zuriel Piragine



Dr. Diógenes Zuriel Piragine exhibe título ao lado do vereador Dr. Xavier e de Sonia Xavier, atual presidente da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Foto de 30 de março de 2000

DR. ELBE MOULIN SARDENBERG:

UM CAPIXABA A SERVIÇO DA
MEDICINA SUL-SÃO-CAETANENSE



Foto: Elbe Moulin Sardenberg

*Mude suas opiniões,
mantenha seus princípios.
Troque suas folhas,
mantenha suas raízes.*

(Victor Hugo)

Para a medicina, a pediatria é uma especialidade recente, que foi desenvolvida nos últimos 200 anos. No Brasil, teve grande impulso no início do século 20, quando profissionais da área de saúde se mobilizaram para criar a Sociedade Brasileira de Pediatria, em 27 de julho de 1910, associação científica voltada para o estudo dos problemas e doenças infantis. A Sociedade de Pediatria de São Paulo foi fundada em 12 de outubro de 1970, por iniciativa de uma plêiade de pediatras paulistas. A história dessas sociedades se confunde com a memória dos grandes profissionais que, ao longo de muitas décadas, ajudaram a construir, consolidar e institucionalizar os estudos e o atendimento clínico de crianças e adolescentes.

O pediatra é essencial tanto ao sistema de saúde quanto à população. Cuidar da criança e do adolescente, abordando seus aspectos físicos, emo-

cionais e sociais, é garantir a saúde do adulto de amanhã. É direito da criança (e também do adolescente e de sua família) ser atendida não só pelo pediatra geral, mas também pelo especialista pediátrico, nas diversas áreas de atuação. Dr. Elbe Moulin Sardenberg, 80 anos, é um exemplo de médico dedicado, cujo árduo trabalho contribuiu para desenvolver e aprimorar a especialidade da pediatria em São Caetano do Sul.

Nascido na cidade de Alegre, no Espírito Santo, em 20 de março de 1935, cursou medicina no Rio de Janeiro, na renomada Universidade do Brasil (hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro). Sardenberg veio para o ABC em dezembro de 1963, após finalizar a especialização, a convite de um colega de graduação que havia escolhido se especializar como otorrinolaringologista e tinha parentes na região. O convite prometia espaço para recomeçar a vida e desenvolver carreira próspera e prolífica.

Elbe Sardenberg teve uma infância feliz e tranquila na fazenda dos pais, em Alegre, onde gozava de muita liberdade para brincar com seu cão e montar a cavalo, ocupado com todos os afazeres de um garoto brejeiro. De 1945 a 1947, frequentou o curso primário no Grupo Escolar de Rive. O pai, Adaury Sardenberg, era fazendeiro e produtor de café, e a mãe, Maria Luiza Moulin Sardenberg, dona

Dr. Elbe Moulin Sardenberg em seu consultório, localizado na Rua Carlos Campos, nº 88. Foto da década de 1990



Na imagem, foram identificados os médicos Hélio, Roberto e Elbe Moulin Sardenberg (à direita), no Hospital Infantil Márcia Braido, em São Caetano do Sul, em junho de 1975

de casa, ambos filhos de imigrantes suíços da região de Fagno.

Em 1948, a família Sardenberg se mudou para Cachoeiro de Itapemirim, no interior do Espírito Santo, para atuar no ramo do comércio. Mais estruturada, a cidade poderia garantir a formação escolar do filho, que fez o 4º ano no Colégio Graça Guardia, o curso secundário (atual ensino fundamental II), de 1949 a 1952, e o 1º e 2º científico (atual ensino médio), de 1953 a 1954, no Colégio Estadual Muniz Freire. Elbe Sardenberg viveu nessa cidade dos 9 aos 18 anos, quando deixou o Espírito Santo para ir à então capital federal a fim de cursar o ensino superior.

A decisão de se embrenhar pelos campos da medicina veio quando estava no ensino médio. Num dia típico do verão capixaba, ele e mais três amigos estavam na praia Marataízes, à toa, a contemplar o mar e conver-

sando sobre qual profissão iriam escolher. Como Sardenberg e os amigos não se atraíam pelos atributos das áreas de direito, engenharia e odontologia, profissões tradicionais naquela época, por eliminação, escolheram a medicina. Assim, com o apoio de suas famílias, foram ao Rio de Janeiro para se preparar para ingressar na faculdade - frequentando o cursinho preparatório, em 1956 - e finalizar o ensino médio, na renomada Escola Rui Barbosa. Inicialmente, ficou hospedado no Bairro da Glória, onde podia tomar o bonde com facilidade para ir ao cursinho na Cinelândia, nas proximidades do belíssimo Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

A vida boêmia carioca era irresistível, mas Sardenberg pouco a conheceu antes de conseguir ser aprovado no curso superior de medicina, pois o processo eliminatório era impiedoso. Felizmente, foi bem classificado

e ingressou na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil em 1957. Em 1958, fez o curso de iniciação à obstetrícia pelo Centro de Estudos da Maternidade Clara Basbaum.

Os estudantes frequentaram, no quarto ano, a clínica médica e passaram por várias especialidades durante o curso superior. Quando Sardenberg assistiu às aulas práticas no ambulatório médico, encantou-se por um mestre, o professor de prática de enfermagem, profissional muito entusiasmado e dedicado, responsável por tê-lo feito se apaixonar pela área pediátrica. Em 1961, foi aprovado em concurso para trabalhar na rede pública daquela cidade, tendo prestado serviço na Maternidade Fernando Magalhães. Formou-se em dezembro de 1962, e fez mais dois anos de especialização no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira, da Universidade do Brasil. Em 1963, no Rio de Janeiro, casou-se com Maria Helena Veras Farias, natural de Fortaleza (Ceará), com quem permaneceu até 1990, e teve quatro filhos: Ricardo (32 anos, médico), Adaury (já falecido), Ludmila (44 anos, arquiteta) e Juliana (40 anos, dentista).

O Rio de Janeiro da década de 1960 parecia bem atrativo, mas os estudantes, vindos de diversos cantos do país, não costumavam por lá ficar e acabavam

voltando para a cidade de onde eram oriundos para exercer a profissão. Em Cachoeiro de Itapemerim, já existiam cinco pediatras em atividade, e, naquele momento, chegavam mais dois para abrir seus consultórios, o que o desfavorecia a iniciar carreira na cidade onde cresceu. Então, aceitou a proposta do amigo de se transferir para São Caetano do Sul e recomeçar a vida, onde seu emprego estaria garantido.

Vida nova! - Em dezembro de 1963, ao chegar ao município, Dr. Elbe Moulin Sardenberg foi admitido na Prefeitura Municipal, onde exerceu a atividade de pediatra no Posto de Puericultura Nair Spina Benedictis (atual Unidade Básica de Saúde), na Rua Oswaldo Cruz, até julho de 1973. Inicialmente, abriu seu consultório, em São Bernardo do Campo, situado na Rua Marechal Deodoro, mas lá clinicou por apenas um ano. Em setembro de 1964, inaugurou consultório no imenso sobrado, com janelas enormes, localizado na Rua Amazonas, esquina com a Rua Niterói, no imóvel que pertencia à tradicional família Dall'Antonia. O consultório foi instalado na parte da frente do imóvel, onde havia uma sala de espera e, ao lado, uma sala para o atendimento clínico, e Sardenberg morava nos fundos.

Trabalho não faltava, pela manhã, no Posto de Puericultura e, à tarde, atendia no seu consultório particular, onde o expediente se estendia até às 19h, quando não surgiam emergências na calada da noite. Muitas vezes, Dr. Elbe Moulin Sardenberg foi convidado pela Associação de Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância (Apami) de São Caetano do Sul para ser jurado dos concursos de robustez infantil (certame entre as crianças mais fortes, robustas e consideradas bem alimentadas e saudáveis).

Após a criação do Hospital Infantil Márcia Braidó - construído na primeira gestão do prefeito Hermógenes Walter Braidó (1965 - 1969) e somente inaugurado em 28 de julho de 1973, na segunda gestão de Braidó -, Dr. Sardenberg foi convidado pelo então diretor clínico, Dr. Angelo Antenor Zambom,

para integrar a sua equipe, e lá ficou até 1982.

Nesse mesmo ano, mudou-se para o Ceará, onde residiu, teve consultório particular e permaneceu até 1984, quando recebeu o título de especialista em pediatria pelo Conselho Federal de Medicina do Estado do Ceará. O médico retornou a São Caetano em junho de 1984 e reabriu o consultório na Rua Carlos de Campos, nº 88, no Bairro Centro, onde permanece até hoje, a trabalhar com os filhos Ricardo e Juliana. Naquele mesmo ano, dedicou-se a atividade de auditor do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (atual INSS), na região do ABC.

Dr. Elbe Moulin Sardenberg teve extensa formação acadêmica e clínica, participando de inúmeros cursos, simpósios, congressos e estágios, e ocupando cargos de destaque em diversas instituições. Entre os cursos de especialização e aperfeiçoamento estão os das áreas de emergências pediátricas, radiologia e atualizações em neonatologia, do Centro de Estudos Professor Pedro de Alcântara, realizados em convênio com o Instituto da Criança do Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1989; atualizações em pediatria ambulatorial, na FMUSP; curso de infectologia em pediatria, na FMUSP, em 1991; curso de atualização em pediatria e puericultura, realizado pela Diretoria de Vigilância Sanitária de São Caetano do Sul e pela Faculdade de Medicina do ABC, em 2005; entre muitos outros.

De 1972 a 1974, foi encarregado da Assistência Pediátrica da Escola Residencial para Deficientes Audiovisuais (ERDAV), em São Caetano do Sul. Foi nomeado membro do Conselho Municipal de Saúde de São Caetano do Sul, como representante do Hospital Infantil Márcia Braidó, no período de 1975 a 1979, e eleito secretário do Centro de Estudos Maria Aparecida Sampaio Zacchi, do Hospital Márcia Braidó, em 15 de janeiro de 1980, cargo no qual permaneceu até 15 de maio de 1981. Foi nomeado chefe do setor médico da Fundação Municipal de Saúde de São Caetano do Sul (Fumusa), tendo permaneci-

do nesse cargo de 1º de abril de 1975 a 7 de fevereiro de 1982. Fez estágio no setor de aplicação do BCG Intradérmico e Teste de Mantoux no Instituto Clemente Ferreira da Divisão de Tesiologia e Pneumologia Sanitária de São Paulo e estágio de um mês no serviço de neonatologia do Hospital Israelita Albert Einstein, sob a direção do professor Dráuzio Viegas.

Foi nomeado membro da Comissão Permanente de Infecção do Hospital Infantil Márcia Braidó em 19 de outubro de 1979 e, em diferentes períodos de 1980 a 1981, ocupou o cargo de coordenador técnico da instituição. Em 1982, foi nomeado representante da Sociedade de Pediatria de São Paulo junto à Regional do ABC. Foi secretário da conferência *Educações e Saúde: Papel de quem*, no II Congresso de Pediatria do ABCD, realizado de 29 de maio a 1º de junho de 1992. Também participou do III Congresso de Pediatria do ABCD, na qualidade de vice-presidente da comissão organizadora e membro efetivo. Em 4 de agosto de 1996, foi nomeado presidente da quarta edição do evento.

Em 1999, participou da Jornada do ABC, da Sociedade de Pediatria de São Paulo. Em 2000, recebeu o certificado do VI Congresso de Pediatria do ABCD, e, em 2003, participou do VII Congresso de Pediatria do ABCD e do 32º Congresso Brasileiro de Pediatria. Em 2007, participou do 11º Congresso Paulista de Pediatria, e, em 2008, do Congresso de Pediatria do ABCD. Foi um dos criadores da Sociedade de Pediatria do ABCD, filial da Sociedade Paulista de Pediatria. Dr. Sardenberg também foi membro da Associação Paulista de Medicina - Regional de São Caetano do Sul, ocupando os cargos de 2º vice-presidente (1971), diretor científico (1995) e diretor de defesa profissional (1997). Fez parte do conselho fiscal da entidade (de 1992 a 2002), foi vice-presidente (de 2002 a 2005) e tesoureiro (de 2005 a 2008).

Sardenberg é testemunha ocular das melhorias verificadas na área da saúde desde que chegou ao ABC Paulista. “Quando iniciei minha atividade

profissional em São Caetano do Sul, havia na cidade poucos hospitais bem aparelhados e com equipes médicas estruturadas, como o Hospital São Caetano e o Hospital Beneficência Portuguesa, que funcionavam bem, naquela ocasião, e proporcionavam bom atendimento à comunidade. Então, após a primeira consulta, nós encaminhávamos nossos pacientes para esses hospitais. Em casos mais complicados, eles eram dirigidos para hospitais de São Paulo ou para o Hospital Brasil, em Santo André. Era uma época de muito trabalho, sem finais de semana de descanso. Com o passar dos anos, os hospitais foram mais bem estruturados tecnologicamente e, com equipes maiores, passaram a ter plantonistas na área de pediatria. Então, deixei de ser acordado à noite com tanta frequência. Na ocasião em que o Hospital São Caetano passou por uma fase difícil, até o encerramento de suas atividades, a assistência médica e a situação para nós, médicos de São Caetano, ficaram bem complicadas. Felizmente, hoje não precisamos mais internar nossos pequenos pacientes em hospitais, podemos deixá-los sob a responsabilidade de equipes bem qualificadas que lhes dão o atendimento holístico”, afirma Dr. Sardenberg.

O trabalho do pediatra é como o de um soldado de frente, que tem a missão de resolver grande parte dos problemas, exceto quando o caso for mais específico e de difícil manejo, então o paciente é encaminhado para colegas especialistas. Contudo, na maioria das vezes, são os pediatras que garantem a melhora da saúde das crianças e dos adolescentes, assim como seu desenvolvimento até a idade adulta, quando poderão receber os cuidados de clínicos gerais e especialistas.

A tarefa mais difícil do pediatra envolve a lide com o emocional dos pacientes, principalmente dos pais e familiares, em casos mais graves. Tranquilizar os pais ansiosos, muito preocupados, é essencial para facilitar o tratamento eficiente dos pequenos. Para além do conhecimento técnico e do trabalho clínico, a pediatria é uma atividade huma-

nizadora. A despeito da seriedade, a espontaneidade das crianças e dos adolescentes é garantia de muitas risadas. “Nos primeiros cinco anos, as crianças são muito espontâneas e isso provoca vários momentos jocosos, divertidos e inusitados. Numa situação de tensão, surgem piadas que aliviam as preocupações. Há momentos em que rimos muito com os pequenos. Houve um caso emblemático em meu consultório, de uma mãe cuja filha engoliu uma bolinha de gude. O caso seria de total alarme se não fosse pela insólita reação da menina. A garota brincava com as bolinhas de gude no chão da cozinha, enquanto a mãe preparava a comida, quando subitamente a criança se engasgou com a bolinha e a mãe, num ato desesperado, enfiou o dedo dentro da garganta da filha, empurrando a bolota goela abaixo. A mãe se prostrou aos prantos. A pequenina, em solidariedade, perguntou a mãe o porquê do choro. A mãe lhe respondeu que o motivo era o fato de ela ter engolido a bolinha. A menina pediu, em consolo à mãe, que parasse o choro, pois havia outra bolinha debaixo da geladeira”, relata risonhamente Sardenberg.

As gerações mudam, os pais também, e a pediatria lida com essas transformações. Hoje em dia, a vida é atribulada para toda a família, uma correria para os pais que trabalham e para as crianças que ficam boa parte do tempo nos berçários, creches e escolinhas, sempre cheias de atividades. As crianças de nosso tempo parecem mais ansiosas, com ocupações e preocupações demasiadas e espaço de menos para gastar energia, pois, cada vez mais, vive-se em apartamentos, com pouco espaço para se dar ao luxo de brincar na rua, de correr, como faziam as gerações anteriores. “As crianças não têm a mesma liberdade que tinham nas gerações anteriores, os pais não podem deixar seus filhos brincarem na rua. Há famílias em que a mãe acaba sendo motorista, leva a criança de um lado para o outro, e isso acaba sendo muito desgastante para ambos. Há algumas escolas que oferecem uma série de atividades,



Aerov/Eibe Moulin Sardenberg



esportes, aulas de línguas, de artes, de música, para ocupar o máximo de tempo das crianças e até oferecem atividades à noite, para que os pais possam ter mais tempo para a intimidade. O ritmo de vida mudou muito, tem se acelerado e isto transforma a maneira de ser e de agir das famílias e das crianças”, lamenta Dr. Sardenberg.

Essas mudanças foram vivenciadas bem de perto pelo pediatra, no seio familiar. Hoje é casado com Regina Campolina Trombelli, 55 anos, proprietária de uma clínica de estética médica na cidade de São Paulo, que lhe deu mais três filhos de coração: Bianca, 37 anos (graduada em comunicação e administração), Fabíola, 35 anos (formada em publicidade), e Marcelo, 32 anos (engenheiro); e mais as netas Isabela, 11 anos, e Stephanie, 8 meses. Seus netos do primeiro casamento são Melissa e Marina, filhas de Ludmila; Lucas e Gabriela, filhos de Juliana; e Júlia e Luiza, filhas de Ricardo. Dr. Elbe Sardenberg cuidou clinicamente dos filhos e dos netos, neles aplicou muitas injeções; com amor, os criou, e, com o mesmo sentimento, trabalha há quase seis décadas pela saúde física, mental e o bem-estar de milhares de crianças e adolescentes. **(Mariana Zenaro)R**

IV Congresso de Pediatria de São Caetano do Sul, realizado entre os dias 1 e 4 de agosto de 1996, no auditório da Fundação das Artes. Dr. Elbe Moulin Sardenberg foi um dos organizadores do evento e mediador da mesa de debates

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR A, Martins RM. *História da pediatria brasileira*: coletânea de textos e depoimentos. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, 1996.
 Certificado de Congressista no XXV Congresso Brasileiro de Pediatria, III Congresso Paulista de Pediatria e II Congresso da Sociedade de Pediatria de Língua Portuguesa, 26 de setembro a 1º de outubro de 1987.

Priscila Gorzoni

DO PROJETO RONDON À PRIMEIRA CLÍNICA DE PREVENÇÃO AO CÂNCER GINECOLÓGICO DE SÃO CAETANO DO SUL

Uma das lembranças mais fortes de Zubeide Marcon Rebelo da Silva, 74 anos, médica em São Caetano do Sul há 44 anos, foi quando participou da primeira fase do *Projeto Rondon*¹, no final da década de 1960.

Aquela foi a primeira experiência do projeto e, por isso, recrutaram estudantes dos cursos de medicina, agronomia e odontologia da Universidade Federal do Pará. Zubeide, então, candidatou-se para participar da expedição e ficou entre os 20 alunos selecionados. Ela conta que essa foi uma das melhores experiências da sua vida. O grupo viajava de barco pelo Oiapoque, seguindo até a Guiana Francesa, realizando atendimentos médicos às populações ribeirinhas. “O que mais me surpreende é que a maior parte das comunidades indígenas que visitávamos possuíam escolas. Por outro lado, os indígenas bebiam muito e costumavam vender todas as coisas. Em contato com o homem branco, eles adquiriram muitas doenças que não conheciam e se

Reprodução/Olho Clínico-Informativo da APM São Caetano, ano XV, nº 165, jun. 2003



Dra. Zubeide Marcon Rebelo da Silva em seu consultório, em 2003



Zubeide Marcon em foto da década de 1980

Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

tratavam com ervas. Sem os antibióticos, acabavam morrendo. Nós, então, levamos os remédios e seus organismos passaram a responder bem”, conta.

Atualmente Dra. Zubeide tem notícias de que a situação dos indígenas da região está bem diferente. “Existem locais em que (*os indígenas*) assaltam e não deixam ninguém entrar. Eles defendem as suas terras”, relata. Quando avisou que iria participar do *Projeto Rondon*, os amigos duvidaram de sua coragem e até perguntavam, em tom de brincadeira, se lá existiam habitantes.

O *Projeto Rondon* não foi marcante na vida da médica apenas pela aventura inusitada, mas também porque foi durante esta experiência que conheceu o marido, Juarez da Silva, engenheiro agrônomo. Na época, ele fazia parte do grupo. Em 1967, Zubeide e Juarez casaram-se, no Pará, e se mudaram para a cidade de Parintins, no Amazonas, onde permaneceram por um ano e meio. Zubeide trabalhou por um período em Manaus, quando deparou-se novamente com uma situação diferente da que estava acostumada. Atendendo à população ribeirinha, passou a conhecer novos costumes e culturas. “Nesse meio tempo, engravidei da minha filha e passei quatro meses em São Caetano do Sul, na casa dos meus pais. Trabalhei um período

do no Hospital das Clínicas, em São Paulo”, conta. O casal teve dois filhos (a filha Maidole, hoteleira, e o filho, Maurício, engenheiro agrônomo) e hoje tem cinco netos, com idades entre 3 e 15 anos.

As aventuras nas ruas do Bairro da Fundação

- Com um salto ao passado, percebemos que a ligação de Zubeide com São Caetano vem de muito tempo. Ela nasceu na cidade, em 23 de fevereiro de 1941, e passou toda a sua infância no Bairro da Fundação. Sua casa localizava-se na Avenida Conde Francisco Matarazzo.

Zubeide era filha de Armando Marcon e Célia Paes Marcon. O pai era italiano, e a mãe, paraguaia. Eles se casaram no Brasil, já que Armando veio ainda menino da Itália. “A minha infância foi muito boa, naquele tempo, tínhamos uma vida diferente, não tinha tanto movimento e perigo. À tarde, tomávamos banho e íamos brincar, minha mãe sentava na calçada e ficávamos com as outras crianças. Gostávamos de passar vagalumes nas roupas, sem machucá-los, e ficávamos brilhantes. Foi uma infância muito diferente da de hoje. Tínhamos liberdade, tanto que, com 10 anos, íamos à escola sozinhos. Sinto saudades dessa vida mais tranquila. Naquela época, podíamos sair e deixar o portão aberto, pois não acontecia nada”, relembra.

Durante toda a infância, Zubeide teve a presença de sua mãe em casa, pois ela não trabalhava fora. O pai era comerciante e participou da educação da filha. Estava sempre presente durante os almoços. Era uma vida muito familiar.

Na adolescência, viveu momentos marcantes nos bailes da época. Ela e os amigos gostavam de fazer bailinhos em casa, na garagem, e frequentavam as matinês, sempre com a presença dos pais. “Tínhamos o baile da saudade, que começava às

20h e terminava às 22h. Dançávamos músicas antigas e era um tempo bom. Um fato engraçado me marcou. Na época, todas as moças participavam de um desfile e, como eu tinha 14 anos, tive de colocar enchimentos no busto, por não ter volume algum. Foi muito engraçado”, lembra. As festas de Zubeide só diminuíram quando entrou no cursinho, focada na medicina. Ela tinha de estudar muito para o concorrido vestibular.

Antes disso, contudo, a médica cursou o primário no Externato Santo Antonio, depois foi para o Instituto de Ensino de São Caetano e, mais tarde, para a Escola Estadual Bonifácio de Carvalho. Como, naquela época, a cidade não oferecia o atual ensino médio, Zubeide teve de estudar em São Paulo, no Bairro do Ipiranga. Depois, fez o cursinho e prestou vestibular para medicina. Chegou a estudar em uma universidade na Bolívia, mas, como não se adaptou, transferiu o curso para a Universidade do Pará. Assim que se formou, voltou para São Paulo e aqui fez especialização em Ginecologia e Obstetrícia no Hospital das Clínicas, pela Universidade de São Paulo (USP), e no Hospital e Maternidade Leonor Mendes de Barros.

Em São Caetano, Zubeide participou, em 1971, do primeiro serviço de prevenção ao câncer ginecológico no IBCC (Instituto Brasileiro de Controle de Câncer), que havia sido

Acervo/Zubeide Marcon Rebelo da Silva



Registro do casamento de Zubeide e Juarez, realizado em 1967

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Encontro médico na Associação Paulista de Medicina, realizado entre o final da década de 1980 e início da década de 1990, aproximadamente. Foram identificados os médicos: Reinaldo Salmazo, Isaac Kleiman, José Roberto Espíndola Xavier, Paulo Wiermann, Rudolph Kraus Neto, Edson Hiroshi Kakiushi, Francisco Verrone Junior, Zubeide Marcon Rebelo da Silva, Rene Crepaldi, José Carlos Canga, Jayme Tavares Junior, Odair Manzini, Ailton Arantes Ferraz, Luis Antonio Della Negra, Gesner Bovolento, Erlan de Marco e Fernando Aricó

Reprodução/Olho Clínico - Informativo da APM São Caetano, ano XXII, n. 235, mar. 2009



Em 2009, Zubeide foi homenageada pela APM São Caetano pelo Dia Internacional da Mulher. Na imagem, ela aparece ao lado do Dr. Marcos Moretto, então diretor social da entidade

criado em 1968 pelo Dr. João Sampaio Góes Jr. e seu filho João Carlos Sampaio Góes. Em três anos, este tipo de câncer foi praticamente erradicado no município e mais de 85% dos casos diagnosticados positivos foram curados. Ela trabalhou durante 20 anos no Hospital Central, em São Caetano, do qual também foi sócia e diretora. Zubeide ainda foi professora assistente da Faculdade de Medicina do ABC, de 1975 a 1990. Sempre integrou a diretoria da unidade de São Caetano da Associação Paulista de Medicina sendo, atualmente, 1ª secretária da entidade.

Apesar da vida corrida e atribulada, Zubeide nunca pensou em mudar a opção profissional, afinal, desde menina, sempre soube que seria médica. “Eu me interessei pela medicina aos 5 anos. Na minha infância, a minha família tinha um médico chamado Dr. Souza Lima, que era do Brás. Ele era muito bom e não fazia apenas pediatria, mas todos os atendimentos. Eu o via atendendo algumas crianças doentes, então coloquei na cabeça que faria medicina para cuidar delas. Continuei com essa ideia, pois não conseguiria fazer outra coisa”, relata.

Mesmo apaixonada pela profissão, Zubeide passou por algumas dificuldades, uma delas é a de ter se formado em outro Estado e, por isso, ter inicial-

mente encontrado poucas oportunidades de emprego. “As minhas oportunidades surgiram por meio do Hospital das Clínicas, onde fiz especialização. Lá fui bem conceituada, tive professores maravilhosos e um deles, o professor Góes, me indicou e, a partir daí, comecei a trabalhar em hospitais como o Beneficência Portuguesa, entre outros”, conta.

Quando faz um balanço de sua vida na medicina em meio a sua atribulada rotina, entre consultório, aulas que ministra na Faculdade de Medicina do ABC e atendimentos nas Unidades Básicas de Saúde, Zubeide não titubeia em dizer o que mais aprecia em sua profissão: “O mais gostoso é conviver com as pessoas, conversar com o paciente. Ele passa a ser um amigo, uma pessoa que confia em você. Em especial na área que escolhi, a obstetria, na qual a paciente procura o médico não por uma doença, mas para ter um filho. E tem crianças que você acompanha até a vida adulta, depois trata dos netos e passa de uma geração a outra. É muito gratificante. Criamos um vínculo. A medicina é tudo na minha vida, eu não saberia fazer outra coisa”, finaliza. **R**

¹ O Projeto Rondon foi criado em 1967 e, durante as décadas de 1970 e 1980, permaneceu em franca atividade, tornando-se conhecido em todo o Brasil. No final dos anos 1980, o projeto deixou de receber prioridade no governo federal, sendo extinto em 1989. Em 2005, já com uma nova roupagem, o Projeto Rondon voltou a figurar na pauta dos programas governamentais, sendo atribuída a sua coordenação ao Ministério da Defesa. Desde então, o Rondon já levou mais de 12 mil rondonistas a cerca de 800 municípios. É um projeto de integração social que envolve a participação voluntária de estudantes universitários na busca de soluções que contribuam para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes e ampliem o bem-estar da população.

PRISCILA GORZONI

É JORNALISTA, PESQUISADORA E HISTORIADORA. FORMADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA, EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, TEM ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS E ARTES PELO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP DE SÃO PAULO E É MESTRE EM HISTÓRIA PELA PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP).

VICTOR MATSUDO:

UM RECONHECIDO
TALENTO
DE
A a Z



Foto: Roberia Gallo (EPHACS)

“Talento é um título de responsabilidade”,

DR. VICTOR MATSUDO, DURANTE ENTREVISTA REALIZADA NO DIA 29 DE SETEMBRO DE 2015, NA SEDE DO CELAFISCS, EM SÃO CAETANO

declarou o general francês Charles de Gaulle há cerca de 50 anos. Exemplo incontestável da veracidade desta afirmação é o médico Victor Keihan Rodrigues Matsudo. Nascido em São Paulo, mas criado em São Caetano do Sul, Matsudo conta com uma carreira consolidada, baseada em um currículo extenso, com muitos títulos, grandes prêmios, e pesquisas e estudos reconhecidos nacional e internacionalmente, que só corroboram a citação daquele que foi o primeiro presidente da França.

Muito além de vocação na área da medicina, Matsudo carrega consigo o talento de transformar conhecimento em prática. Já aos 16 anos, em 1965, ao lado de alguns amigos, fundou o Tijucussu Clube, em São Caetano, que, entre suas grandes façanhas, destacou-se pela organização da Olimpíada Colegial, que congregava todas as escolas da cidade. “O Tiju-

cussu Clube nasce na época da ditadura militar, que proibia reunião de jovens. Conseguimos um antídoto, usando o próprio veneno dela. Os militares gostavam de explorar o esporte como forma de manutenção no poder, viviam falando que esporte era saúde, cultura. Então, fizemos uma Olimpíada Colegial, que era esporte, cultura e saúde, mas por meio da qual podíamos reunir todos os jovens e discutir uma agenda que ia além.”

Vanguardista, o clube também promovia discus-



sões políticas, tendo trazido para São Caetano o escritor Plínio Marcos, o cantor e compositor Geraldo Vandré e o maestro Amilson Godoy, integrante do Zimbo Trio. “Fazíamos uma série de ações. Se (*a polícia*) fosse prender um, teria que prender 5 mil crianças, porque todo mundo estava envolvido. O movimento jovem de São Caetano foi uma coisa linda.”

Com o lema *A Olimpíada do Tijuçussu é uma festa de conagraçamento da juventude de São Caetano*, o evento reunia não só jovens com habilidades físicas, mas também os que tinham aptidões mentais e sociais. “Quem participou daquele momento sabe que foi muito marcante, realmente mexeu com a cidade”, afirma Matsudo.

O médico também lembra que, na época, os jovens contaram com apoio da prefeitura para a realização do evento, que tomava proporções cada vez maiores, por exemplo, integrando o calendário oficial da Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo. Por conta de sua repercussão, o então prefeito, Hermógenes Walter Braido, chamou os organizadores e propôs a criação de um sistema esportivo na cidade, para que as crianças fossem treinadas ao longo do ano, e não apenas em um período específico. E assim surgiu o *Planesporte*, elaborado pela Comissão Municipal de Esportes, do qual Matsudo era coordenador de esportes colegiais, que idealizou a construção de seis centros esportivos no município, tendo o Complexo Poliesportivo Lauro Gomes no centro geográfico. “Ao invés de seis, o prefeito, que tinha uma visão política bem maior que a nossa, construiu 14 centros, e São Caetano ficou com o maior apa-

relhamento esportivo por quilômetro quadrado que se tem notícia no Brasil.”

Nesse momento, surgiu uma preocupação entre os jovens: quem treinaria aquela menina-da? O grupo percebeu que nem todos os profissionais de educação física estavam qualificados para tal missão. Em busca de respostas e ensinamentos, em 1973, Victor Matsudo viajou para os Estados Unidos, onde cursou internato em medicina esportiva, durante seis meses, na Universidade de Illinois. Quando retornou, o então presidente da Comissão Municipal de Esportes, João Luiz Paschoal Bonaparte, lhe contou que

havia sido criado aquele que seria o maior legado do Tijuçussu Clube para a cidade e para a vida do médico: o Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul, mais conhecido como Celafiscs, no qual Matsudo ocupa o cargo de coordenador científico.

Na verdade, o nome Centro de Estudos só foi incorporado anos depois. O Celafiscs surgiu como laboratório para avaliar o rendimento das

crianças nos centros esportivos. “O objetivo era analisar cientificamente o que estava acontecendo com as crianças nas escolinhas de esporte. Não só com as crianças, mas também com aqueles que estavam mais avançados. Eu era o responsável por fazer as avaliações de aptidão física nos escolares, nos adolescentes e nos adultos que estavam praticando esporte de alto rendimento.”

Hoje, com 41 anos de atividades, localizado no subsolo da Unidade Básica de Saúde Samuel Klein, na Rua Heloísa Pamplona, o Celafiscs mantém apenas parceria com a prefeitura, que lhe permite usar o espaço. Em troca,



Jovens lotam as arquibancadas do Ginásio Milton Feijão, durante partida da Olimpíada Colegial, organizada pelo Tijuçussu Clube, no final da década de 1960

os profissionais do centro avaliam estudantes e idosos da cidade. Quem vê suas modestas instalações, não imagina a magnitude de seus estudos e trabalhos, e seu reconhecimento no Brasil e no exterior. Um exemplo recente é a conquista do American College of Sports Medicine Citation Award 2014, por Victor Matsudo e sua esposa, também médica, Sandra Marcela Mahecha Matsudo. “O American College é a maior instituição mundial na área da medicina esportiva, e faz um congresso anual com mais de 8 mil participantes. A cada ano, eles premiam os cientistas que deram a maior contribuição (*na área de medicina*) ao mundo, e eu ia sempre para bater palma, aplaudir os grandes nomes, mas nunca imaginei que, um dia, minha esposa e eu seríamos homenageados. Tem coisa que você sonha. Com isso, eu não sonhei, esse prêmio foi acima de qualquer possibilidade que se possa merecer.” Além da importância do prêmio, o fato de Sandra e Matsudo recebê-lo foi inédito por duas razões: foi a primeira vez que latino-americanos foram chamados ao palco e que o prêmio foi entregue a um casal. “Eu o recebi em nome de uma geração, de tantos colegas que passaram por aqui e foram construindo uma catedral. Cada um colocou um tijolinho para montá-la. Não foi fácil, são 40 anos de luta.”

Outro grande exemplo da relevância do Celafiscs e que também remete aos tempos da Olimpíada Colegial é a realização do Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, que está em sua 38ª edição, e que nasceu a partir da necessidade de se discutir o rendimento dos estudantes nos centros esportivos, por isso, o nome inicial era Simpósio dos Esportes Colegiais. “O primei-

ro evento ocorreu na sede do Tijuussu Clube (*localizada onde hoje se encontra o Teatro Santos Dumont*), e, só para se ter uma ideia, tinha mais gente na mesa do que assistindo. Para ter público, os outros palestrantes desciam para o auditório a fim de prestigiar quem estava falando”, conta. Hoje, milhares de inscritos lotam o Centro de Convenções Rebouças, em São Paulo, e disputam a oportunidade de ver os maiores nomes da medicina esportiva mundial, reunidos em um único local. “Este evento tem a nossa cara: trata de ciência, mas de forma a desmistificá-la. O objetivo é transformar o mundo por meio do conhecimento,



Arquivo/Victor Matsudo



mas colocando conhecimento e prática em uma única sentença, transformando-o em algo útil para a sociedade. O Celafiscs não é um grande centro de descobertas da ciência básica, mas sim um grande centro de transformação de conhecimento em algo prático.”

A partir dessa ideia, diversos testes, projetos e pesquisas foram desenvolvidos e tiveram impacto significativo para a população. O maior deles, sem dúvida, é o *Agita São Paulo*,

encomendado pela Secretaria de Estado da Saúde na década de 1990, com o objetivo de aumentar o nível de conhecimentos sobre os benefícios da atividade física para a saúde dos indivíduos e elevar o nível de atividade física da população, gerando mudanças de atitudes, como as de combate ao sedentarismo, em grande escala e baixo custo. “Este é um exemplo de uso de marketing social de forma inteligente, que visa mudar comportamentos”, afirma Matsudo sobre o programa que conseguiu reconhecimento nacional e serviu de molde para o *Agita Mundo*, promovido pela Organização das Nações Unidas.

Centro de Convenções Rebouças é inteiramente ocupado por público que participou do 37º Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, promovido pelo Celafiscs, e realizado entre os dias 2 e 4 de outubro de 2014

Caminhada do programa *Agita Mundo*, realizada no dia 12 de abril de 2015 (Dia Mundial da Atividade Física). Na primeira fila, segurando o cartaz, aparece o médico Victor Matsudo (o quarto, a partir da esquerda)



Foto: Roberta Gatto (FPMSCS)

Fachada do Celafiscs (Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul), localizado na Rua Heloísa Pamplona

O sucesso do *Agita São Paulo* pode ser analisado sob diversas vertentes. A realização de parcerias estratégicas é uma delas, não só dentro do governo estadual, unindo as secretarias de saúde, esporte e educação com as de meio ambiente, transporte e habitação, como também com jogadores estratégicos dos ambientes corporativo e social, como o Metrô de São Paulo, o Sesi (Serviço Social da Indústria) e a Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), o que lhe dá sustentabilidade econômica e visibilidade. Hoje mais de 400 instituições governamentais, não-governamentais, estaduais e do setor privado estão envolvidas.

O slogan do programa também foi fundamental para o êxito da ação: 30 minutos por dia fazem a diferença. “Antes do *Agita São Paulo*, havia uma ideia de que só exercício intenso e de

maneira contínua surtia efeito. Foi então que revolucionamos e começamos a preconizar que exercício de forma leve ou moderada, de maneira contínua ou acumulada, durante 30 minutos por dia, já era suficiente para que se alcançasse qualidade de vida.” Sobre o assunto, Matsudo completa: “Uma ideia é mais importante do que dinheiro. Eu acho que o neurônio transforma o mundo, mas o neurônio só vai transformar se ele se unir a outra coisa muito importante: o coração. E essa é a base dos profissionais do Celafiscs”.

De A(gita) a (Estratégia) Z

– Assim como o *Agita São Paulo*, outra importante realização do Celafiscs foi a elaboração da Estratégia Z, publicada em 1987 no *Journal of Sports Sciences*, e utilizada por Cuba até hoje. Esta estratégia, que, segundo Matsudo, nada mais é do que subtração e divisão, une matemática e genética em busca de vocações para o esporte. “Quando o pai de uma criança me diz que o filho tem 14 anos e pula 48 centímetros, e me pergunta se ele irá jogar na seleção brasileira de vôlei, eu uso esse método para poder dizer, com anos de antecedência, se ele tem ou não perfil para ser

esportista na modalidade pretendida. Então, primeiramente, eu o comparo com pessoas daquela faixa etária, por exemplo, na impulsão vertical, para descobrir o índice z, que indica, em unidades de desvio padrão, o quanto a criança se afasta da média daquela população. Em seguida, vou à seleção nacional da modalidade e verifico o quanto aqueles jogadores se afastavam da média da população adulta. Fazendo essa comparação entre os índices z, eu consigo saber se o quanto ele salta hoje em dia equivale ao salto dos jogadores olímpicos, e, assim, se ele apresenta uma ou um conjunto de variáveis de destaque.”

Por conta dessa descoberta, Matsudo foi convidado a integrar a Comissão de Detecção de Talentos do COI (Comitê Olímpico Internacional), cargo que ocupou entre 1987 e 1992. Atualmente ele é membro da Comissão de Nutrição Esportiva do órgão. Um dos grandes exemplos da eficácia da Estratégia Z foi a jogadora de basquete Hortência Marcari, descoberta aos 13 anos, quando ainda estudava no Colégio Santa Maria, em São Caetano, e jogava handebol. “Os índices da Hortência são absurdos. A chance de aparecer alguém igual a ela é de uma em 120 milhões, ainda vai levar algumas gerações.” Outro resultado positivo fruto desse trabalho foi a conquista do Grande Prêmio Internacional de Medicina Esportiva dos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992.

Ligação com a cidade – Apesar de ter nascido em São Paulo, aos 2 anos de idade, Victor Matsudo se mudou para São Caetano com a família. Foi na cidade que completou o ensino fundamental na atual Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho, montou consultório e criou a família – ele é casado há 24 anos com Sandra e tem uma filha, Flávia. Seus avós maternos vie-

ram de Portugal e já haviam se estabelecido no que viria a ser o município de São Caetano desde o início do século 20.

Intimamente ligada à carreira profissional (além do Celafiscs, o médico possui um consultório na Avenida Goiás, espaço que divide com o irmão e cirurgião plástico, Paulo), a relação de Matsudo com a cidade também é pessoal. “Minha conexão é muito maior do que simplesmente um fato isolado, é resultado de todo um amadurecimento que vem desde a minha participação bem ativa em clubes de jovens”, afirma.

A segurança, o clima de cidade do interior e o Espaço Verde Chico Mendes são pontos que atraem o médico. “Uma das coisas que eu gosto da cidade é que ela me permite caminhar todo dia, no horário em que eu posso, às vezes é bem cedo, outras é tarde da noite, e eu nunca tive nenhum problema de insegurança caminhando na Avenida Presidente Kennedy. Também gosto do clima social daqui, acho legal as pessoas se conhecerem, esse ambiente amigável, e que deve ser preservado. O mais fantástico é o Parque Chico Mendes. Não há um gringo que eu traga aqui e não fale: ‘Puxa, isso não parece São Paulo’. Realmente é um oásis, um belo cartão de visita da cidade”, conclui.

Desta forma, entre tantos currículos extensos e nomes de peso, Victor Matsudo se sobressai, e vai carregando o nome de São Caetano para cada vez mais Estados e países. “Todos os grandes nomes que eu conheço no cenário mundial juntaram competência e dedicação. A diferença de conhecimento e sabedoria é muito grande, você tem que ‘plantar’ para que, um dia, tome decisões que tenham mais sabedoria do que conhecimento.” **(Marília Tiveron) R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- <http://celafiscs.org.br/>. Acesso em: 1 out. 2015
<http://www.portalagita.org.br/pt/>. Acesso em: 30 set. 2015
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787847J4>. Acesso em: 29 set. 2015
<http://www.bv.fapesp.br/pt/pesquisador/93531/victor-keihan-rodrigues-matsudo/>. Acesso em: 29 set. 2015.
<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/08/meio-milhao-de-paulistas-muda-de-vida-ao-relacionar-movimento-e-saude.html>. Acesso em: 6 out. 2015.
REVISTA de Administração em Saúde, vol.12, n. 46, jan.-mar. 2010.

Mauro Vincenzi Laranjeira

Os 65 anos da Casa Laranjeira



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

FACHADA DA CASA LARANJEIRA, LOCALIZADA NA ENTÃO RUA GOIÁS, ESQUINA COM A RUA MARTIM FRANCISCO. PÚBLICO SE AGLOMERA PARA ASSISTIR À CHEGADA DO PATO DONALD, EM 1955

Estabelecido em São Caetano desde 1925, o português Joaquim Pires Laranjeira já tinha conquistado certa experiência no comércio de secos, molhados e ferragens. Havia realizado duas mudanças de endereço, ampliando seu comércio em prédios próprios, por ele mesmo construídos, na então Rua Goiás, entre as ruas Martim Francisco e Tiradentes, no clássico estilo de salão comercial no nível do passeio público e residência no piso superior, conferindo maior conforto à es-

posa, Belarmina, e aos filhos, José, o mais velho e conhecido por toda sua vida como Zeca, Jorge, e Rita, a caçula. Em 1947, decidiu viajar e visitar seus parentes em Portugal, levando a esposa e a jovem filha. Passou o ponto do armazém e ferragens para José Cravo de Moraes e, com a renda mensal dos aluguéis dos outros dois prédios, partiu.

Com 21 e 17 anos, respectivamente, Zeca e Jorge mudaram-se para a terceira residência construída por Joaquim e iniciaram o primeiro emprego fora do comércio da família: Zeca na empresa

Brasmotor, em São Bernardo, e Jorge no Banco Noroeste, na Rua João Pessoa, em São Caetano. Mas os meninos não ficaram desamparados, pois a nova moradia, mais ampla e confortável, permitiu a mudança dos seus tios Anacleto e Helena, com seus filhos solteiros, Antonio e Eurico. Por dois anos, Zeca e Jorge tiveram a companhia de seus primos, o carinho da tia Helena e o pulso firme do tio Anacleto. Tudo antecipadamente arquitetado pelas irmãs Belarmina e Helena.

São Caetano prosperava plenamente junto a todos que aqui investiam. O subdistrito de Santo André, situação política e administrativa na qual se encontrava na ocasião, destacava-se na região como gerador de riquezas, mas os recursos para infraestrutura continuavam restritos. Esse fato instigou ainda mais os moradores, sendo o assunto autonomia o mais discutido em todos os cantos. Finalmente, no dia 24 de outubro de 1948, a população foi convocada para o plebiscito, e Jorge foi chamado como secretário de uma das seções. Venceu a chapa branca e, finalmente, São Caetano conquistou sua tão sonhada autonomia, passando, posteriormente, à denominação de São Caetano do Sul.

Nesse período, Joaquim regressou e decidiu investir ainda mais na recém-emancipada São Caetano. Talvez inspirado pelas vitrines lusitanas, planejou um novo negócio, num ramo diferente dos que já havia gerido. A então Vila Paula prometia prosperidade com a fixação da General Motors do Brasil já por quase 20 anos, o que permitiu a rápida ocupação do loteamento do investidor paulistano Gabriel Teixeira de Paula e de todos os comércios instalados na área. Mas havia espaço para um pioneiro: o de armarinhos, fazendas e brinquedos. A escolha do ponto não poderia ser outra: o salão de número 1.528 da Rua Goiás, esquina com a Rua Martim Francisco, local que, além de ter abrigado o armazém da própria família, havia funcionado também, por muitos anos, como uma farmácia.

Em 27 de novembro de 1950, foi celebra-

do o contrato de sociedade que originou a Casa Laranjeira, empresa que girava sob a razão social J.P. Laranjeira & Filhos, com capital social de Cr\$ 200.000,00, assim distribuídos: Cr\$ 130.000,00 para Joaquim Pires Laranjeira, Cr\$ 35.000,00 para José Pires Laranjeira e Cr\$ 35.000,00 para Jorge da Silva Laranjeira. Observa-se que Jorge, na época com 20 anos de idade, precisou ter sua maioridade emancipada para poder participar da sociedade.

O recomeço no comércio e em ramo tão diferente não foi tarefa fácil. Em 1951, Zeca já completava um ano de casado com Ana Francisca, com quem viria a ter sete filhos, e Jorge, ainda solteiro, aproveitou o quesito adicional de sócio-proprietário e oficializou o namoro com Lúcia. Em 1952, com a certeza de que o negócio decolaria, Joaquim saiu da sociedade e passou a se dedicar à construção civil. O capital foi dividido igualmente entre os filhos e a razão social passou a ser J. P. Laranjeira & Irmão.

Era comum, nos lares da época, as mulheres confeccionarem o vestuário de toda a família, mas a roupa pronta para vestir, ou *prêt-à-porter*, como alguns elitizados diziam, começou a ganhar o gosto dos clientes. Assim, os irmãos Zeca e Jorge foram também atrás dos escassos confeccionistas da capital. Aos poucos, todo o vestuário disponível à família foi acrescentado para venda. A vizinhança do Grupo Escolar Dom Benedito Paulo Alves de Souza, localizado na própria Rua Martim Francisco, incentivou também a venda de produtos da linha de papelaria e, posteriormente, uniformes.

Quanto aos brinquedos, destacavam-se as empresas Bandeirantes, com seus carrinhos de lata e triciclos, a Estrela, das bonecas, bolas e jogos de mesa, e, mais tarde, a Gulliver, dos soldados e índios do Forte Apache. Em 1955, a Casa Laranjeira participou da campanha promocional da Manufatura de Brinquedos Estrela, que oferecia ao contemplado uma viagem aos Estados Unidos para visitar Hollywood. Para reforçar a campanha, foi



Fachada original do prédio da Rua Tiradentes, na década de 1990



Atual fachada do prédio da Rua Tiradentes, em foto de 2007

agendada uma visita do próprio Pato Donald. A loja ficou pequena para o público que foi esperar a chegada do inusitado personagem de Walt Disney. Vale lembrar que, nesse tempo, a Disneylândia ainda era desconhecida, pois havia sido inaugurada há somente três meses, em julho de 1955.

Alguns costumes, como o da venda antecipada de presentes para o Natal, principalmente brinquedos, deu origem a dois processos. O primeiro, totalmente diferente da cultura atual, refere-se à guarda dos presentes comprados durante o ano, para a retirada dos produtos devidamente em-

brulhados e identificados alguns dias, ou, às vezes, horas antes do grande evento. O segundo refere-se à venda a prazo pelo sistema de conta corrente, diferente do carnê adotado por outros estabelecimentos. Tratava-se da evolução da caderneta do armazém, que acumulava as compras do mês para serem pagas em data combinada. Este sistema, adaptado eletronicamente, é mantido até hoje e é preferido por muitos clientes.

Em 1964, Zeca decidiu se dedicar plenamente ao CIAP (Comércio e Indústria de Autopeças Ltda.), onde já mantinha sociedade há três anos, e Jorge, casado há dez e com dois filhos, assumiu isoladamente a gerência da Casa Laranjeira, integralizando todas suas economias à empresa. A razão social foi alterada definitivamente para Casa Laranjeira Ltda., e a esposa e companheira na lida diária da loja, Lúcia Maria Vincenzi Laranjeira, oficializada como sócia.

A família Vincenzi teve sua trajetória em São Caetano totalmente baseada no comércio. O patriarca italiano, Luiz Primo Vincenzi, instalado na cidade desde 1920, após diversas obras na construção civil, ingressou no comércio, no início dos anos 1930, e participou das primeiras diretorias da atual Aciscs (Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul), fundada em 1938. Seus filhos também se instalaram na cidade como comerciantes: Walter Primo, na Casa Wilma, localizada na Rua Wenceslau Brás; Jordano Pedro Segundo, na Casa Ivany, na Rua Amazonas; Arthur Tércio e Bruno João na Casa Vincenzi, na esquina da Rua Amazonas com a Avenida Goiás; e Antonio Luiz, na Decorações Vincenzi. Seus genros também seguiram o mesmo caminho: Jayme da Costa Patrão, na Cerâmica Da Costa e Jorge Laranjeira, na Casa Laranjeira.

É de se admitir que quando esta numerosa família se reunia, por mais que se evitasse, o assunto comércio era sempre posto em pauta. Na cidade, a Aciscs permitia a discussão dos proble-

mas do setor terciário, e muitos fizeram parte de sua diretoria e conselho. Luiz José Vincenzi, filho de Jordano Pedro Segundo Vincenzi, presidiu a casa em 1969 e 1970, e, mais tarde, Jorge da Silva Laranjeira, de 1975 a 1979.

Muitos foram os que colaboraram e progrediram junto à Casa Laranjeira, sendo que o nítido espírito familiar, característica da gestão do estabelecimento, permitiu que ex-funcionários ainda mantivessem o vínculo e amizade por muito tempo, quer como visitantes ou clientes quer como prestadores de serviço de costura. Algumas famílias também confiaram à Casa Laranjeira o ingresso de seus filhos ao mercado de trabalho, e, assim, por diversos períodos, alguns irmãos trabalharam lado a lado na empresa. Porém, um caso merece destaque: o dos irmãos Pradella. Na ordem cronológica, Eduardo, Antonio, Aparecido e Nelson tiveram a loja como primeiro emprego, e, embora aposentados, Toninho e Cido (os dois do meio) ainda colaboram com expertise admirada na atividade, o que ressalta ainda mais a qualidade da empresa tanto no tratar dos clientes quanto de seus funcionários.

O que poderia parecer um infortúnio foi uma grande oportunidade de crescimento. O prédio da Casa Laranjeira fora desapropriado por ocasião da ampliação da Avenida Goiás, que passaria a contar com dois largos passeios públicos, duas pistas de rolamento separadas por canteiro central e com toda a infraestrutura subterrânea necessária. Mais uma vez Jorge e Lúcia Laranjeira precisaram de liquidez para as despesas que viriam: compra do imóvel, construção da nova loja e novas instalações. Com muito esforço, vendendo seu refúgio de fim de semana, a pequena chácara do Bairro Ouro Fino Paulista, de Ribeirão Pires, e um bem calculado empréstimo, a família obteve pleno êxito neste grandioso projeto. Em março de 1975, a Casa Laranjeira mudou-se para sua sede própria e atual, situada na Rua Tiradentes, esquina com a Rua Marechal Deodoro, no mesmo quarteirão do prédio antigo.

As novas instalações, planejadas e executadas com critério organizacional, contribuíram para a mudança paulatina do perfil da loja. Tentou-se deixar para o segundo piso a venda de artigos de puericultura e bicicletas, que ocupavam grande espaço, mas, com a confirmação do perfil da clientela, em pouco tempo, foram excluídos de venda. A seção de brinquedos ficou confinada a um balcão e prateleiras com capacidade reduzida à metade da situação anterior, mas a exposição era eficiente e atraía a atenção de crianças e jovens. A seção de calçados também foi reduzida a menos de 30%, mas havia a possibilidade de manter o estoque no segundo andar. Foram privilegiadas as seções de vestuário e cama, mesa e banho. Foi uma decisão acertada, observada pelo aumento das vendas.

Com a loja vendendo mais, os serviços administrativos aumentaram na mesma proporção. Mais compras, mais recebimentos, mais cálculos e marcações. Os filhos do casal Jorge e Lúcia foram incentivados por eles mesmos a buscar função diferente do comércio, que se mostrava suscetível a assaltos, e, assim, Mauro e Marly formaram-se engenheiro mecânico e fonoaudióloga, em 1977 e 1978, respectivamente. Trabalhando somente cinco dias por semana e férias com mais de três semanas, Mauro tinha oportunidade de sobra para dar uma mão e dividir suas extensas férias com seus pais, o que permitiu, por poucas vezes, o merecido descanso do casal. Em 1982, a convite de Jorge, Mauro, e sua esposa, Marisa, e filhas, regressaram a São Caetano e Mauro passou a dividir a administração da empresa.

É fato que, após quase cinco anos trabalhando em multinacional, Mauro tinha bagagem suficiente para as alterações significativas que estariam por vir, mas o tino comercial continuava com Jorge. O ambiente de trabalho foi privilegiado e, paulatinamente, benefícios foram concedidos aos colaboradores: plano de saúde, seguro de vida e, mais tarde, previdência privada. Da mesma forma,



A partir da esquerda: Mauro Vincenzi Laranjeira, Marisa Mais Laranjeira, Lúcia Maria Vincenzi Laranjeira, Jorge da Silva Laranjeira e Marly Vincenzi Laranjeira, atuais sócios da Casa Laranjeira

a familiarização com o ambiente eletrônico para cálculo e a emissão de relatórios, para substituir rotinas diárias, foram logo postos em prática, principalmente a partir de 1986, quando começaram as alterações da moeda nacional para corrigir os efeitos da hiperinflação, e os diversos planos de congelamento e suas tablitas, para tentar eliminá-la. As necessárias conversões dos valores foram sempre facilitadas com as planilhas de cálculo Lotus 123, disponíveis na época.

Mas cálculos pontuais já não bastavam, seria necessário um sistema que integrasse todos os setores da loja. Foi então que Mauro procurou o Sebrae, que disponibilizou um analista que identificou a necessidade de desenvolver um sistema gerencial próprio, dada as peculiaridades da empresa e de seu crediário. Assim, foi contratada Patricia Gozze Crapino, programadora recém-formada, que ainda hoje colabora na área administrativa, e que, sob orientação do analista do Sebrae, desenvolveu com sucesso o sistema gerencial em ambiente DOS, na linguagem Clipper.

O ano de 1994 foi um marco. Com o sistema gerencial básico finalizado, os teclados e monitores na frente do caixa mostravam modernidade e agilidade. A aceitação e crédito ao novo processo foram lentos, mas crescentes, pois poucos estabelecimentos, além das redes de supermercados e grandes magazines, possuíam fechamento de venda e controle individual do crediário informatizado. No mesmo ano, conhecemos o indexador URV, que ensinou como trabalhar com uma unidade de valor real e deu origem a uma moeda definitiva: o real. E, como num passe de mágica, nos livrou da hiperinflação.

Em novembro de 2000, a Casa Laranjeira

comemorou seu Jubileu de Ouro em grande estilo: foi celebrada missa em ação de graças na Igreja Matriz Sagrada Família, houve um mês de promoção de vendas, com a instalação de uma roleta para o próprio cliente sortear seu desconto adicional, e foi encomendado o CD *Coração Brasileiro*, que contou com a colaboração do violonista Evandro Benedito e da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Já no começo deste século, foi encomendado um projeto à arquiteta Elda Xavier para melhor utilização e revitalização do prédio. Em 2003, teve início esta empreitada. Ao final, a fachada verticalizou todo o prédio, dando ares de modernidade e imponência, com o portal de entrada e os toldos harmoniosamente fixados na fachada. Entretanto, com a aplicação da Lei Cidade Limpa em nossa cidade, as peças externas, totalmente integradas à fachada, tiveram de ser removidas. Por outro lado, outras benfeitorias, como a instalação do gerador elétrico e do ar-condicionado, continuam propiciando conforto e segurança.

Ao comemorar os 65 anos da Casa Laranjeira, o momento é de agradecimento a todos os clientes e amigos, razão da existência da empresa, que confiaram e permitiram a entrada da marca Laranjeira em seus lares; agradecimento a todos os colaboradores que passaram pela empresa e à equipe atual, formada por Antonio, Aparecido, Ione, Juscey, Lúcia, Marineide e Patrícia; agradecimento a todos os prestadores de serviço, muitas vezes invisíveis, mas fundamentais para o sucesso do dia a dia; e de dar graças a Deus por esta louvável conquista. **R**

MAURO VINCENZI LARANJEIRA

É DIRETOR COMERCIAL DA CASA LARANJEIRA E ATUALMENTE PRESIDE A ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE SÃO CAETANO DO SUL (ACISCS).

Rinaldo de Souza Garcia _____

Grupo da Pintura do Clube dos 30 continua vivo



Arquivo/Roque Ciciliano

Década de 1970. No auge da ditadura militar, a indústria e o comércio eram impulsionados pelo chamado “milagre brasileiro”. Com o aumento significativo do Produto Interno Bruto (PIB), a concentração de renda e, antagonicamente, o crescimento da inflação e da pobreza, as diferenças sociais acentuavam-se.

Nesse clima, as ofertas de trabalho eram vastas e os cursos técnicos, profissionalizantes e de engenharia afloravam em todo o país e eram a porta de entrada para qualquer empresa. Trabalhar em uma indústria automobilística naquela época era algo diferenciado e promissor. Pertencer ao seletor grupo de Engenharia e Laboratório da General Motors, em São Caetano do Sul, era muito mais do que isso. Era a primeira fábrica de automóveis do Brasil, era a cidade

de maior desenvolvimento social na região, ou seja, era simplesmente glamoroso.

Nós éramos basicamente a segunda geração de profissionais técnicos neste setor. Roque Ciciliano é o representante remanescente da primeira geração. Era ele que nos recebia, dava orientações e nos auxiliava nas primeiras atividades e no reconhecimento da fábrica.

O grupo do laboratório da época era formado por cerca de 50 profissionais, entre técnicos, químicos e engenheiros. A equipe

Laboratório de Processos de Manufatura da General Motors, em foto de 1963. Na imagem, foram identificados: José Ceppefeld, Orlando Buoro, Roque Ciciliano, Muricy Garcia Xavier, Rodolfo Luiz Begalli, Flávio Roberto Hirata, Luiz Cabrera Fernandes, José Guimarães, Durval Di Vincenzo, Salvador Rataneto, Fleury Antonio Davi e Rugi Iwazaki

PARTIDAS DE FUTEBOL ENTRE SOLTEIROS E CASADOS ERAM REALIZADAS NA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CLASSISTA GENERAL MOTORS (ADCGM). NO TIME DOS SOLTEIROS (FOTO SUPERIOR), VEMOS, EM PÉ, A PARTIR DA ESQUERDA: RINALDO DE SOUZA GARCIA, NELSON GULLO, ENNIO RECHIA, ADILSON SCARTOZZONI, PAULO LOMANACO E JOSÉ ROBERTO GIANELLO. AGACHADOS, FORAM IDENTIFICADOS: DAMÁZIO SPOSITO, FRANCISCO BUSZA RUIG E ANTONIO DOS SANTOS FILHO. O CASADOS F.C. TINHA ENTRE SEUS INTEGRANTES: WILSON NATALE, ANTONIO PINTO E JOSÉ MAIZANO (EM PÉ), E ACÁCIO RODRIGUES DE FREITAS, JURACY DINIS, ROQUE CICILIANO E FÚLVIO NICOLAU BECHELLI (AGACHADOS)



NO DIA 30 DE SETEMBRO DE 2015, MEMBROS DO CLUBE DOS 30 VISITARAM A FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E POSARAM PARA FOTO. DA ESQUERDA PARA DIREITA, OBSERVAM-SE: CLAYR GOMES, DURVAL DI VINCENZO, RINALDO DE SOUZA GARCIA, ROQUE CICILIANO, ARNALDO ROSA E MARCUS VINCENZI DA COSTA PATRÃO



crescia (literalmente) e amadurecia, assim como a General Motors do Brasil e São Caetano do Sul. Avançávamos juntos, conquistando cada vez mais o crescimento cultural, social e econômico.

Controlávamos todo o processo químico da fábrica, desde o desenvolvimento, a análise e as especificações de matérias-primas, como também o processo produtivo da galvanoplástica, baterias, plásticos, espumas, tintas e a pintura automotiva (havia também a geladeira Frigidaire).

Dividíamos (naquele tempo, não se utilizava o termo “compartilhar”) conhecimento, planos, esperanças e realizações, com total lealdade, amizade e respeito à hierarquia e ao próximo. Os integrantes do grupo interagiam nos famosos churrascos de despedida de solteiro no clube da Associação Desportiva Classista General Motors (ADCGM), nas partidas de futebol entre solteiros e casados (que foram ficando com os times cada vez mais desproporcionais) e nos encontros de final de ano, com churrascos na casa de praia de Ciciliano. Tínhamos o “livro da palha”, no qual todas as descabidas mentiras e bravatas típicas da juventude eram perpetuadas por meio de analogias com personagens de álbuns de figurinhas da época, estereotipando, com humor, as características de cada um. Tudo isso era repetido e exposto em todos os nossos encontros.

Passamos e vencemos várias fases. Foram crises, planos financeiros e econômicos (petróleo, políticas, dólar, recessão, etc) e, ao longo desse tempo, o grupo foi se dispersando, mas aglutinou-se e se transformou no Grupo da Pintura. Essa mudança também ocorreu em função da modernização da pintura automotiva da GM em São Caetano, referência no Brasil nos idos de 1987, coordenado por Ademir Nicolini (colega do laboratório da década de 1970).

A área de pintura da GM até pouco tempo atrás ainda era admirada e respeitada, interna e externamente, inclusive com reconheci-



mentos internacionais como um dos melhores resultados da corporação. Podemos dizer que isso é fruto do trabalho desse grupo, gerenciado muito tempo por Adilson Scartozzoni (colega do laboratório da década de 1970). Vale a pena também ressaltar: Antonio Guariento, Damázio Sposito, Edgard Cenachi, Emilio Figueiredo, Sergio Caraciollo, entre tantos outros, como verdadeiras figurinhas carimbadas (da década de 1970).

Mas o que esse grupo tem de especial? Arnaldo Rosa, Clayr Gomes, Clovis Penteado, Durval Di Vincenzo, Eduardo Buchdid, Marcus Patrão, Rinaldo Garcia... Todos estes nomes promovem a continuidade do grupo. Fomos, e sempre seremos, parte do Grupo da Pintura. Apesar de não estarmos mais na ativa, estamos agora desfrutando do merecido descanso dos aposentados, curtindo nossos encontros e bailes do Clube dos 30, realizados na ADCGM.

Um grupo agora amadurecido por lembranças, realizações profissionais e sociais, agora compartilhando (não se fala mais dividindo...) planos, realizações e esperanças, mantendo viva a tradição e dando continuidade ao grupo, fixando velhas e novas ideias como verdadeiras raízes originárias da década de 1970. **R**

RINALDO DE SOUZA GARCIA
É QUÍMICO E MECÂNICO OPERACIONAL. FOI SUPERVISOR DE PROCESSO DE PINTURA NA GENERAL MOTORS.

Alegres lembranças: grupo confraternizando na ADC General Motors

Narciso Ferrari

Clubes e orquestras da cidade

Batista e sua Orquestra, em foto de 1952, durante apresentação no SCEC



Arquivo/Narciso Ferrari



Arquivo/Narciso Ferrari

Componentes da Jazz São Caetano, que se apresentava no São Caetano Esporte Clube. Entre seus integrantes, estão Carlos Cuccato (clarinete) e David Cuccato (trompete)

Atendendo ao pedido da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, depois de muito tempo, resolvi colaborar novamente com a revista *Raízes* e relatar sobre a vida dos clubes da cidade, no que se refere às áreas esportiva, social e dramática. Começamos pelo clube mais antigo da cidade e que, até os dias de hoje, lidera e representa o município: o São Caetano Esporte Clube (SCEC), como clube recreativo e social.

Suas atividades dançantes tiveram início

com o conjunto musical Jazz São Caetano, que tinha em sua formação músicos como Luiz Modena, Carlos Cuccato e David Cuccato, que também eram da Banda Musical da cidade. O conjunto era representado por poucos músicos, nos seguintes instrumentos: saxofone, pistão, percussão, bateria, pandeiro, violão e violoncelo. As exibições aconteciam na sede social, localizada na Rua 28 de Julho, propriedade da família de Maximiliano Lorenzini.

Posteriormente, o SCEC foi transferido para uma sede maior, onde ficou por mais de 30 anos, em propriedade de José Pedro Lorenzini,

por muito tempo, diretor de futebol da Sociedade Esportiva Palmeiras.

O Clube Esportivo e Recreativo Lazio, que tinha sede na Rua Rio Branco, mantinha primeiramente um conjunto, depois a orquestra do Casério Veronesi, em seguida Batista Negro e, finalmente, Carioca e sua Orquestra, que dizia ser primo de Emilinha Borba, cantora representante da Marinha nos carnavais cariocas.

No Clube Monte Alegre, com sede na Rua Minas Gerais (atual José Benedetti), havia a orquestra do violinista Valdemar Fâmula e da cantora Maria Fiori, que, finalmente, tinha sua própria orquestra para tocar às quartas-feiras, no programa *A Hora da Saudade*, na Rádio Capital. No Clube Recreativo Dançante Guarani, situado no cruzamento da Avenida Senador Roberto Simonsen com a Rua Castro Alves, apresentava-se Olindo e sua Orquestra, também chamada de Toscano e sua Orquestra, na qual cantava Francisco Corbacho Junior (falecido recentemente). Na Associação Desportiva Classista General Motors, os palcos eram ocupados pela Ritz Band, de Narciso e sua Orquestra, que tinha André Beer como pianista.

No Clube Teuto, da colônia alemã, quando situado nas esquinas das ruas Afonso Pena e Marechal Deodoro, tocava a Orquestra Tirolesa, dos irmãos Behringer (Nikolaus e Pavel), que tinha o pai do André Beer na gaita de fole. Esta orquestra era contratada pela Cia. Antarctica para animar os bailes da cerveja com trajés típicos da colônia alemã.

No IAL Clube, das Indústrias Aliberti, frequentado na maioria por seus funcionários e que ficava nas dependências da fábrica da Rua Senador Vergueiro, eram oferecidos shows e bailes com a orquestra do Carioca, que também se apresentava nas Indústrias Santana, que ficava na mesma rua. Na Rua Olinda (hoje Tenente Antônio João), o Olinda Futebol Clube disputava

o campeonato varzeano e oferecia bailes com o conjunto de Guilherme (violino), Olindo Toscano, Francisco Corbacho Junior (*crooner*) e Tomaz (bateria). No começo da década de 1950, a Orquestra Carioca apresentava-se no Clube Jaraguá, situado na Rua Santa Catarina, e no Ipê Clube, na Rua João Pessoa.

Nos bailes de formatura e também nas edições do chamado Baile Branco, realizados nos salões do Clube Comercial ou do São Caetano Esporte Clube, eram contratadas orquestras da capital, pois eram famosas e exclusivas de determinadas rádios, como Bandeirantes (Silvio Mazzuca), Gazeta (Antônio Sergi “Totó” e Luiz Arruda Pães ou Armando Bellardi), Tupi (Zezinho e sua Orquestra), Excelsior (Osmar Milani) e Difusora (Erlon Chaves e Elcio Alvares). A Rádio Record possuía orquestra dirigida por Ciro Pereira.

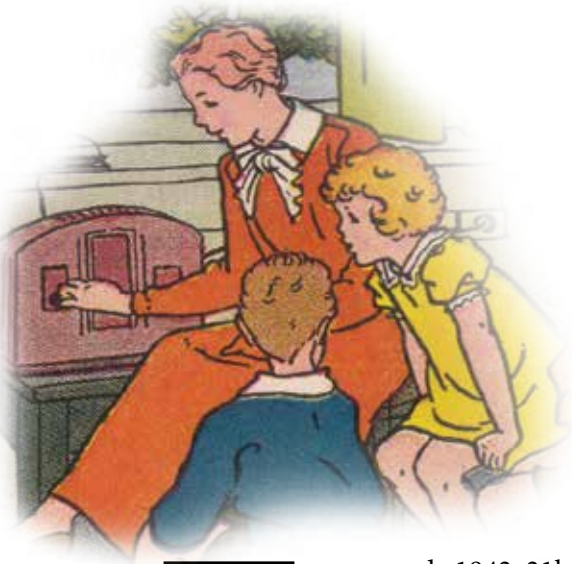
Os dançarinos de São Caetano tinham o hábito de frequentar clubes da capital, tais como Centro do Professorado - situado na Rua da Liberdade e que trazia shows de Simionato e sua Orquestra -, Lord Clube, Trianon, Clube Homs, Melodia Clube, Trocadero e Marajó, onde havia o melhor dançarino, Ponce de Leon, ex-atacante do São Paulo FC e do Palmeiras.

Para assistir ou frequentar uma gafeira, o clube preferido era o Som de Cristal, na Rua Rego Freitas. Os ritmos da época eram samba, samba-canção, bolero, fox, foxtrote, rumba, choro e até chegamos a dançar o ritmo do maxixe, proibido no Estado do Rio de Janeiro, pois achavam muito escandaloso, e o charleston. Não podemos esquecer o Maravilhoso, na esquina das avenidas São João e Rio Branco, onde tocava o conjunto de Orlando e Roberto Ferri, o Chuá e Avenida, pelo conjunto de Clovis e Eli, sendo que os três últimos clubes eram *taxi-dancing*. **R**

NARCISO FERRARI

É EMPRESÁRIO E FOI PRESIDENTE DO SÃO CAETANO ESPORTE CLUBE DE 1960 A 1965.

Leonilda Verticchio



No ar, mais um empolgante capítulo da radionovela...

Era o ano de 1942, 21h, um dia de semana, e a cidade quase em silêncio se preparava para descansar... Em poucas casas, jovens, mães, tias e avós esperam por uma música que vem do aparelho de rádio. Os acordes musicais que anunciavam e faziam a abertura da novela eram tão lindos que já as deixavam emocionadas. Era um trecho da ópera *La Traviata*, e, antes de terminar, uma voz masculina dizia com muito sentimento: *Fatalidade!*

Nesse momento, as ouvintes já estavam sentadas em suas salas, em frente ao aparelho de rádio, uma caixinha de madeira em formato de capelinha, ou quadrada, com uma pequena abertura, com os prefixos das emissoras e dois botões do volume.

Fatalidade foi uma novela apaixonante e inesquecível. A partir apenas das vozes dos atores e atrizes, as ouvintes “modelavam” em suas mentes e imaginavam como eram os personagens. A “mocinha” era sempre delicada e romântica, com uma

voz muito linda e que sofria com os maus-tratos da madrasta. O “mocinho” era sempre muito bonitão, honesto e bonzinho... Tinha também a “rival”, a falsa amiga da “mocinha”, que tentava roubar o “mocinho” dela.

O tom das vozes, bem dividido entre os personagens, as interpretações tão perfeitas e o fundo musical romântico faziam as ouvintes se emocionarem até às lágrimas. Quando a novela era ambientada na Europa, a imaginação viajava por castelos, jardins, príncipes e princesas, valsas vienenses, bailes, vestidos longos e rodados, e muitos sonhos...

Todos os sentimentos humanos eram transmitidos pelas falas dos atores, um choro, uma risada alta, o desespero e até mesmo o carinho de um abraço delicado era possível sentir. Um beijo entre um casal de namorados era um som leve, como quando se beija um bebê. Para quem os ouvia, tudo era verdade.

Os sons que acompanhavam as vozes dos atores eram feitos por um grupo de técnicos, chamados de contrarregras. Esses técnicos inseriam todos os ruídos e barulhos que surgiam nas histórias, de acordo com os diálogos entre os personagens. Eram trovões, ventos, tempestades, ventanias, batidas na porta. Também inseriam as músicas que nos avisavam



Revista Radior nº 10, 1950



Revista Radior/Edição não identificada



Revista Radior/Edição não identificada

Odair Marzano e seus olhos azuis: 'paixonite aguda'

Galã romântico Waldemar Cigliani tinha voz emocionante

Sonia Maria Dorce: sucesso na Rádio Difusora

quando o personagem estava em perigo, sendo perseguido ou assustado.

Nesse tempo, nem todas as famílias podiam comprar um aparelho de rádio. A Segunda Guerra Mundial prejudicava o mundo todo. Mas uma grande amizade unia as famílias, muitas vindas do interior do Estado. As amigas-vizinhas não ficavam sem sentir a emoção de um único capítulo da emocionante novela. Era só ouvir os primeiros acordes da *La Traviata* que já estavam todas atentas, na frente daquela caixinha de madeira, uma caixa que as levaria a tantos lindos lugares nunca imaginados...

Os homens, em geral, não ouviam novelas, e, em muitas famílias, os pais proibiam que as moças e meninas acompanhassem os romances. Achavam que seriam estórias que dariam maus exemplos para as jovens.

As emissoras de rádio contribuíram muito com o enriquecimento cultural das pessoas, por meio da adaptação para radionovelas, de romances brasileiros, e de grandes publicações da literatura mundial. Proporcionavam não somente o conhecimento da história, mas também ensinavam os ouvintes a como se expressarem e falarem corretamente.

Em poucos anos, as emissoras formaram seus grupos de atrizes e atores para as novelas, radioteatros, peças curtas e para os dramas em três atos. A Rádio Record tinha um grupo de teatro especial, que apresentava, aos domingos, às 14h, o *Teatro Manoel Durães*, com um elenco de atores e atrizes oriundos dos palcos. O diretor era o ator

Manoel Durães. No elenco, a atriz principal Edith de Moraes (esposa de Durães), Nestório Lips, entre outros. Foi a primeira oportunidade das ouvintes conhecerem peças dos teatros grego, clássico e brasileiro. As peças eram diferentes das novelas e dos contos, porém bem interessantes para se conhecer.

A Rádio Bandeirantes também tinha um bom elenco, contava com as heroínas Aracy Cardoso e Gessy Fonseca, os galãs Leonardo de Castro e Henrique Lobo, além de atores como Lucilia Freire, Helena Schmidt, Aramis della Torre e Zezinho Cútolo, que sempre fazia papéis de garoto. Gessy Fonseca tinha uma voz linda, marcante e até hoje está em dublagens em mais de dezenas de filmes do cinema americano.

Os astros e estrelas dividiam-se nas novelas, dramas e contos das rádios. Na Rádio Tupi, uma radionovela lembrada por muitos anos foi *Rosinha, Flor do Sertão*, de 1943, com o galã de voz apaixonante Wálter Forster. Aldaís de Oliveira interpretava Rosinha. Um personagem muito querido era Pica fumo, o motorista do único caminhãozinho da cidade, que foi interpretado pelo ator Fernando Baleroni, esposo de Laura Cardoso, ainda atuante na TV.

Na Rádio Difusora, outra radionovela inesquecível foi a que narrou o amor sofrido e proibido entre o arquiduque Rodolfo Habsburgo, príncipe herdeiro do império austríaco, e Maria Vetser. Ambientado na linda cidade de Viena, com as interpretações de Wálter Forster e Sonia Maria Dorce, tinha valsas vienenses e uma história emocionante.

Em 1950, a Rádio São Paulo apresentava



Revista Radiolar/Edição não identificada

Atriz Cecy de Alencar e seu esposo, Roberto de Carvalho, na revista *Radiolar*

novelas em sua programação das 9h30 às 21h, com intervalo para o almoço e parada obrigatória para a *Hora do Brasil* (programa do governo). No final da década de 1940, a emissora passou a publicar a revista *Radiolar*, que trazia muitas fotos dos seus artistas e de outras emissoras.

As fotos que enfeitam este trabalho foram publicadas em edições da *Radiolar*, que resistiram 65 anos para contar a história das radionovelas. Talvez agora se tornem documentos dessa trajetória. Em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), um antigo ator e diretor de rádio, Claudio Monteiro, faz a regravação de radionovelas e distribui o material por emissoras de rádio do interior do Estado.

Outras vozes - Inesquecíveis para muitas ouvintes, que ainda se lembram de seus personagens, foram as marcantes vozes de atrizes como Ceci de Alencar, Lenita Helena, Ilka Ferreira, Leonor Navarro, Nara Navarro, Mari Caldeira, Noeli Mendes, Mirtes Grisoli, Ivone Sampaio e Arlete Montenegro.

Todas as vozes dos atores foram memoráveis. Uma gargalhada desafiante, com voz clara e bonita, era de Enio Rocha, o “galã aventureiro”, que reviveu os maiores heróis da literatura. Rocha ainda está vivo e concedeu entrevista em agosto deste ano a Milton Parron, do programa *Memória*, da Rádio Bandeirantes.

Emocionante também era a voz do “galã romântico” Waldemar Cigliani, que há três ou quatro anos ainda atuava e era diretor da Rádio Mun-



Revista Radiolar nº 10, 1950

CASAMENTO DO ATOR ENIO ROCHA, O ‘GALÃ AVENTUREIRO’, GANHOU DESTAQUE NA REVISTA RADIOLAR

dial de São Paulo. O último galã a iniciar carreira na Rádio São Paulo foi Odair Marzano, o culpado da “paixonite aguda” que atacou todas as jovens ouvintes, não só pelos olhos azuis, mas por sua voz maravilhosa. Também muito queridos eram Nélio Pinheiro, Nelson Martinez, Newton Sá, Mario Jorge Montini, Oswaldo Calfat, Roberto Carvalho, Waldemar de Moraes, Eduardo Cury, voz também presente em muitas dublagens de filmes americanos, e ainda Alfredo Todaro...

No ar! – Não, amanhã não haverá mais nenhum capítulo de novela de rádio... Ela veio assim, apareceu no ar... Fez-se ouvir num tempo difícil, buscando o melhor, procurando um canto seu, ensinando o convívio com outras pessoas, enfrentando dificuldades. A amiga novela estava ali, para levar aos ouvintes sonhos delicados e consoladores.

A radionovela surgiu para cumprir a missão de tocar a sensibilidade das almas simples, ensinando, com delicadeza, como é bom saber conviver entre pessoas. Por muitos anos, a cada dia, as ilusões nos ajudaram a viver tantos sonhos realizados na mente, aquecendo corações... Mas um dia ela saiu do ar. Só restaram saudades. **R**

LEONILDA VERTICCHIO
É MEMORIALISTA.

Família Locatelli:

DE PIACENZA PARA SÃO CAETANO DO SUL

Em Piacenza (Itália), Attilio Locatelli e Filomena Rossi Locatelli tiveram sete filhos: Emilio, Massimo, Marcelo, Angelo, Alberto, Amedeo e a caçula Maria, única mulher dentre os filhos. No mesmo dia do nascimento da filha, Filomena veio a falecer. Após algum tempo, Attilio casou-se com Anna Cassinelli, que havia perdido o marido na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), e tinha cinco filhas e um filho. O casal ajudava-se mutuamente no cuidado e no sustento dos filhos e deixou muitos exemplos de trabalho e dedicação.

O filho mais velho, Emilio Locatelli, nascido em 12 de março de 1904, conheceu, em 1926, o industrial Guido Aliberti, italiano radicado no Brasil. Aliberti estava abrindo uma fábrica de botões em São Caetano do Sul, as Indústrias Aliberti Ltda., e, no ano de 1927, trouxe Emilio para o Brasil a fim de montar as máquinas que havia comprado na Itália. Foi o próprio dono da empresa na qual Emilio trabalhava que o indicou a Aliberti. No ano seguinte, em 1928, foi a vez do quinto irmão, Alberto Locatelli, nascido em 20 de junho de 1912, emigrar para trabalhar na fábrica de botões e, com ele, veio Maria Ballotta, sua irmã de criação, filha de Anna Cassinelli, que, na época, estava com 15 anos de idade. Posteriormente, ela se casou com Sebastião Pontes Filho e tiveram dois filhos, Edno e Heitor Pontes. Maria também trabalhou na fábrica de Guido Aliberti.



Retrato
de Attilio
Locatelli.
Foto de 1945

Arquivo/Família Locatelli

Em 1933, Emilio, o primeiro Locatelli a vir para São Caetano, se casou por procuração com Giuseppa Mizzi, a quem já conhecia desde a Itália. Naquela época de viagens longas e comunicação difícil, existia a figura jurídica e religiosa do casamento por procuração, ou seja, os noivos, originários de outros países, conseguiam se casar. Em 1936, nasceu a filha Anna Maria; em 1938, Ada Silvia (já falecida), e, em 1943, a terceira, Vitória Angela.

Em 1939, Alberto, o segundo Locatelli a vir para São Caetano, se casou com Ida Mori, paulistana, filha e neta de italianos, com quem teve duas filhas: Virginia Gabriela, nascida em 1940, e Leonor, nascida em 1947.

Os dois irmãos sempre foram muito unidos, tanto que,



Acervo/Família Locatelli

com o fruto de seus trabalhos, construíram suas casas lado a lado, na Rua Roberto Simonsen, formando praticamente uma só família.

Trabalharam nas Indústrias Aliberti até o fim dos anos 1940, quando, por mudanças na fabricação dos botões, ambos foram desligados da empresa. É sabido que, a partir do início da década de 1930, a matéria-prima dos botões começou a ser substituída pelo plástico até que, em 1935, Aldo Aliberti consegue instalar a primeira empresa brasileira a entrar no ramo do plástico, substituindo, finalmente, toda a linha de botões de madrepérola e outros vegetais, instituindo um pioneirismo incontestado na tecnologia de fabricação de botões.

Emilio Locatelli
e Giuseppa
Mizzi Locatelli.
Foto de 1934

Emilio Locatelli e Giuseppa
Mizzi Locatelli em frente à
Biquinha Anchieta, na cidade
de São Vicente, no dia de sua
chegada ao Brasil. Foto do início
da década de 1930



Acervo/Família Locatelli

Emilio associou-se aos donos de uma pequena fábrica de parafusos em São Caetano do Sul. Após alguns anos trabalhando em outras atividades, veio a falecer em 18 de janeiro de 1964.

Alberto, por sua vez, abriu uma oficina de bicicletas no Bairro do Pari, em São Paulo, onde ficou até a década de 1960, quando voltou a trabalhar com botões em uma empresa sediada em São Caetano. Aposentou-se e continuou a exercer diversas atividades, até falecer em 30 de setembro de 1986.

Logo após a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), chegou ao Brasil outro irmão

(o sexto), Amedeo, nascido em 16 de agosto de 1915. Trabalhou muitos anos em São Paulo e, em 1953, se casou com Juracy Coller Gaspar, com quem teve dois filhos: Roberto e Ana. Posteriormente, mudou-se para Santo André, onde veio a falecer em 20 de abril de 1984.

Quem nos procurou para contar esta história foi Leonor Locatelli, filha de Alberto Locatelli, enriquecendo-nos com muitas informações sobre a vinda da família para São Caetano do Sul e a forte ligação com os Aliberti, a fim de que esta história não seja esquecida. Tanto que, dentre os fatos levantados por Leonor, um deles é sobre a origem do nome de sua irmã, Virgínia Gabriela: “O primeiro nome, Virgínia, era o nome de minha avó, e o nome Gabriela foi dado em homenagem à mulher de Guido Aliberti, para quem minha mãe trabalhou até se casar. Esta família nos ajudou muito aqui em São Caetano do Sul, e guardamos grandes recordações”. Leonor revela ainda que seu pai adotou o Brasil como sua nova pátria, defendendo-a até o último dia de sua vida e lembra que ele costumava dizer: “Eu amo esta terra, porque é ela que me acolheu e é ela que me sustenta!”.

E, assim, fomos presenteados por Leonor, que, graças à sua sábia iniciativa, perpetua aqui a história da família. **(Talita Scotá Salvatori) R**

Virgínia Gabriela Coelho, Vitória Angela Locatelli e Leonor Locatelli posam para foto, durante entrevista realizada no dia 23 de setembro de 2015

Foto/Talita Scotá Salvatori (FPMSCS)



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GIANELLO, José Roberto. O pioneirismo dos irmãos Aldo e Guido Aliberti na década de 1930. *Raízes*, São Caetano do Sul, Ano X, n. 19, p. 11-13, jul. 1999.

Comemoração de 40 anos de casados de Ida e Alberto Locatelli. Na foto, foram identificados: Virgínia Mori (mãe de Ida Locatelli), suas filhas, Virgínia Gabriela e Leonor, e os netos Carlos Alberto e Ana Maria. Foto de 20 de maio de 1979



Arquivo/Família Locatelli

João Tarcísio Mariani

MÁRIO DAL'TONOMIA

Graças às derradeiras e entusiásticas energias dos autonomistas de São Caetano, ainda remanescentes do glorioso 24 de outubro de 1948, ajudados pelo Grupo de Amigos do Movimento Autonomista (Gama) e, finalmente, apoiados, neste ano de 2015, por autoridades municipais de boa vontade, está sendo possível resgatar a memória do movimento que levou nossa cidade à independência política e administrativa.

Aliás, 2015 foi um ano marcante, não apenas pelas comemorações da autonomia, mas, especialmente, para um dos integrantes mais vibrantes de seu movimento e que, há pouco tempo, nos confidenciou que homenagem para ele só teria valor se fosse efetuada quando ainda estivesse vivo, o que felizmente é o caso.

Este trabalho, que no título tem um trocadilho envolvendo um dos dois **Mários** autonomistas - graças a Deus, ambos ainda presentes e atuantes - refere-se àquele que foi homenageado, em 22 de agosto deste ano, pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs) com a outorga do título de *doutor honoris causa*. Tal solenidade nos motivou a transferir para este texto boa parte de tudo aquilo que foi enaltecido, naquela oportunidade, sobre a figura do nosso homenageado. Estamos falando de Mário Dal'Mas, um dos mais vibrantes defensores tanto da nossa



Mário Dal'Mas, em foto de outubro de 2010, durante celebração dos 62 anos da autonomia da cidade, na Câmara Municipal

autonomia quanto das atividades culturais e artísticas da cidade. Porém, antes de falarmos mais sobre ele, cabe registrar dois detalhes: primeiro, que o título a ele concedido pela Uscs foi propositura de autoria do amigo Oscar Garbelotto; e, segundo, que o outro Mário a quem nos referimos é o amigo Mário Porfírio Rodrigues.

Mas vamos ao nosso personagem. Mário Dal'Mas nasceu no Bairro da Fundação, em São Caetano, em 6 de setembro de 1923, e é preciso nos reportarmos às suas origens para entender melhor tudo o que constituiu sua eloquente trajetória e invejável currículo: autonomista, engenheiro, ator, escritor, professor, historiador, poeta, acadêmico e, por último, *doutor honoris causa*.

Antes, gostaríamos de esclarecer que boa parte de seus registros biográficos foi encontrada nas várias edições da revista *Raízes*. Alguns aspectos de berço de Mário Dal'Mas ajudarão, em

Elenco e equipe técnica da peça *Electra*, de Sófocles, adaptada por Alberto Cavalcanti. Encenada em 1965 por integrantes do Teatro Experimental da Acascs, foi dirigida por Milton Andrade. Em pé, da esquerda para a direita, estão: João Fernandes, Mário Dal'Mas (então presidente da Acascs), Milton Andrade, Ida Pedutto, Dárcio Martorelli, Deolinda Spinello, Ângela Pedutto, Caetano Nobile, Vera Ribeiro, José Bonifácio de Carvalho, Paschoal Raimundo, Jayme da Costa Patrão e Josmar Martins. Sentados, a partir da esquerda: Antonieta Maffei, Yeda Feijão, Paulo Tachinardi Domingues e Antônio Carlos de Carvalho



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

linguagem bem própria a ele, a preparar o cenário (teatro), ou abrir as cortinas (cinema), desta singela homenagem. Em 1903, com 15 anos de idade, chegava a São Caetano o pai de Mário, Victorio Dal'Mas. Vinha apenas com uma tia, pois ficara órfão de mãe aos 3 anos de idade e fora abandonado pelo pai. Victorio, pobre e sem recursos, inicia sua vida de trabalhador braçal na olaria dos Perrella, na qual chegou a dormir dentro de fornos desligados. Passou, sucessivamente, por vários empregos, até conseguir realizar seu primeiro grande sonho: fundar a sua própria indústria, o que aconteceu em 1920, com a criação da empresa Dal'Mas S/A., que todos conhecemos.

Victorio Dal'Mas acreditava na cidade que o acolhera e, sem qualquer receio e com amplo apoio dos filhos, começou a colocar em prática o seu segundo sonho: construir um edifício em São Caetano. Tanto o carinhosamente chamado de “velho Victorio” quanto seus filhos estavam certos de que a cidade não só merecia uma edificação de porte, mas também que, num futuro próximo, seria uma das forças da economia paulista. O “velho Victorio” e seu amor pela cidade-berço de seus filhos, com certeza, incentivaram

a dedicação deles a São Caetano, tornando-os participantes ativos do movimento autonomista.

O sonho do prédio se tornou realidade com o Edifício Vitória e, em 1953, Victorio e seus filhos viram o local abrigar o que de mais representativo existia na cidade: os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, além da coletoria e associações, como centro acadêmico, clube de xadrez, a Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs), o Clube Comercial e o cinema mais moderno na época, o Cine Vitória.

Partindo desse panorama, a juventude de Mário Dal'Mas permeou, entre a sua vida universitária, até formar-se engenheiro industrial pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, e o seu engajamento na luta emancipacionista de São Caetano, desde os primeiros movimentos até a conquista, em 1948. Foi um dos fundadores do *Jornal de São Caetano* e do Hospital São Caetano e, em 1950, fundou o jornal *A Semana*. Além disso, colaborou com periódicos locais sob o pseudônimo de Mecenas.

A partir de 1957, com a criação da Acascs, a programação do município no campo das artes foi incrementada. Com Mário Dal'Mas como seu presidente, a entidade promoveu o maior movi-



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Arquivo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Solenidade de apresentação do *Jornal de São Caetano*, realizada no São Caetano Esporte Clube, em 1946. Mário Dal'Mas é o segundo, sentado, a partir da direita. A publicação teve papel decisivo na articulação e divulgação da campanha autonomista

mento artístico e cultural da região do ABC. Isso porque a cidade passou a contar com uma entidade que não só oferecia opções de eventos e programas artístico-culturais à população, mas também disponibilizava cursos, por meio de seus distintos departamentos, tendo em vista a formação dos interessados em geral.

Entre seus setores, um dos principais foi o balé, que ficou conhecido como a “joia da Acasc”. E não era para menos, pois, desde a sua implantação, no início da década de 1960, durante a presidência de Mário Dal'Mas, até setembro de 1964, o grupo de dança da instituição já havia conquistado cerca de 30 troféus, graças à sua destacada participação em programas de TV. Dal'Mas também incentivou o teatro amador, participando da formação de dois grupos teatrais - A Turma e Grupo Labore de Teatro -

e atuando em várias peças, a exemplo de *Odorico, o Bem-Amado, A Mandrágora, A Baronesa e A Guerra Mais ou Menos Santa*.

Fundador da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de São Caetano, em 1964, foi seu primeiro presidente. Também liderou as campanhas em prol de entidades como: Lar Menino Jesus, Casas André Luiz, Hospital do Fogo Selvagem, Associação Paulista de Combate ao Câncer e Abrigo Irmã Tereza aos Idosos Desamparados. Participou da fundação da Associação dos Engenheiros e Arquitetos do ABC e foi seu primeiro vice-presidente, recebendo homenagens por seu desempenho.

Contou a história de São Caetano do Sul em versos, com os poemas *Reconstrução do Passado e Lembrando a Autonomia*, e escreveu *Exaltação aos Jovens*, um brado de alerta à juventude brasileira, e *Perfil de Alberto Torres*. É autor dos livros *Teoria da Relatividade Trocada em Miúdos e São Caetano Sentimental*. É membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupando a cadeira nº 13, que tem Alberto Torres como patrono. Foi curador da Fundação das Artes de São Caetano do Sul e atuou no Conselho Consultivo da Fundação Pró-Memória.

Em 1995, por ocasião do 118º aniversário da fundação da cidade, escreveu *Tributo aos Fundadores de São Caetano do Sul*, glorificando o trabalho e a grandeza moral dos imigrantes italianos. A Prefeitura Municipal gravou este texto em uma placa

Flagrante da peça *A Guerra mais ou menos Santa*, de Mário Brasini, encenada pelo Grupo Labore de Teatro, no dia 14 de outubro de 1977, no Teatro O Porão, que se localizava na Rua Baraldi. Em cena, da esquerda para a direita, observam-se: Mário Dal'Mas, Isabel A. da Silva, Wanderley Mazzucatto e Sandra R. Berse

de bronze e fixou-a solenemente na Paróquia São Caetano. A igreja, além de ser o marco da fundação, tem um relevante elo sentimental com Dal'Mas, pois ali foram realizados o casamento de seus pais e seu batismo.

Pelos relevantes serviços prestados ao município, o poder Legislativo prestou-lhe homenagem com o título de Cidadão Emérito. O Executivo, também em reconhecimento à sua trajetória, outorgou-lhe a Medalha do Centenário. Ainda no campo das homenagens, veio o título de *doutor honoris causa*, já citado anteriormente. Nessa solenidade, foi abordada a sua brilhante trajetória de vida e nós a resumimos assim.

Mário Dal'Mas sempre se destacou pela vibração que lhe é peculiar, como alguém que aprendemos a respeitar pelo conhecimento e a admirar pela sabedoria e pela expressiva eloquência, colocada em tudo que realiza. E isto é a fundamentação do espírito, da fibra e da energia, marcas registradas da família Dal'Mas, que aproveitamos para homenagear com o amigo Mário. Aliás, falamos dele como testemunha e admirador de boa parte de sua vida. Se falar de Mário Dal'Mas é falar de alguém que faz aquilo que gosta, e de maneira apaixonada e vibrante, então nos permitam focar algumas das figuras ardorosas que marcaram a trajetória do nosso homenageado.

O ator de teatro, que mergulhava de corpo e alma em seus personagens. Acredi-

tamos que a maneira mais singela, carinhosa e alegre de falar sobre Mário Dal'Mas, no campo do teatro, seria relembrar apenas uma de suas atuações marcantes. Ele interpretou Odorico Paraguaçu, prefeito de Sucupira, na peça *O Bem-Amado*, de Dias Gomes, muito antes de o consagrado ator Paulo Gracindo celebrar o personagem em novela de TV. Que Gracindo nos perdoe e não se ofenda lá no teatro do céu se dissermos que o brilho do personagem Odorico primeiro passou pela verve interpretação e criatividade de Mário Dal'Mas, em São Caetano, muito anos antes de ficar famoso pela TV em todo o Brasil.

O poeta da autonomia, que interpretou, inflamadamente, o seu poema épico *Lembrando a Autonomia*, verdadeiro retrato e narrativa do que foi a luta emancipacionista levada a cabo pela juventude idealista, formada por Dal'Mas e seus colegas, na inesquecível jornada de 1948.

O orador vibrante e comovente, que, por muitos anos, foi protagonista dos memoráveis discursos na data de fundação da cidade (28 de julho), quando fazia o povo se esquecer das gélidas manhãs de inverno e os embevecia com sua oratória impecável e tocante.

O engenheiro industrial e empresário, mais para cientista do que para engenheiro, e que, de forma categórica, transformou uma teoria complexa, como a da relatividade, de Albert Einstein, em uma simples aula ou palestra, a qual muitos tiveram a satisfação de ouvir e, com ela, se deliciar, entendendo, com relativa facilidade prática, a cien-



Mário Dal'Mas durante discurso de posse da presidência da APAE. Além de fundador, ele foi o primeiro presidente da instituição

tífica relatividade teórica. Se enrolamos depois, por favor, nos corrija caro mestre Mário Dal'Mas.

Pedimos licença ao amigo e homenageado para que sejam dele as palavras de conclusão deste trabalho, pois consideramos nada mais justo e pertinente do que relembrar algumas das colocações feitas por ele mesmo, ao receber o título de *doutor honoris causa*, em seu discurso de agradecimento. Como não poderia deixar de ser, nessas colocações, emanadas com aguda lucidez e do alto de uma experiência e sabedoria de 92 anos, ele nos brindou com a sua inteligência e discernimento:

“A olhos vistos, todos os problemas do Brasil se reduzem, afinal, em educação e instrução. Não confundir educação com instrução: Educação é a formação do caráter; Instrução é a formação profissional. Vejamos: Educação trata de coisas subjetivas do mundo interior, de nosso coração, de nossa alma, onde residem o bem e o mal. Deve-se despertar os deveres, as virtudes, nos livrando das más tendências. Estimular a honra, a sinceridade, a honestidade, a dignidade, o respeito, o brio e o amor que nos sublima. Há uma sabedoria popular: ‘A educação vem do berço’, logo, se aprende em casa com os pais. Hoje, com tristeza, vemos que grande parte dos pais perdeu a autoridade no seio da família. Os jovens estão distantes da família e os bons hábitos ficam ao ‘Deus-dará’. Não há diálogo entre eles. Para suprir esta lacuna na educação, seria necessário reintegrar no currículo escolar a antiga ‘educação moral e cívica’, que estuda os valores éticos e morais. É para pensar.

Instrução é o conhecimento que vem de fora para dentro. (...). É o enriquecimento da inteligência com conhecimentos científicos, literários, artísticos, técnicos, etc. Aprende-se nas escolas, com os professores. É a formação profissional, o preparo para o mundo do trabalho.

Sabemos que os países que lideram o

ranking mundial do ensino escolar, além de terem definido seus currículos nacionais comuns para todas as escolas, investem maciçamente neste setor. Os governos garantem escolas gratuitas de qualidade para todos, desde o primário ao curso médio e técnico. Como exemplo, citamos países como Finlândia, Alemanha e tantos outros. Hoje não é mais possível um país ascender sem um investimento no ensino escolar de qualidade.

Urge um grande projeto nacional instrucional. Sabemos que a educação e a instrução são as colunas que sustentam as grandes nações. Infelizmente, as nossas colunas estão trincadas, rajadas, por não terem sido administradas diligentemente. É para pensar. Hoje o que assola o Brasil é a corrupção ligada à educação e a incompetência ligada à instrução.

O que é preciso ser dito: não é fazendo caridade que se tira o povo da pobreza. É dar ao povo um futuro promissor, caçar oportunidades (que não caem do céu), geralmente, surge através da instrução que é a grande arma.

Outra coisa que penaliza o Brasil é o analfabetismo, que é uma escravidão. Hoje há mais de 20 milhões de brasileiros adultos analfabetos, escravos castigados a golpes traumáticos com o chicote da ignorância. É a nossa realidade. No Japão, na Alemanha e em tantos outros países, o analfabetismo é zero.

Ressaltemos a importância dos professores preparados e que devem ser valorizados. Eles representam o futuro da nação.”

Obrigado, caro amigo e mestre Mário Dal'Mas, por ainda continuar nos ensinando. Sua vida, seus exemplos, seus ideais, seu ardor e sua eloquência ainda nos emocionarão eternamente. **R**

JOÃO TARCÍSIO MARIANI

É CONSULTOR DE EMPRESAS E MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Maria Brasilina Barile:

O LUZIR DE UMA HISTÓRIA

Da mesma forma que sua história nos saúda, pela primeira vez, também se despede, como se fosse um “Bem-vindo” e “Até breve”, ou até mesmo um “Prazer em conhecê-los” e “Adeus”, porque, infelizmente, ela veio a falecer em junho deste ano.

Pertencente a uma das mais antigas famílias que foram originalmente fundadoras de São Caetano do Sul, Maria Brasilina Barile faz parte da quarta geração dos Barile no Brasil. Era filha de João Barile, que, por sua vez, era filho de Antonio Barile. Seus avós, no início da década de 1900, tiveram uma das primeiras olarias de São Caetano, onde, posteriormente, com os filhos, João e Orlando, montaram a Metalúrgica Barile.

Já em 1995, Brasilina, em entrevista cedida a Silvio José Buso, publicada na edição de número 13 da revista *Raízes*, contava que seu avô tinha uma personalidade forte, era enérgico e sistemático, no entanto, extremamente leal à esposa Marietta Peruchi e a seus filhos: Carmine Barile Neto, Orlando Cândido Barile, Ana Maria Teresa Barile, Eduardo Barile, Antônio Armando Barile, Yolanda A. Barile e João Barile, este último, pai de Brasilina e casado com Joana Angela Cavassani Barile, sua mãe. Ela contava que, para seu avô, os filhos eram a alegria da casa, entretanto, ele não descuidava dos negócios e dos problemas sociais, uma vez que foi um dos fun-

João Barile e Joana Angela Cavassani Barile, pais de Maria Brasilina Barile



dadores da Sociedade Beneficente União Operária, presidente, tesoureiro e secretário da Sociedade de Mútuo Socorro Príncipe de Nápoles, durante anos, primeiro suplente de polícia de São Caetano do Sul e fundador do São Caetano Esporte Clube, ocupando vários cargos diretivos. Foi também juiz de paz e, em 1928, eleito vereador da Câmara de São Bernardo do Campo, tendo o cargo de segundo secretário e correspondente do Banco Popular Italiano.

Para retratar um pouco da trajetória de vida de Brasilina, contamos com a visita de suas filhas, Carmen Angela de Petta Nahkur e Maria Elisabete de Petta Barbosa, nascidas em 1953 e 1947, respectivamente. Brasilina nasceu em São Caetano do Sul, na própria olaria da família, em 3 de maio de 1922. Quando tinha por volta de 15 anos, foi trabalhar como vendedora em uma loja no Brás, aprendendo a fazer vitrine, pacotes e laços, pois a família possuía uma pequena loja que, em meados de 1940, foi fechada para dar lugar à metalúrgica.

Brasilina casou-se em 5 de maio de 1945 com Felício Miguel de Petta, na Igreja Matriz Sagrada Família. Os dois cresceram juntos, pois eram primos de terceiro grau. Começaram a namorar quando ela tinha apenas 17 anos, casando-se, posteriormente, aos 23 anos. Viveram juntos durante 65 anos, até que, no dia 12 de maio de 2010, Petta faleceu. Ela fez parte do coral da Igreja São Caetano como solista e era muito querida pelos padres e por toda a comuni-



Arquivo/Família Barile

Os bisnetos de Brasilina. Ao fundo, Annazora e Henzo. Greta à direita e, ao centro, Brasilina com Miguel no colo. Foto de novembro de 2014



Foto/Antônio Reginaldo Carbonei (PR/MGCS)

Filhas de Maria Brasilina Barile no dia 16 de setembro de 2015. Da esquerda para a direita, observam-se: Maria Elisabete de Petta Barbosa e Carmen Angela de Petta Nahkur



Maria Brasilina Barile e seu esposo, Felício Miguel de Petta: 65 anos de casamento

dade da igreja, pois também cantava nos casamentos. Influência de seu pai, que tinha uma vida social muito intensa. João Barile fazia teatro e tinha uma banda de jazz, e Brasilina cresceu em um ambiente artístico.

Suas filhas nos contam que ela sempre foi muito expansiva e, até o dia de sua morte, tinha uma memória perfeita. Revelam ainda que era uma mulher mandona, rígida e autoritária, mas isto não se sobrepunha à sua doçura e carinho. Estudou no Grupo Escolar Senador Flaquer e, depois, em uma escola comercial no Brás, bairro onde trabalhou na loja de uma francesa chamada Madame Teó. Atuou ainda como voluntária, ajudando a arrecadar fundos para o Hospital São Caetano.

Recordam-se também de dois episódios históricos que sua mãe vivenciou. Um deles durante a Revolução de 1932, quando, por inocência, brincando, começou a arrancar cartazes que eram colados nos postes pelos militares, até que foi perseguida por um deles e, apavorada com a gravidade da situação, sem saber o que podia acontecer, escondeu-se debaixo de sua cama, onde ali permaneceu o dia inteiro. O segundo caso ocorreu no dia em que acabou a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), e Brasilina estava em lua de mel no Rio de Janeiro, num hotel no centro da cidade, quando todos começaram a marchar pelas ruas, fazendo muito barulho, o que a deixou momentaneamente muito assustada.

Suas complicações mais graves de saúde co-

meçaram a partir de seus 87 anos de idade, quando foi internada pela primeira vez, com suspeita da gripe H1N1, ou Influenza A, como é conhecida, o que baixou muito sua imunidade. Há três anos, ela resolveu operar a catarata, pois era uma mulher muito premedada e adorava fazer crochê, mas teve herpes no olho e perdeu o campo de visão decorrente de várias complicações. No entanto, suas filhas contam que, aos 91 anos, ainda era muito ativa, tanto que um de seus últimos passeios foi no Brás, o que sempre adorou fazer, e na Rua 25 de Março, onde tentaram arrancar sua bolsa, e ela começou a bater na pessoa.

Após a partida de seu amado esposo, a quem era muito apegada, pois ele a mimava muito, deprimiu-se profundamente e passou a depender extremamente das filhas, no entanto, com medo de ser um fardo, deixava de pedir as coisas, limitando-se cada dia mais. Nestes três últimos anos, quando adoeceu, ficou com sua filha Carmen. Havia saído há um mês da UTI, quando tratou de uma de suas pneumonias. Faleceu em seu quarto, no dia 2 de junho de 2015, aos 93 anos, de insuficiência cardíaca, porém, conforme contam suas filhas, até um dia antes de seu falecimento, estava fazendo as lembrancinhas para o aniversário de 15 anos de sua bisneta. O seu bisneto Miguel, que acabara de completar um ano de vida, ficava em seu colo, tanto que uma de suas primeiras balbuciadas foi “Bazú”, apelido carinhoso pelo qual era tratada por suas duas filhas, cinco netos e quatro bisnetos. **(Talita Scotá Salvatori) R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSO, Silvío José. Diário de um imigrante vindo da Província de Campobasso (Nápoles). *Raízes*, São Caetano do Sul, Ano VII, n. 13, p. 12-15, jul. 1995.

MEDICI, Ademir. Os primeiros representantes políticos de São Caetano. *Raízes*, São Caetano do Sul, Ano IX, n. 17, p. 05-14, jul. 1998.

Giuliano Denardi Botteon

Padre Raul, uma vida dedicada ao próximo



Acervo/Giuliano Denardi Botteon

Há muitos tipos de histórias, algumas são tristes, outras alegres. Umas te colocam para cima, enquanto outras, para baixo. Esta, infelizmente, será sobre o fim. Porém, antes que ele chegue, vamos descrever uma trajetória vitoriosa, que teve o objetivo traçado plenamente alcançado pelo resumo essencial de uma vida, cujo direcionamento e preocupação principal foram com Deus e com o bem-estar das pessoas que certamente nortearam diretamente a sua vida. Uma história repleta de alegria e disposição, que poderia ter sido estendida por um período mais longo se o Criador não precisasse de sua presença. Estamos falando do padre Francisco Raul De Nardi ou, simplesmente, padre Raul, como era conhecido.

Descendente de uma das famílias fundadoras de São Caetano do Sul, nasceu na cidade, em 3 de dezembro de 1929, no Palacete De Nardi, hoje sede do Museu Histórico Municipal. Filho de Antonio De Nardi e Maria Joana Pinto De Nardi, tinha oito irmãos: Rosalina De Nardi Zapparoli, Luiza De Nardi Purce, Ignês De Nardi Cella, Luiz Denardi, Helena De Nardi Martim, Alice Denar-

di Hatakaeyama, João Domingos De Nardi e Judite De Nardi Arruda Campos. Foi batizado na Igreja São Caetano, no dia 26 de janeiro de 1930, e sua crisma foi realizada no dia 24 de dezembro de 1931, na mesma igreja. Ingressou no Colégio Santa Cruz de Rio Claro, em São Paulo, no dia 1º de março de 1942, completou o ensino médio em Ribeirão Preto e o noviciado em 1951, tendo feito o pedido da Primeira Profissão em 16 de fevereiro de 1952, quando, logo em seguida, concluiu o curso de filosofia. Em 1953, foi para a Itália, com um grupo de professores, cursar teologia, celebrando sua profissão perpétua em Verona, no dia 16 de fevereiro de 1955.

Voltando um pouco no tempo, quando ainda estudava em Ribeirão Preto, certo dia foi a uma chácara e, ao colher ramos de cipreste, para fazer florões destinados a envolver a caixa de água do seminário, no dia de sua inauguração, um dos galhos quebrou, e ele caiu de cabeça no chão. Como consequência da queda, fraturou o nariz, ficando com um grande hematoma no rosto.

Provavelmente, devido ao acidente, veio a sofrer, ainda na Itália, ataques epiléticos. Em decorrência da doença, ao terminar o curso de teo-

logia, não pôde ser ordenado sacerdote. Voltou ao Brasil e, com resignada paciência, teve de esperar aproximadamente dez anos para receber a licença para ser ordenado sacerdote, após conseguir bom resultado no tratamento da epilepsia. Como professor, enquanto esperava a licença, prestou seus serviços em várias comunidades da Província Santa Cruz (Santa Cruz é o nome de uma província franciscana brasileira que engloba os Estados de Minas Gerais e o sul da Bahia), especialmente nas casas de formação.

Foi ordenado sacerdote no dia 8 de dezembro de 1966, em São Caetano do Sul, pelas mãos de Dom Jorge Marcos de Oliveira, bispo diocesano de Santo André, tornando-se o primeiro padre descendente das famílias fundadoras de São Caetano do Sul.

Normalmente, quando aqui retornava, visitava o amigo padre Êzio Gislimberti, pároco da Igreja Matriz Sagrada Família, e, sempre que possível, também realizava casamentos de familiares, como foi o caso dos sobrinhos Renato Picozzi e Tarcila, e dos meus pais, Marli e Mario Edson Botteon.

Além dos votos de castidade e obediência, foi adepto do voto de pobreza, pelo qual se comprometeu a renunciar ao direito de usar e dispor, sem a permissão do superior legítimo, de bens que poderiam ser avaliados em preço monetário. Escolheu colocar ao bem comum seus talentos e recursos intelectuais, sujeitar-se ao trabalho e a levar uma vida modesta e simples. Nesse mesmo espírito de desapego, renunciou definitivamente aos bens de patrimônio, acreditando que a partilha dos bens deveria se estender às comunidades mais carentes, aos que passavam necessidade e aos que lutavam para a construção de um mundo mais jus-

to. A pobreza, no seu entender, em sua dimensão social e internacional, exigia que estivesse atento e presente nos problemas coletivos do dia a dia, principalmente das pessoas que se relacionavam com sua vida pastoral.

Ainda sobre os votos de pobreza, não poderia deixar de citar uma passagem: quando em tempos de férias da vida pastoral, costumava vir para São Caetano do Sul, para rever amigos e familiares. Em uma dessas oportunidades, na casa dos meus avós Ilda e Luiz Denardi, onde esporadicamente se hospedava, ele presenciou minha avó fazendo a troca sorradeira de suas roupas, normalmente surradas, por novas. Esta era a única maneira possível para que o padre Raul aceitasse substituir seu vestuário, cabendo em uma simples valise seus bens materiais. Apesar dos inúmeros presentes que recebia de fiéis e familiares, ele os repassava de imediato para pessoas carentes, bem como todos os valores recebidos em doação ou a título salarial.

Após sua ordenação, prestou trabalhos apostólicos em várias comunidades. Em 1969, foi trabalhar em Morrinhos (Goiás); em seguida, prestou serviços em vários locais da Província São José (as casas da Província estão localizadas no Distrito Federal e nos Estados de Goiás, Tocantins, Minas Gerais e Rio de Janeiro)

e, posteriormente, em Luziânia, Uberaba, Ituiutaba, Goiânia, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, sempre com muito empenho, resignação e dedicação.

Já com idade avançada, padre Raul foi destinado à comunidade de Uberaba, onde continuou seu trabalho de servir a Deus e aos mais necessitados. Um pouco mais debilitado, foi levado a



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Padre Raul foi ordenado sacerdote no dia 8 de dezembro de 1966, em São Caetano do Sul



Lembrança da ordenação e primeira missa do padre Raul, realizada em 1966, na Igreja Matriz Sagrada Família

Goiânia, sendo acomodado num seminário, com a assistência permanente de um enfermeiro. Em certo momento, quando sua frágil saúde ficou mais abalada, foi levado a um hospital e, após exames, foi constatado câncer no fígado. Devido à gravidade da doença, foram feitos os encaminhamentos programados pelos médicos, sempre acompanhado de perto e de forma exclusiva por um profissional da saúde, para que o fim dos seus dias fosse o mais confortável possível.

No início do mês de dezembro de 2012, com o agravamento de seu estado de saúde, teve de retornar ao Hospital Araújo Jorge, em Goiânia. Infelizmente, apesar dos cuidados e tratamentos intensivos, seu estado se agravou drasticamente e, por falência múltipla dos órgãos, veio a falecer no dia 16 de dezembro de 2012, o terceiro domingo do Advento. Como bom cristão, já havia recebido a absolvição geral, a unção dos enfermos e o viático. Ele estava com 83 anos de idade e tinha 46 anos de sacerdócio quando nos deixou.

Padre Raul foi um religioso simples, humilde e exemplar, fiel cumpridor de seus deveres religiosos e um sacerdote piedoso, generoso e caridoso. Com verdadeiro espírito missionário, foi dedicado, atencioso e grande apóstolo no exercício de seu ministério. Foi um bom companheiro e ouvinte tanto nas horas tristes como nas alegres. Gostava de uma boa conversa e, inevitavelmente, deixava transparecer seu alto astral, minimizando sempre os maus mo-

mentos, nos levando, inexoravelmente, a melhorar a nossa visão sobre a vida e seus inevitáveis percalços.

Seu corpo foi velado na Igreja dos Sagrados Estigmas, em Goiânia, com missa de corpo presente, presidida pelo Superior Provincial padre Eriberto Xavier dos Santos, concelebrada por vários sacerdotes, com grande participação de fiéis e amigos. Sua irmã caçula, Judite De Nardi Arruda Campos, e a sobrinha Fer-

nanda Arruda Campos, que estavam em Goiânia para visitá-lo, acompanharam a missa.

Posteriormente, devido à sua vivência e atuação na comunidade, seu corpo foi trasladado para a cidade de Morrinhos e velado na Igreja São Sebastião. No dia 17 de dezembro de 2012, foi rezada missa de corpo presente, também presidida pelo Superior Provincial padre Eriberto Xavier dos Santos, concelebrada por 12 padres e um diácono, com grande presença de fiéis e familiares. Foi sepultado no jazigo dos estigmatinos, a cuja ordem pertencia, situado no Cemitério São Miguel de Morrinhos.

Por suas atitudes e pela forma exemplar de evangelizar, contribuiu para vocações sacerdotais na vida pastoral de outras pessoas, inclusive na do sobrinho Mario Koji Hatakeyama, filho de Alice Denardi e Fujio Hatakeyma, que hoje exerce as funções de padre em Viena (Áustria), além de ministrar aulas de religião em colégios da cidade.

Sentimos muito a sua falta, do seu carinho de sempre, das suas palavras otimistas e do seu humor invejável, apoiado nas suas próprias crenças e palavras. Temos a certeza de que está no céu, onde um dia iremos nos encontrar, cabendo a nós apenas cultivar as suas lembranças e destinar nossas orações para que descanse em paz. **R**

GIULIANO DENARDI BOTTEON

É ESTUDANTE DO OITAVO SEMESTRE DE JORNALISMO NA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL. É SOBRI-NHO-NETO DO PADRE FRANCISCO RAUL DE NARDI.

Sonia Mitaini

Samuel Klein:

UMA HISTÓRIA
DE PERSEVERANÇA
E SUCESSO

Acredito no ser humano. Caso contrário, não abriria as portas das minhas lojas todos os dias. O que ajuda a me manter vivo é a confiança que tenho no próximo.

(Samuel Klein)



Fachada da primeira loja de Samuel e Ana Klein, localizada em Berlim (Alemanha), em foto de 1950



Acervo/Família Klein

Um ano após a morte de Samuel Klein, ocorrida em novembro de 2014, aos 91 anos de idade, a revista *Raízes* presta sua homenagem ao homem que revolucionou a história do varejo brasileiro e promoveu a inclusão social de milhões de brasileiros.

Polonês naturalizado brasileiro, Samuel Klein era uma pessoa de hábitos quase espartanos. Quem o conheceu em uma das várias filiais das Casas Bahia ou mesmo na sede da empresa, em São Caetano do Sul, dificilmente iria associá-lo ao empresário que, em mais de seis décadas, ergueu um dos maiores e mais sólidos empreendimentos do varejo brasileiro. Simples, de camisa polo de manga curta e chinelos franciscanos, boa conversa e um vibrante sotaque judaico, Klein poderia ser facilmente confundido com o público - os

SAMUEL KLEIN
AOS 78 ANOS:
'MEU LEMA É
CONFIAR. CONFIAR
NO FREGUÊS, NOS
FORNECEDORES,
NOS FUNCIONÁRIOS,
NOS AMIGOS E,
PRINCIPALMENTE,
EM MIM'

fregueses - como ele costumava se referir aos milhões de clientes da rede.

Vendedor nato, Samuel Klein adorava contar histórias do mundo dos negócios. Nem de longe deixava transparecer os horrores vividos durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), quando abandonou uma Europa ameaçada por regimes autoritaristas e fincou raízes em São Caetano do Sul, na Grande São Paulo. Sobre esse tempo, Klein tinha uma memória seletiva. O passado deixou suas marcas, mas não dirigiu o futuro. “Eu vivo e deixo os outros viverem”, costumava dizer.

Que país abençoado esse Brasil. O povo também é pacato e acolhedor. O Brasil é um país que dá oportunidades para quem quer trabalhar e crescer na vida. Cresci junto com o Brasil. Não fiquei parado vendo o país crescer. (S.K.)

A origem humilde – Samuel Klein nasceu em Lublin, na Polônia, sendo o terceiro de nove irmãos, filho de carpinteiro de família judaica. Aos 19 anos, foi preso pelos nazistas e mandado, com o pai, para o campo de concentração de Majdanek, na Polônia. Sua mãe e cinco irmãos mais novos foram para o campo de extermínio de Treblinka e Samuel nunca mais os viu. Ao lembrar-se desses tempos, ele afirmava que sua sorte foi ser jovem e forte, pois isso fez com que os nazistas o mandassem para um campo de trabalhos forçados, onde sobreviveu com suas habilidades de carpinteiro, ofício que havia aprendido com o pai.

Seu destino começou a mudar em 1944 quando os alemães, acuados pelas forças aliadas, resolveram retirar os presos de Majdanek e levá-los a pé para a Alemanha. Aproveitando-se de uma distração dos guardas, Klein sumiu no mato e conseguiu fugir, permanecendo na Polônia até o fim da guerra. Em seguida foi para Munique, na Alemanha, em busca do pai.

Neste país, Samuel fez de tudo para ganhar a vida, vendendo produtos para as tropas aliadas. Em cinco anos, juntou algum dinheiro, casou-se com Ana e tornou-se pai de Michael, o primeiro filho de outros três que já nasceriam no Brasil: Saul, Eva e Oscar (este último também falecido).

Em 1951, farto de guerras e instabilidades políticas, decidiu aventurar-se para a América do Sul. Primeiro foi para a Bolívia, mas, ao deparar-se com o país em plena guerra civil, rapidamente mudou o rumo e chegou ao Brasil no ano seguinte, onde se instalou em São Caetano, cidade que tão bem o recebeu e onde construiu a maior empresa de eletrodomésticos e eletroeletrônicos do país.

O começo – Samuel Klein chegou ao Brasil em 1952. Trazia consigo a mulher, Ana, e o filho Michael, de 2 anos. Na bagagem, o sonho de prosperar em um país onde, principalmente, podia-se viver em paz.

Com US\$ 6 mil no bolso, Klein comprou uma casa e uma charrete. Com a ajuda de um conhecido que transitava bem pelo comércio do Bom Retiro, reduto dos imigrantes judeus e árabes na década de 1950, adquiriu uma carteira de 200 clientes e mercadorias – roupas de cama, mesa e banho. De porta em porta, começou a mascatear pelas ruas de São Caetano. Quando alguém dizia que não podia pagar, Klein logo lhe oferecia condições: ficar com o produto e pagar em prestações, tudo no crediário. A esposa, Ana, cuidava da contabilidade das vendas.

Cinco anos depois, em 1957, já tinha ca-

Acervo/Família Klein



Casamento de Ana e Samuel Klein, em dezembro de 1949

pital suficiente para dar mais um passo em direção ao futuro. Comprou sua primeira loja, no centro de São Caetano, que chamou de Casa Bahia, em homenagem aos migrantes nordestinos que haviam se deslocado para a região em busca de trabalho na indústria automobilística.

No endereço de número 567, da Avenida Conde Francisco Matarazzo, Samuel aumentou a variedade de produtos e começou a negociar móveis, colchões de algodão, entre outros itens. A clientela não demorou a frequentar a loja para pagar suas prestações e, lógico, adquirir novas mercadorias. Era o início de um império que foi conquistando cada vez mais clientes e mercados até se transformar na maior empresa de varejo de eletrodomésticos, eletroeletrônicos e móveis do Brasil.

A riqueza do pobre é o nome. O crédito é uma ciência humana, não exata. Não importa se o cliente é um faxineiro ou um pedreiro. Se ele for bom pagador, a Casas Bahia dará crédito para que ele resgate a cidadania e realize seus sonhos.
(S.K.)

Dedicação ao varejo – Samuel Klein dedicou a vida inteira a realizar os sonhos dos seus fregueses. Simples e irreverente, costumava dizer que seu segredo foi “vender a quem precisa”. Com sua família, e dono de uma sabedoria incomum para entender os hábitos de compra e as necessidades emocionais da classe popular, tornou as Casas Bahia *case* mundial na concessão de crédito à população de baixa renda. A empresa mereceu longas reportagens em jornais internacionais, como *New York Times*, *The Wall Street Journal*, *Financial Times*, entre outros, foi capítulo do livro *The fortune at the bottom of the pyramid*, do indiano C.K. Prahalad, guru da estratégia empresarial, e tema de estudo das principais universidades de negócio do mundo.

Durante sua trajetória de vida, Samuel Klein recebeu centenas de prêmios e condecorações. Admirado por seus parceiros comerciais, fornecedores e clientes, tinha um carinho especial pelos milhares de colaboradores da empresa que fundou, a quem tratava carinhosamente de “meus filhos”.

Em novembro de 2003, Klein registrou suas memórias no livro *Samuel Klein e Casas Bahia – Uma Trajetória de Sucesso*. A publicação – doada a todas as bibliotecas públicas e de escolas do ensino médio e fundamental do país - está hoje na sua quarta edição. **R**



Samuel Klein e filhos. Eva está em seu colo. À direita, estão Michael, Saul e Oscar

Acervo/Família Klein

Klein em unidade das Casas Bahia, no Bairro de Pinheiros, em São Paulo, em 1971



Acervo/Família Klein



Samuel e seu primogênito, Michel Klein

SONIA MITAINI

É JORNALISTA E TRABALHA HÁ 16 ANOS COM A FAMÍLIA KLEIN. ATUALMENTE É DIRETORA DE COMUNICAÇÃO DO GRUPO CB, PRESIDIDO POR MICHAEL KLEIN. FOI DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES INSTITUCIONAIS DA VIA VAREJO E DIRETORA DE COMUNICAÇÃO DAS CASAS BAHIA. É PÓS-GRADUADA EM MARKETING DE VAREJO PELA ESPM (ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING).

Neusa Schilaro Scaléa

Arte e saúde

Saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças. Esta definição da Organização Mundial de Saúde (OMS) tem sido muito contestada – assim como a própria organização –, mas, se procurarmos nos meios de comunicação a definição de saúde, encontraremos várias interpretações, como a do Dr. Leon Kass, médico, cientista e educador, que a definiu como o “bem funcionar de um organismo como um todo”, ou, recorrendo à Enciclopédia Britânica, encontramos: “Saúde é a capacidade física, emocional e mental de lidar com o seu meio ambiente”.

De qualquer forma, podemos facilmente entender que ter saúde é estar em harmonia para agir, utilizando as capacidades e características individuais dos seres vivos. E é neste ponto que podemos chamar a arte para a conversa.

Podemos falar de saúde ao mesmo tempo em que pensamos em arte? Sem dúvida. A arte, ou o fazer artístico, lida com percepções, criações, emoções e ações físicas ou mentais dos seres humanos, e, portanto, todas suas faculdades, desejos e habilidades, inerentes ou adquiridas, fazem parte do fazer artístico. Saúde e arte andam juntas.

Era uma prática comum chamar o artista de louco, ou seja, de desequilibrado e, portanto, um ser não muito sadio. Esse mito está definitivamente afastado da realidade. Alguns artistas podem não ter um comportamento enquadrado no lugar-comum, não sujeito a certas normas sociais de determinada época ou período histórico, mas isso não significa insanidade. Por vezes, trata-se de genialidade, ou apenas inconformismo, ou mesmo um vivenciar de realidades paralelas, inalcançáveis para muitos. E esse mito pode levar a um duplo engano: classificar como artísticas ações apenas exóticas ou extravagantes.

Na obra de arte, o inconsciente surge desde as escolhas de suportes para a representação artística, ferramentas, materiais até a concepção e finalização da obra. Deixar fluir o inconsciente, expô-lo ou controlá-lo. A arte tem exigências psicossomáticas, conhecimentos

Psico III,
Vicente
de Franco
(1970).
Técnica mista
sobre madeira
aglomerada



específicos, desenvolvimento harmônico, elaboração mental, conhecimentos técnicos, pesquisas intensas, tudo isso aliado ao deixar-se levar pelo plano inconsciente.

Ter ideias e ideais além do seu tempo é uma angústia permanente do artista, que dificilmente pode ser entendida pelo observador comum. Quanto à interpre-

tação do observador, visitante de exposições ou apreciador de arte, devemos lembrar que fatores pessoais, culturais e de repertórios individuais irão influenciar ou mesmo determinar a fruição e a interação com a obra, ou não.

Sem a criatividade, a inventividade, as pesquisas (não se esqueçam de que o artista é um pesquisador), a história humana seria bem mais pobre, bem menos saudável. Além do fato de que são muito raros os artistas que produzem algo destrutivo (não temos conhecimento de algum artista que tenha produzido armas de destruição em massa, por exemplo). Embora imagens chocantes possam fazer parte da história da arte, a intenção quase sempre está relacionada à denúncia ou à tomada de posicionamento perante injustiças, perseguições ou censura.

Lembrando ainda que não é exatamente aconselhável interpretar um trabalho artístico pela biografia (nem sempre fiel) do artista. Nem por seus atos e declarações. Todo esse contexto que cerca a obra nada representa diante da obra em si mesma. É interessante, e pode ser fonte de informações, as circunstâncias que cercam certos trabalhos famosos, mas não são esses fatos que fazem deles obras de arte. O que nos importa que Mozart tenha escrito elaboradas e belas melodias para violoncelo para pagar dívidas com um açougueiro que também tocava o instrumento? Podemos perfeitamente usufruir a obra sem conhecer esse detalhe curioso.

É inerente ao ser humano a busca pela preservação da saúde e do bem-estar, e quando esse élan se desfaz, a destrutividade passa a nortear a vida, infeliz e sem perspectivas, desse indivíduo. Há pesquisas e relatos de experiências recentes que demonstram como o fazer artístico pode contribuir para o bem-estar, ou seja, a saúde de um indivíduo. E, neste ponto, é imprescindível citar e recomendar aos nossos leitores, que se



Arquivo/Pinacoteca Municipal - Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul



Foto: Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)

Grupo atendido na Pinacoteca Municipal, durante a Semana de Luta Antimanicomial, em maio de 2015



Foto: Antonio Reginaldo Canhoni (FPMSCS)

Grupo do Caps (Centros de Atenção Psicossocial) participa de visita monitorada na Pinacoteca Municipal, em 2014

interessarem pelo tema arte/saúde, o magnífico trabalho da médica e psiquiatra Nise da Silveira.¹

Voltando à saúde, devemos relatar um trabalho sério e importante que vem se desenvolvendo bem próximo a nós. Na Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul, realiza-se um programa, intitulado *Arte como apoio terapêutico*², voltado para públicos que sofreram agressões sociais, familiares ou individuais, e para outros que bus-

caram em atos deletérios soluções ao sofrimento. O fazer artístico, nesses casos, serve de suporte para a medicina. As experiências no trabalho realizado em conjunto com assistentes sociais, psicólogos e psiquiatras têm se mostrado positivas na busca pela saúde perdida. Um exemplo simples: pessoas com dificuldades de se expressarem verbalmente encontram, nesse trabalho, uma forma de se colocarem ao alcance dos interlocutores, para uma tentativa de integração social e diminuição do sofrimento. Por meio de papéis, tintas, lápis, canetas e outros instrumentos, se expressam no desenho, na pintura ou em outra linguagem artística. Propiciam ao médico recursos para se chegar às questões que atormentam o indivíduo, identificam sofrimentos.

Ao que parece, saúde não se consegue apenas com medicamentos, mas também com comportamentos, buscas, ajuda profissional, de familiares, amigos, entidades responsáveis e muito autoconhecimento, ou reconhecimento...

O fazer artístico, a apreciação de obras de arte e o fruir das artes, sejam elas visuais, musicais, plásticas ou literárias, levam ao bem-estar físico e intelectual. Quando produzem inquietação, instigam a busca, quando provocam pensamentos, elevam o espírito e celebram a saúde. **R**

NOTAS

¹Algumas obras de Nise da Silveira: SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro Ed., 1968. _____, Nise da. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981. _____, Nise da. *Casa das Palmeiras*. A emoção de lidar. Uma experiência em psiquiatria. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986. _____, Nise da. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática, 1992. Ilustrações: obra do acervo - Vicente de Franco - Psico III, 1970, técnica mista sobre madeira aglomerada

SITE RECOMENDADO

O artigo *Study Finds Making Art May Keep Our Brains Healthy (Estudos apontam que produzir arte pode manter nosso cérebro saudável)*, em livre tradução, de Laura C. Mallo-nee, está disponível em: www.hyperallergic.com

NEUSA SCHILARO SCALÉA

É FOTÓGRAFA, ESPECIALISTA EM CURADORIA E EDUCAÇÃO EM MUSEUS DE ARTE PELO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (MAC-USP) E É COORDENADORA DA PINACOTECA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.

Domingo Glenir Santarneckchi

Curandeiro Vicente e a contribuição da colônia portuguesa

Antes da chegada dos imigrantes italianos ao Núcleo Colonial, em 1877, uma história já estava em curso na localidade.

Antes da formação da Fazenda Beneditina de São Caetano, a partir do século 17, na região do Tijucuçu, nomes como os de Duarte Machado e Manoel Temudo figuravam nos registros e narrativas acerca de tal localidade.

O capitão Duarte Machado doou sua área aos monges da Ordem de São Bento, que, por meio dessa doação, iniciaram a constituição daquela fazenda. Por outro lado, as terras que pertenceram a Manoel Temudo foram adquiridas, em um leilão, pelo bandeirante Fernão Dias Paes, que as repassou aos beneditinos em troca de ser enterado, com sua esposa, no mausoléu existente no mosteiro. A futura Fazenda de São Caetano ga-

nhava, assim, mais uma porção de terra.

A estrada de ferro construída pelos ingleses em 1867 foi importante para a vinda de muitos portugueses para a nossa região. A então SPR (São Paulo Railway) foi operada pelos portugueses que se instalaram na Vila de Paranapiacaba como primeira moradia, sendo que, posteriormente, por volta de 1900, se transferiram para São Caetano.

Em 1870, antes da chegada dos italianos, Deolinda Maria da Conceição mudou-se do Bairro da Mooca, em São Paulo, para São Caetano, instalando-se onde hoje é o Bairro Barcelona. Deolinda veio a ser mãe de José Mariano Garcia Júnior, que se constituiu no primeiro juiz de paz do distrito de São Caetano.

Outro português que se destacou por volta de 1920 foi o curandeiro Vicente Rodrigues Vieira, que, por meio de suas rezas, atendia uma multidão em busca de cura, já que em São Caetano, na época, o acesso a médicos e hospitais era muito difícil. Ele residia onde hoje se localiza o Bairro Santa Maria.

Na década de 1920, muitos portugueses se transferiram para cá a fim de trabalhar na então Mecânica São Caetano, no Bairro da Fundação. Também atuaram no ramo de secos e molhados, padarias, confeitarias, serralherias e na construção civil, setor no qual se destacou o nome de Anacleto Pires Laranjeira. Outros destaques foram Manoel Barros Loureiro, que fundou, com sua família, a fábrica Louças Adelines, e Francisco Bran-



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Curandeiro Vicente em foto da década de 1920

co Santos Prior, a Cerâmica Tupi. Antonio Coelho de Souza e Alberto Ferreira da Silva fundaram as Fábricas Reunidas Santana, e os irmãos Manoel e Armindo Ribeiro montaram suas carpintarias.

Na década de 1940, havia outros expoentes lusitanos. Alfredo Rodrigues montou a Moagem de Pedras São Caetano, que, anos depois, deu origem à Cristaleira Sul América. Os irmãos José e Virgílio Teixeira fundaram, em 1945, a Porcelana Teixeira, existente até hoje com a marca Porcelana São Paulo.

No início dos anos 1950, chegou à cidade um jovem médico descendente de portugueses, Dr. Silvio Torres, que aqui constituiu vida profissional e familiar, e que se tornou vice-prefeito por dois mandatos.

A colônia portuguesa na saúde - A garra da comunidade portuguesa nas áreas social e filantrópica destacou-se na fundação da Sociedade Portuguesa de Beneficência, entidade mantenedora do Hospital Nossa Senhora de Fátima, no Bairro Oswaldo Cruz. Essa obra coroa, sem dúvida nenhuma, a rica e valiosa contribuição dada pelos portugueses e seus descendentes para o progresso e desenvolvimento dessa cidade, hoje considerada de primeiro mundo.

Fachada do Hospital Nossa Senhora de Fátima, gerido pela Sociedade Portuguesa de Beneficência, em 1955

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



O curandeiro Vicente - Seu Vicente, o curandeiro, viveu em São Caetano entre 1910 e 1925, ano em que faleceu. O escritor Nicola Perrella, em seu livro *Entre as torbas de São Caetano*, credita a Vicente parte do desenvolvimento da cidade, graças ao fluxo ininterrupto de pessoas que para cá vinham em busca das “curas”. Perrella relata que as pessoas saltavam do trem, assim que este parava, corriam, atravessando as porteiras, tão logo essas se abriam, e seguiam o caminho que os levava diretamente ao curandeiro.

Percorriam longa distância, parecendo verdadeiras romarias. Vicente atendia todos em um galpão junto a sua casa, localizada na atual Praça Francisco Pires, no final da Alameda Cassaquera, no Bairro Santa Maria. Não havia estradas, eram apenas caminhos tortuosos de carros de boi.

Jayme da Costa Patrão, pesquisador da memória local, detalhou minuciosamente esses árduos caminhos de terra no artigo *O bondinho das professoras*, publicado na edição nº 3 da revista *Raízes*. Os romeiros chegavam ao local de atendimento do curandeiro desde o amanhecer até à noite, onde se instalavam num galpão. Esse local servia de pernoite e ponto de alimentação para os que aguardavam atendimento no dia seguinte.

Mais tarde, devido ao grande movimento, chegavam os primeiros coches ou landóis para transportar os passageiros diretamente ao curandeiro, puxados a burros ou cavalos. Contudo, as passagens eram caríssimas – dois mil réis, ida e volta. Os menos favorecidos continuavam a seguir a pé.

Surgem os bondinhos - Às 7h30, o trem da São Paulo Railway, com pontualidade britânica, parava na pequena estação de São Caetano trazendo operários e professoras bem jovens de primeiras letras, que vinham dar aulas nas chamadas escolas isoladas, localizadas na Rua da Formicida, na Vila Barcelona, no Alto da Saúde, Vila Santa Maria, além de uma unidade situada no Bairro da Cerâmica e ou-

tra, no Bairro da Ponte (atual Bairro da Fundação).

Também desciam do trem homens e mulheres, jovens, velhos e velhas trôpegos, com aspecto enfermo, além de crianças e bebês de colo, em especial às quartas-feiras, que se encaminhavam em peregrinação para a capela do curandeiro Vicente, todos em busca de conforto espiritual ou lenitivo para suas mazelas ou problemas.

Após descerem do trem, se dirigiam para o ponto final do bondinho na Rua Serafim Constantino. Esse meio de transporte fazia o trajeto da estação até a Vila da Saúde, onde estava o curandeiro, e o preço da passagem era 200 réis. Também seguiam nesses bondinhos pessoas interessadas na compra de terrenos, colocados à venda pela Empresa Imobiliária São Bernardo.

Deve-se ressaltar que os primeiros bondinhos eram uns verdadeiros calhambeques, tipo jardineira, movidos à gasolina, que se locomoviam sobre trilhos de bitola estreita. O motor era de Ford “bigode”, montado na Rua Barão de Limeira, em São Paulo, pela Carnalbas e Formiga Ltda.. Os chassis dos bondinhos eram os que, a título experimental, estavam sendo aproveitados de um acervo desativado da Companhia de Tração Luz e Força, que, em 1910, transferira o sistema animal (bonde puxado a burro) para a tração elétrica.

Mais tarde, a Empresa Imobiliária São Bernardo, proprietária desse transporte, progrediu e substituiu esse sistema pelo de bondes modernos, importados da França, das fábricas Reunalt e Campanhe. Os proprietários da Empresa Imobiliária São Bernardo eram o engenheiro Hypólito Gustavo Pujol e o advogado Ernesto Pujol Júnior.

Além do itinerário Estação-Capela do Vicente, a empresa estendeu suas linhas para Santo André, onde havia garagem, abrigo e oficina, no início da Avenida Industrial. As linhas continuavam e seguiam para a sede de São Bernardo, onde eram conhecidas como Linha de Trem do Pujol.

Esse sistema de transporte durou até meados

dos anos 1930, quando a empresa teve seus bens confiscados e vendidos, por meio de hasta pública, e adquiridos pela Companhia Construtora Paulista.

Convém lembrar, por fim, que, tal como havia sido no Núcleo Colonial, o distrito de São Caetano não dispunha de infraestrutura médico-hospitalar. A população se utilizava da medicina caseira, do curandeiro Vicente e de algumas poucas senhoras benzedoras, que atendiam pessoas com males menores e simples. Caso o problema fosse muito grave, era necessário transportar o paciente para São Paulo, a exemplo dos bairros da Mooca, Ipiranga, Brás e Centro.

Em 1948, com a conquista da autonomia, São Caetano pôde se desenvolver, criar rede de escolas, calçamento, água e esgoto, pronto-socorro, hospitais, centro de saúde, creches e postos de puericultura. A cidade cresceu, suas indústrias prosperaram, assim como o comércio, chegando a se tornar o município de maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

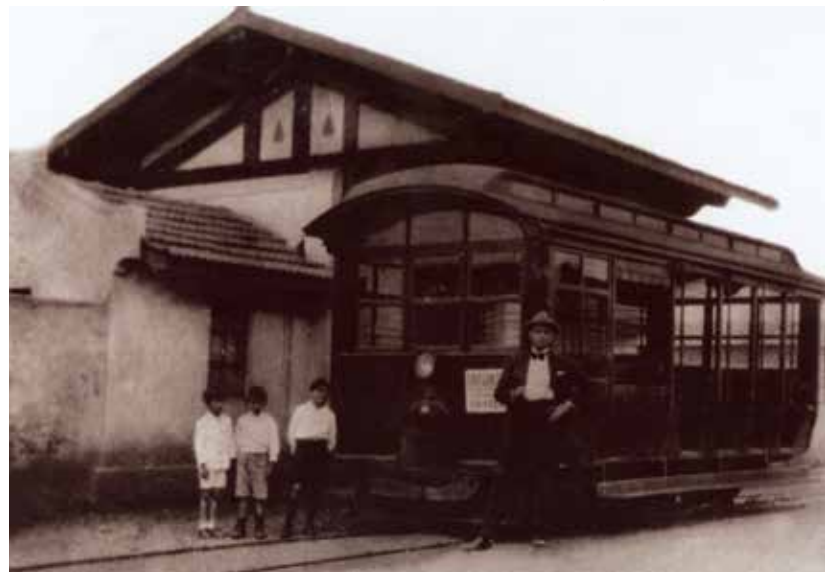
PERRELLA, Nicola. Silêncio da Fé. In: *Entre as torbas de São Caetano*. São Paulo: Edições Alarico Limitada, 1961, p. 60-61.
PATRÃO, Jayme da Costa. O bondinho das professoras. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 3, p. 20-22, jul. 1990.

DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI

É JORNALISTA, ADVOGADO, ESCRITOR, AUTOR DO LIVRO *SÃO CAETANO DI THIENE – O SANTO QUE DEU NOME À CIDADE* E MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO.

Estação de bonde de São Caetano, em foto da década de 1920

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Andrezza Mieke Richter Lourenção

A ditadura militar e o senso comum em São Caetano do Sul

Passeata do Silêncio, realizada em São Caetano no dia 4 de abril de 1961, contra o aumento dos subsídios dos vereadores

Este trabalho visa apresentar como se deu a passagem da ditadura militar na vida do homem simples de São Caetano do Sul, considerando acontecimentos cotidianos.

Exceção pelo qual o Brasil passou entre os anos de 1964 e 1985. Foram entrevistados os seguintes moradores: Andrea Lourenção, aposentado e ex-pintor de aviões, nascido em São Caetano em 1933; Edna Ribas, aposentada, nascida em 1948 e que vive em São Caetano desde 1965; a dona de casa Geny Rocha de Souza Melo, nascida em 1935, vivendo em São Caetano há 55 anos; Vilma Casemira Lourenção, também dona de casa e sul-são-caetanense nascida em 1937; e Wilson de Souza Melo, aposentado e ex-gerente da General Motors, nascido em São Caetano em 1936.

A partir dos anos 1950, o Grande ABC cresceu e se industrializou de maneira intensa. A chegada de investimentos manufatureiros e a indústria automobilística fizeram com que a região se tornasse responsável pela maior parcela do produto bruto gerado pela indústria no Brasil. Fazendo ligação entre a situação econômica da cidade e a política do país, percebe-se que, durante a ditadura militar, São Caetano vivenciou seu auge de produtividade e riqueza econômica. No entanto, o primeiro instante de retomada da democracia foi determinado por uma sensação de insegurança e marcou o início de uma crise industrial na região do ABC. “O salário era melhor do que agora. Naquela época, trabalhávamos eu

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Lançando mão de recursos como estudos de memória, documentos históricos da cidade, depoimentos e artigos acadêmicos, tentou-se encontrar a memória do senso comum (como sentido compartilhado coletivamente) em relação ao período que compreendeu o Estado de

e a minha mãe. O dinheiro pagava água, luz e o dinheiro valorizava aquela época. O salário era bom... agora não dá pra nada”, afirma Edna Ribas.

As fortes pressões dos sindicatos e dos trabalhadores que lutavam por seus direitos fizeram com que muitas indústrias deixassem o ABC e fossem para regiões com menos coalizão entre os trabalhadores, de modo a manter altos lucros e produtividade com baixos salários. De certa forma, essas mudanças na configuração político-econômica fizeram com que boa parte do senso comum que ascendia economicamente perdesse seu emprego e ficasse descontente com as novas configurações políticas e, por conseguinte, adquirisse uma postura conservadora perante a democracia pós-ditadura.

A perda de emprego industrial no Grande ABC no período de 1988 – 1997 foi dramática. Enquanto a perda geral do emprego no Estado de São Paulo foi de 1,94%, na região metropolitana de São Paulo foi 9,14%, e no Grande ABC foi de 14,05%. (SAKATA, p.26)

O foco da população naquele período era o crescimento econômico, que era parte da realidade de todo o país, e foi, de certa forma, um fato que contribuiu para que a população civil de São Caetano do Sul adquirisse uma postura indiferente, ou até mesmo favorável, perante o regime de exceção.

Movimento estudantil e Passeata do Silêncio - A primeira escola a ter uma entidade estudantil de São Caetano do Sul foi o Instituto de Ensino de São Caetano do Sul, fundado no dia 23 de dezembro de 1942, possuindo curso comercial básico e contabilidade. Porém, estas

entidades se consolidaram na cidade apenas na década de 1950.

O crescimento da escola Bonifácio de Carvalho aumentou a união entre os estudantes secundaristas. Assim foi fundado o Grêmio Estudantil 28 de Julho, em 18 de agosto de 1954. Este grêmio realizava eventos culturais, campeonatos, bailes e manteve atividade intensa até o ano de 1961, quando a renúncia de Jânio Quadros predizia muitos medos – que, posteriormente, se tornaram realidade.

O Grêmio 28 de Julho não tinha como pauta as questões políticas e muitos dos participantes as consideravam “(...) artigo supérfluo e galáxia distante. Bailinhos, esportes, festas, namoricos, eram temas muito mais interessantes”. (MARTINS, p.16)

O primeiro centro acadêmico dos universitários que viviam em São Caetano – e estudavam em outras cidades – foi fundado em 24 de julho de 1955 e chamava-se Centro Acadêmico São Caetano. Um fato interessante é que o início das entidades estudantis foi marcado por um afastamento efetivo da política, até que a aproximação se deu no ano de 1961, com a Passeata do Silêncio. Essa manifestação popular ocorreu por causa de um projeto proposto no dia 27 de março de 1961 – um dia após as eleições –, na Câmara dos Vereadores, que aumentava os próprios subsídios em até 500%.

O Centro Acadêmico São Caetano tomou posição contra o aumento e mostrou seu repúdio decretando luto por 15 dias, colocando faixas pretas na sede dos estudantes e enviando manifesto oficial para os vereadores.

A Passeata do Silêncio ocorreu no dia 4 de abril, dia da posse do prefeito e dos vereadores, contando com apoio de outros setores da socie-

dade, como clubes, sindicatos e a população em geral. A passeata terminou seu trajeto com cerca de 20 mil participantes, ou seja, um quinto da população. As manifestações prosseguiram nos dias seguintes, nos horários das sessões na Câmara. No dia 11 de abril daquele ano, o descontentamento da população era tão grande que as pessoas até chegaram a depredar parte da Câmara e houve confronto com a polícia.

A manifestação apenas serenou quando a polícia se utilizou de bombas de efeito moral contra os manifestantes. Logo após, dois carros blindados apareceram para manter a ordem. (GARBELOTTO, p. 34)

No final, foi aprovado o aumento do subsídio, porém em menor proporção em relação à proposta inicial. Todavia, a luta pode ser considerada vitoriosa, pois essa foi uma manifestação popular das mais fortes que a cidade já presenciou.

Cultura e entretenimento - A cultura e o entretenimento sempre foram muito fortes em São Caetano e cresceram ainda mais a partir da década de 1960. Este período foi marcado pela introdução de novas tendências de moda e comportamento vindas dos Estados Unidos, fato que modificou as configurações culturais da cidade. A maior parte dos jovens aproveitava a imensa variedade de espaços de lazer e entretenimento, como cinemas, clubes, bares, lanchonetes e, principalmente, as casas de shows e bailes.

Havia muitas bandas locais que agitavam a vida noturna da população jovem. Contudo, os espaços de lazer mais utilizados pela população eram os cinemas e os salões de bailes. “A GM, naquela época, de 1960 e 1970, todo mês tinha um baile... Uma hora era Grito de Carnaval, outra hora era Baile de São Pedro, Baile da Primavera...”, relembra Geny Rocha de Souza Melo.

Essa indústria de entretenimento com modelo norte-americano, de certa forma, desviava o foco das preocupações referentes à realidade política do país naquele momento.

Em meio às manifestações estudantis de 1968, uma onda de campanhas beneficentes mobiliza a juventude de São Caetano e muitas gincanas automobilísticas são realizadas (...) (SOUZA, p. 49)

Enquanto a guerrilha urbana e as atrocidades do Estado de exceção eram parte da realidade brasileira, na cidade, os estudantes uniam-se principalmente para eventos filantrópicos.

Por outro lado, havia também grupos culturais politizados que traziam a crítica e a resistência para as suas artes. A produção literária na cidade, por exemplo, possui forte significação no movimento de resistência cultural, principalmente a partir dos anos 1970 (1973), quando surgiu o Colégio Brasileiro de Poetas. As poesias eram para “novos e velhos, pretos e brancos, operários, donas de casa e hippies, enfim, gente que pensa, anda, sente dores e se angustia”. (VERAS, p. 46)

Um grupo literário de destaque foi o Livrespaço de Poesia, que reuniu, em 1982, produtores culturais para protestar contra a censura do Departamento de Educação e Cultura de São Caetano do Sul a um concurso de poesia, no qual foi vetada a publicação de alguns dos poemas premiados. Esse grupo, que existe até hoje na região, ficou conhecido nacionalmente e também possui trabalhos publicados em jornais e revistas de vários países.

Os principais espaços culturais de resistência eram: Teatro Paulo Machado de Carvalho, Teatro Santos Dumont, Fundação das Artes, Acascs e o Centro Acadêmico São Caetano.

O papel da mulher no período do golpe - São Caetano do Sul mostrou ser, historicamente, uma

cidade fortemente tradicionalista, conservadora e patriarcal. Isso fica ainda mais claro quando é feita uma análise das entrevistas feitas com mulheres que viviam na cidade nos anos 1960, ao ver como suas vidas eram condicionadas e como as informações sobre a situação política do país não chegavam a elas.

A vida da mulher comum nesta pequena cidade era limitada pelo forte patriarcalismo e machismo. Elas se viam forçadas a se tornarem donas de casa, a dedicarem a vida ao cuidado dos filhos e a manterem distanciamento com questões externas (como a política e a realidade da ditadura no país). O relato de Geny confirma isso: “Eu, sinceramente, só me dediquei à família. Nunca entrei muito nessas coisas. Eu tinha dois filhos, depois veio a menina – depois de 10 anos. Eu tinha os dois no ginásio e aí veio a pequena.[...] E eu mesma não trabalhei fora, nada, porque como eu vim de fora e não tinha família, não tinha conhecidos aqui, então eu me dediquei muito à família. Fiquei dona de casa”.

Vilma Casemira Lourenção também comenta sobre esse distanciamento: “Eu não sei muito. Eu não sei se foi esse ano assim que foi o negócio do Jango [...] Não sei nada sobre ele porque o jornal, ele não trazia, não fazia nada, e não falava nada também. Então eu fui levando, até nascer meus filhos”.

Aquelas entrevistadas que assumiram o papel de donas de casa no período do golpe militar não sabiam quase nada sobre a ditadura. Suas rotinas se limitavam a assistir à televisão – recém-chegada ao Brasil – e se dedicar aos filhos pequenos. Quando questionada sobre o desinteresse pela política da época, Vilma responde: “É que eu não ligava. Nunca me interessei também [...] Porque se eu ia perguntar pra minha mãe, ela não sabia. Se eu perguntava pro meu pai... sempre estava alto, não estava no juízo perfeito, sempre com umas pinguinhas a mais. [...] Então era isso”.

Como a cidade de São Caetano sentiu a ditadura militar - Entre as entrevistas coletadas e as referências bibliográficas utilizadas, existe um consenso: São Caetano do Sul não sentiu a ditadura militar! “Não, São Caetano não teve movimento político contra ditador nem contra a ditadura. O movimento da ditadura era mais nacional, estava centralizado mais entre Rio, São Paulo, mas uma outra esfera que... o movimento sindical nunca combateu”, afirmou Wilson de Souza Melo.

“Foi uma revolução sem tiro, ninguém deu um tiro! Uma revolução sem tiro foi, pronto [...] Só participou o pessoal do exército, só. Não teve mais nada... não foi. Essa nossa ditadura aí foi mais cheia de fantasia do que outra coisa. Que ditadura [risos] nem um tiro saiu...”, comenta Lourenção. Edna afirma que não percebeu nada: “Passou assim... muita censura, ninguém conversava. Era uma coisa que ninguém gostava de falar, tinha medo de falar e acontecer alguma coisa. Comunista então, ninguém falava nada e passava batido”.

A maior parte da população ou sabia das violências da ditadura e apoiava ou ignorava, ou então simplesmente não queria saber de política – boa parte do senso comum ascendia e usufruía das novidades trazidas pela política desenvolvimentista e os modelos de consumo introduzidos.

Apenas uma minoria – ainda desconhecida – ousou enfrentar o sistema. São Caetano não foi sede de nenhum grupo revolucionário, portanto, quem se envolveu na militância ativista participou fora da cidade. Por ser um município historicamente conservador e por conta da censura latente do período, o Estado de exceção estava protegido ali. Os valores reforçados pelo golpe sempre fizeram parte do *status quo* da cidade. “Na época, antes da revolução, esses valores eram respeitados. Nós vivíamos em comunidade. Eu respeitava o meu espaço, você respeitava o meu espaço. Você tinha um filho e eu cuidava até do seu filho. Se eu o vis-

se fazendo alguma coisa errada, eu ia dizer pra você. Os valores eram garantidos!”, explica Melo. Por outro lado, a memória coletiva em relação ao período da ditadura foi obscurecida pela falta de participação ativa na cidade. O mesmo aconteceu com a guerra civil de 1930, onde

o povo de São Caetano [...] não participava da guerra, a não ser como vítima ou espectador; não participava da elaboração de ideias que decorriam diretamente dos acontecimentos que estavam sendo presenciados por todos – mas, compreendidos unicamente por alguns. Esse desencontro fica patente na precariedade da memória que os são-caetanenses conservam da Revolução [...] (SOUZA MARTINS, p.268)

A atitude do senso comum foi a mesma em toda América do Sul? – Utilizando a Argentina como exemplo, percebe-se que uma parte da memória coletiva a respeito da ditadura militar do país funda-se no esquecimento e na capacidade da população em fingir não perceber as violências do Estado, e reconhece-se, pois, a necessidade de que esta memória seja resgatada.

(...) se o discurso autoritário fez questão de obturar a todos, ou quase todos, os meios de comunicação, com o objetivo de criar um monólogo do qual a população deveria ser apenas receptáculo; e se, diante disso, por medo ou acomodação, muitos optaram por tentar esquecer o que estava acontecendo ou fingir que nada ocorria (...)

A recuperação da memória como possibilidade de entender o passado e atuar no presente é a grande questão desse momento. Trata-se de uma tarefa em que estão em jogo o questionamento dos destinos da nação e a reconstrução de uma subjetividade esfacelada pela violência. Recomendar a pensar o futuro depois de muitos anos de

silêncio, a não ser que se queira simular a possibilidade de uma tabula rasa, equivale a voltar atrás e buscar um sentido para as experiências vividas nos anos de ditadura. (VIDAL, Paloma)

Por meio da análise feita por Paloma Vidal sobre o texto *Muchacha punk*, de Rodolfo Enrique Fogwill, um trecho chama a atenção por ser capaz de descrever bem a situação do senso comum argentino e também de todos os outros contextos de ditadura semelhantes naquele momento:

‘Não éramos tão felizes’, diz o narrador na primeira frase do texto, para, logo em seguida, acrescentar que, ‘se alguém me perguntasse se éramos felizes, diria que sim, que éramos felizes, e acredito que ela também diria que fomos muito felizes durante aqueles anos 75, 76, e grande parte do ano de 1978, depois do último verão’. Desde esse primeiro parágrafo, o texto deixa no ar esta pergunta: o que é a felicidade? É possível que alguém tenha sido feliz na Argentina nesses ‘anos 75, 76, e grande parte do ano de 1978’? Talvez sim. Talvez fosse possível viver sua vida e ignorar a existência do mundo exterior. O conto se constrói em torno dessa indiferença, criando um espaço isolado que se pauta nas atividades diárias e na relação amorosa dos dois protagonistas.” (VIDAL, Paloma)

Epílogo – “Muitos dizem que só agora ficaram sabendo. Outros, mais decentes, dizem que sempre souberam, mas que só agora compreendem. Poucos querem reconhecer que sempre souberam e sempre entenderam”, afirma Rodolfo E. Fogwill, no livro de contos *Exércitos Imaginários*.

A principal conclusão tirada da análise documental e das entrevistas coletadas é a de que o período que englobou o golpe e a ditadura militar no Brasil (1964 -1985) não foi sentido

na vida cotidiana de São Caetano do Sul. Essa insensibilidade perante a crise política foi maior por conta da posição econômica consolidada da cidade, que se beneficiara com as ideias desenvolvimentistas e com os valores morais conservadores que acompanhavam o regime militar.

São Caetano do Sul teve seu desenvolvimento devido à concentração de grandes indústrias na cidade – e na região do ABC como um todo – na década de 1950. No período em que a ditadura militar estava vigente, a cidade vivenciava seu pleno crescimento e desenvolvimento. A ditadura militar era vista pelo senso comum como um período de segurança em que “pra nós aqui, brasileiros, que tinham que trabalhar, foi normal”, conta Lourenção. “Quem trabalhava, tinha sua vida normal, cidadão que não se envolvia nisso... Era um núcleo muito pequeno de pessoas envolvidas”, segundo Melo.

Ou seja, São Caetano teve uma postura conservadora por conta de sua posição de segurança econômica e conformismo. O *status quo* da época era direcionado a uma vida laboral valorizada, a uma forte crença na meritocracia e em valores tradicionais e reacionários. Além da forte representação da esquerda como “aqueles que não queriam trabalhar” ou “terroristas que faziam anarquia”.

As forças da ditadura militar venceram pelo conformismo da população e pelos mecanismos que impediam a propagação de informações e ideias revolucionárias, que iam além da censura em si. Esses mecanismos se encontravam nas propagandas que reorientavam o foco das classes médias ascendentes para o consumo ou para o entretenimento.

Os anos 1960 foram a década em que a cidade mais expandiu a vida noturna dos bailes e divertimento. Ou seja, a maioria dos jovens conformados saía para dançar enquanto ocorriam perseguições, torturas e assassinatos de quem questionava a política vigente. Portanto, o entre-

tenimento foi um meio bastante utilizado para encobrir as atrocidades da ditadura militar.

Outro ponto colocado em pauta nas entrevistas é a urgência que há em resolver a crise na política dos dias de hoje. Existe um forte ceticismo na política institucionalizada e uma ideia de que, no passado, ela trazia benefícios e união à sociedade.

“O Brasil, naquela época, eu considero mais organizado. O povo era mais conscientizado nos seus valores, sem interesse. Ele queria sempre o bem-estar! Ou seja, ele procurava politicamente um meio pra conviver muito bem e se expandir. Hoje a coisa é bem diferente, é uma troca sem valores, pessoas que assumem politicamente cargos dentro de municípios, Estados, que não têm nada a ver com município”, relata Melo.

Essa crise se torna perigosa, pois traz uma ideia de que antigamente – principalmente durante a ditadura – as coisas funcionavam melhor e a sociedade estava mais organizada. Portanto, o *status quo* da ditadura militar ainda está bastante presente na realidade do senso comum de São Caetano do Sul – e talvez de todo o Brasil. A única maneira de superar esse passado sombrio é fazer com que os crimes praticados pelo Estado naquele período sejam reconhecidos e punidos e que os governos atuais sejam capazes de mostrar que a luta pela democracia dos “poucos terroristas” (sic!) não foi em vão. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GARBELOTTO, Oscar. A passeata do silêncio e o movimento estudantil na década de 60. *Raízes*, São Caetano do Sul, ano II, n. 3, p.24-34, jul. 1990.
 MARTINS, Caio. O passado revisitado através do olhar do tempo. *Raízes*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 15, p.16-17, jul. 1997.
 SAKATA, Margarida Nobue. *Uma nova forma de intervenção urbana em Santo André?* São Paulo: Universidade de São Paulo, jul. 2006.
 SANTOS, W. *Antecedentes históricos do ABC paulista (1550-1892)*. São Bernardo do Campo: Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, 1992.
 SOUZA, Ricardo Martins de. Três décadas de agitação noturna. *Raízes*, São Caetano do Sul, ano XII, n. 23, p.49-51, jun. 2001.
 MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: Hucitec, 1992.
 VERAS, Dalila Teles. A Literatura no ABC (da contemplação à resistência). *Raízes*, São Caetano do Sul, ano III, n. 4, p.44-45, jan. 1991.
 VIDAL, Paloma. Memória em desconstrução: da ditadura à pós-ditadura. *Alea*, v. 8, n. 2. Rio de Janeiro, jul. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2006000200007>.

ANDREZZA MIEKO RICHTER LOURENÇÃO É ESTUDANTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS NA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP) E VIVE EM SÃO CAETANO DO SUL DESDE QUE NASCEU, HÁ 21 ANOS. SEUS TEMAS PRINCIPAIS DE ESTUDOS SÃO: ARTE E POLÍTICA, TEATRO E RESISTÊNCIAS.

Renato Donisete Pinto



Arquivo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

A.A. São Bento:

Brasão da
A.A. São
Bento

O ALVICELESTE QUE FEZ HISTÓRIA NA ELITE DO FUTEBOL PAULISTA

São Caetano do Sul teve um representante na elite do futebol paulista na década de 1950. Durante quatro temporadas, a Associação Atlética São Bento participou do Campeonato Paulista da primeira divisão. No mesmo período de sua participação no certame, aconteceu a construção e a inauguração do Estádio Municipal Anacleto Campanella, em 1955. Neste artigo vamos comentar o início do clube, a inauguração do estádio e a sua participação nas temporadas de 1954 e 1955 do Campeonato Paulista.

O surgimento - A Associação Atlética São Bento surgiu, oficialmente, em 1954, como resultado da fusão do São Caetano Esporte Clube (SCEC) e do Comercial F.C., da capital paulista. Na época, a comissão responsável pelos trâmites era composta por Hermógenes Walter Braido (presidente do SCEC), Angelo Aladino Grechi (presidente do Conselho Deliberativo do SCEC), pelo então prefeito, Anacleto Campanella, e por Aniz Aidar (advogado nomeado representante do Comercial F.C.). Por sugestão de Campanella, o capitão Raphael Oberdan de Nicola (ex-presidente do

Comercial F.C.) foi eleito presidente da A.A. São Bento. O fato foi noticiado na edição do dia 3 de julho de 1954 do *Jornal de São Caetano*, pelo jornalista Ede Guzzo.

Com o fim dessas equipes, um amistoso para o encerramento oficial das atividades foi realizado. No dia 21 de março de 1954, no estádio da Rua Paraíba, São Caetano e Comercial empataram sem gols. O goleiro Narciso (ex-Corinthians e Linense) foi um dos primeiros contratados da nova agremiação e participou do jogo inaugural.

A estreia da Associação Atlética São Bento aconteceu junto às festividades do aniversário da cidade em jogo amistoso contra o poderoso S.C. Corinthians Paulista. Vitória de 2 a 1, com gols de Vermelho e Zé Carlos para a equipe sul-são-caetanense, e de Souzinha para os corinthianos. A torcida compareceu ao Estádio Conde Francisco Matarazzo, na Rua Paraíba, e conheceu as novas cores do seu time: agora, azul e branco. Jornalistas e locutores se referiram ao novo clube como “alviceleste”. Nessa partida histórica, a A.A. São Bento atuou com Narciso, Pascoal, Lamparina, Alfredo, Savério e Alan; Alcino, Zé Carlos, Bota, Vermelho e Nelsinho.

No dia 8 de agosto do mesmo ano, novo amistoso contra o Corinthians, desta vez no Estádio Paulo Machado de Carvalho, o famoso Pacaembu. Vitória alvinegra por 2 a 0. A participação no Campeonato Paulista da primeira divisão se deu no dia 1º de agosto, no Torneio Início, também no Pacaembu. A novata A.A. São Bento foi desclassificada pelo Corinthians

A. A. SÃO BENTO, de S. Paulo



433 — NARCISO Mistaal, goleiro. Nasceu em São de Itu (S. P.), em 26-2-1927; casado; 1,80 m de altura. Surgiu no Salteus F. C. em 1946, jogando depois no Laboratório (varzeano) de 1948 a 1949. Corinthiano, como profissional em 1948. Ligeiro (1.º semestre de 1954) e São Bento desde o 2.º semestre de 1954. Tri-campeão paulista dos aspirantes em 1948/49/50 pelo Corinthians.



434 — PASCOAL Serwinski Zagorski. Nasceu em S. Paulo, em 18-9-1927; solteiro; 1,37 m de altura. Surgiu em Jurema em 1947, como amador, passando a profissional em 1951. Está na A. A. São Bento desde 1952.



435 — LAMPARINA (Amaro Alves Gomes). Zagorski. Nasceu em Campos (E. do Rio), em 26-11-1924; 1,77 m de altura; casado. Surgiu no Goltarda de Campos em 1944, jogando em 1947 como amador no Canto da Rio, no Diaria como profissional em 1948, e, desde 1951, no São Bento.



436 — ALFREDO Vieira de Sousa Média. Nasceu em S. Paulo, em 19-8-1928; solteiro; 1,74 m de altura. Surgiu do Summa (varzeano) de S. P. em 1948, jogando em 1951/52 no Corinthians como profissional, e, desde 1953, no São Bento. Campeão paulista de aspirantes e mistos em 1950, de profissionais e brasileiro de aspirantes em 1951.



437 — SAVERIO Lopez. Centrista. Nasceu em Nápoles (Itália), em 3-12-1929; solteiro; 1,75 m de altura. Surgiu no Estrela F. C. de Jabaquara (S. P.) em 1946 como amador; em 1951 foi contratado como profissional pela A. A. São Bento, onde se acha.



438 — DIOGO Puzos Peca. Médio. Nasceu em S. Paulo, em 13-6-1931; casado; 1,63 m de alt. Surgiu em 1947 no Corinthians, onde ficou até fim de 1954, jogando desde 1951 como profissional. Está no S. Bento desde 1954. Campeão infantil de 1947, juvenil de 1948/49, amador de 1950, dos mistos em 1951; campeão paulista de 1954 e do Tor. Rio-S. Paulo do mesmo ano.



439 — BOTA (Alcebades de Campos). Ponta-direita. Nasceu em Conchas (S. P.), em 14-3-1928; solteiro; 1,71 m de altura. Surgiu no Scarpa F. C. de Sorocaba (S. P.) em 1946, jogando depois como profissional no Guarani de Campinas de 1948 a 1950, Portuguesa de R. em 1951 e, desde 1953, na A. A. São Bento.



440 — Nelson TANTOS Nogueira. Atacante. Nasceu em S. Paulo, em 7-2-1936; solteiro; 1,70 m de altura. Surgiu no Palmeiras em 1952 como amador, ingressando na A. A. São Bento em 1954, quando se tornou profissional.



441 — JOSE CARLOS Amaral. Centrista. Nasceu em S. Paulo, em 16-10-1930; casado; 1,65 m de altura. Surgiu no Univero (varzeano) de S. P. em 1947, jogando depois no Nacional em 1948, Portuguesa de S. em 1950/51, Ipitanga como profissional em 1952, e, desde 1954, no S. Bento. Campeão brasileiro da juvenil em 1947.



442 — CHUNA (José Fortunato). Atacante. Nasceu em S. Paulo, em 23-11-1927; solteiro; 1,70 m de altura. Surgiu no São Bento em 1947, jogando depois no Ipitanga, como profissional, de 1951 a 1953, voltando no São Bento em 1954.



443 — NELSONINHO (Nelson Nunes). Nasceu em S. Paulo, em 28-12-1926; casado; 1,64 m de altura. Surgiu em 1948 no Corinthians, onde se fez profissional em 1948, jogando depois no Guarani em 1949, no Corinthians em 1950 e no S. Bento desde 1953. Campeão de aspirantes e do Torneio Rio-S. Paulo em 1950 e campeão paulista de 1951.



444 — Norman ENZO TOMAZULO. Técnico. Nasceu em E. Aires, em 25-12-1907; solteiro; 1,90 m de altura. Surgiu, como técnico, em 1952 na A. A. São Bento. É também técnico de box.

Arquivo/Arquivo Andrade Pires

PÁGINA
DO ÁLBUM
ÍDOLOS DO
FUTEBOL
BRASILEIRO,
DE 1955,
COM A
EQUIPE DA
A.A. SÃO
BENTO

por 2 a 0. O Torneio Início era realizado num único dia, com regras específicas. Cada partida tinha duração de 20 minutos e era eliminatória. O desempate era definido pelo número de escanteios de cada equipe ou por pênaltis. A final era disputada em dois meios-tempos de 30 minutos.

CAMPANHA DE 1954

(data, local, resultado e gols da A.A. São Bento)

1º TURNO

15/8/54 - Estádio Conde Rodolfo Crespi - C.A. Juventus 2 x 1 A.A. São Bento (Nelsinho)
 22/8/54 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - A.A. São Bento 2 x 4 S.E. Palmeiras (Tantos e Cardoso)
 29/8/54 - Estádio Nicolau Alayon - A.A. São Bento 4 x 0 C.A. Linense (Tantos (2), Nelsinho e Alcino)
 5/9/54 - Estádio Artur Simões - E.C. XV de Novembro de Jaú 3 x 0 A.A. São Bento
 8/9/54 - Estádio Nicolau Alayon - A.A. São Bento 1 x 1 A.A. Ponte Preta (Tantos)
 12/9/54 - Estádio Nicolau Alayon - A.A. São Bento 0 x 2 Santos F.C.
 19/9/54 - Estádio Brinco de Ouro da Princesa - Guarani F.C. 2 x 1 A.A. São Bento (China)
 25/9/54 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - Associação Portuguesa de Desportos 1 x 0 A.A. São Bento
 2/10/54 - Estádio Alfredo de Castilho - E.C. Noroeste 1 x 2 A.A. São Bento (Berto e China)
 7/10/54 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - S.C. Corinthians Paulista 4 x 0 A.A. São Bento
 23/10/54 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - São Paulo F.C. 3 x 1 A.A. São Bento (Sampaio)
 31/10/54 - Estádio Roberto Gomes Pedrosa - E.C. XV de Novembro de Piracicaba 3 x 1 A.A. São Bento (Bota)
 07/11/54 - Estádio Nicolau Alayon - A.A. São Bento 0 x 3 C.A. Ypiranga

2º TURNO

20/11/54 - Estádio Moisés Lucarelli - A.A. Ponte Preta 4 x 1 A.A. São Bento (Nelsinho)
 28/11/54 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - Associação Portuguesa de Desportos 1 x 1 A.A. São Bento (China)
 05/12/54 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - São Paulo F.C. 2 x 0 A.A. São Bento
 12/12/54 - Estádio Urbano Caldeira - Santos F.C. 1 x 2 A.A. São Bento (Nelsinho e Turcão)
 18/12/54 - Estádio Parque Antártica - S.E. Palmeiras 2 x 0 A.A. São Bento
 23/12/54 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - S.C. Corinthians Paulista 3 x 1 A.A. São Bento (Nelsinho)
 2/1/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 0 E.C. XV de Novembro de Piracicaba (gol de Zé Carlos aos 30 minutos do 1º tempo)

O jogo contra a equipe do XV de Novembro de Piracicaba, no dia 2 de janeiro de 1955, marcou a inauguração oficial do Estádio Anacleto Campanella. A partida foi paralisada pelo árbitro uruguaio Carlos Otonello após gol de Zé Carlos, em função da fumaça que tomou conta do campo, por conta do foguetório para comemorar o primeiro gol do estádio. A equipe alviceleste atuou com: Narciso, Elpídio e Lamparina; Ruiz, Savério e Diogo; Sampaio, Bota, Zé Carlos, Dema e Chuna. Zé Carlos nasceu em 1930, em São Paulo. Surgiu na várzea de São Paulo. Antes do São Bento, o centroavante jogou no Nacional, Portuguesa e Ypiranga.

9/1/55 - Estádio Gigante de Madeira - C.A. Linense 2 x 2 A.A. São Bento (Nelsinho e Ruiz)
 15/1/55 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - A.A. São Bento 3 x 2 C.A. Ypiranga (Nelsinho, Riberto, com gol contra, e Bota)
 23/1/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 2 C.A. Juventus (dois gols do Bota)
 26/1/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 0 E.C. Noroeste (Zé Carlos)
 30/1/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 1 E.C. XV de Novembro de Jaú (Sampaio e Nelsinho)
 6/2/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 4 x 1 Guarani F.C. (Bota, Zé Carlos (2) e Sampaio)

Com a inauguração do estádio apenas na reta final da competição, a A.A. São Bento apresentou melhor rendimento nesses últimos jogos, o que a deixou em décimo lugar na classificação final e na consequente permanência na primeira divisão. A equipe acumulou 20 pontos, conquistados em oito vitórias, quatro empates e 14 derrotas. Marcou 33 gols e sofreu 50. Nosso artilheiro foi o Nelsinho (Nelson Nunes) com 8 gols marcados. O S.C. Corinthians Paulista sagrou-se campeão do IV Centenário de São Paulo.

1955 - Outra inauguração ocorreu no dia 13 de janeiro de 1955. Numa tarde de quinta-feira, a A.A. São Bento perdeu por 3 a 2 do poderoso Corinthians da capital. A imprensa se referia ao

novo estádio como o Morro dos Ventos Uivantes, por conta dos fortes ventos.

Até o início do Campeonato Paulista de 1955, a A.A. São Bento realizou cinco amistosos. No dia 13 de março, perdeu de 4 a 1 para a Portuguesa de Desportos no Estádio Anacleto Campanella. Na semana seguinte, 20 de março, também no Anacleto, perdeu de 3 a 1 para o S.C. Corinthians Paulista. No dia 24 de abril, seguiu

rumo a Santos, onde perdeu de 1 a 0 para a Portuguesa Santista.

Para comemorar o seu primeiro aniversário, no dia 26 de junho, a A.A. São Bento recebeu o São Paulo F.C., no Anacleto, e perdeu por 2 a 0. No dia 28 de julho, aniversário da cidade, realizou amistoso contra a S.E. Palmeiras. A equipe da capital venceu por 5 a 0 e conquistou o troféu Oberdan de Nicola.

CAMPANHA DE 1955

(A equipe alviceleste foi desclassificada pelo São Paulo F.C. no Torneio Início, realizado no dia 24 de julho, no Estádio do Pacaembu)

1º TURNO

31/7/55 - Estádio Ulrico Mursa - Jabaquara A.C. 1 x 1 A.A. São Bento (Zé Carlos)
7/8/55 - Estádio Alfredo de Castilho - E.C. Noroeste 4 x 1 A.A. São Bento (Chuna)
14/8/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 3 Associação Portuguesa de Desportos (Lino e Chuna)
27/8/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 4 S.E. Palmeiras (Geraldo e um gol contra do Palmeiras)
4/9/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 1 x 0 E.C. XV de Novembro de Piracicaba (Simão)
7/9/55 - Estádio Gigante de Madeira - C.A. Linense 5 x 2 A.A. São Bento (2 gols de Geraldo)
14/9/55 - Estádio Lauro Joaquim de Moraes - E.C. Taubaté 2 x 0 A.A. São Bento
17/9/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 2 São Paulo F.C. (Tantos e Bota)
25/9/55 - Estádio Moisés Lucarelli - A.A. Ponte Preta 2 x 3 A.A. São Bento (Bota (2) e Gibi)
28/9/55 - Estádio Urbano Caldeira - Santos F.C. 2 x 0 A.A. São Bento
2/10/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 2 Guarani F.C. (Zé Carlos e Bota)
8/10/55 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - S.C. Corinthians Paulista 5 x 0 A.A. São Bento
16/10/55 - Estádio Artur Simões - E.C. XV de Novembro de Jaú 1 x 1 A.A. São Bento (Bota)



Arquivo/Fundação Pro Memória de São Caetano do Sul

Recorte do *Jornal de São Caetano*, de 31 de dezembro de 1955, anuncia partida entre a Associação Atlética São Bento e Santos

2º TURNO

23/10/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 2 C.A. Linense (Chuna e Zé Carlos)
30/10/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 3 S.C. Corinthians Paulista (Bota e Julião, com gol contra)
6/11/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 3 x 0 Jabaquara A.C. (Chuna e dois gols de Tantos)
12/11/55 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - S.E. Palmeiras 1 x 0 A.A. São Bento
20/11/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 3 x 0 E.C. Noroeste (dois gols do Haroldo e Tantos)
26/11/55 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - A. Portuguesa de Desportos 5 x 1 A.A. São Bento (Zé Carlos)
04/12/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 0 x 2 E.C. Taubaté
11/12/55 - Estádio Roberto Gomes Pedrosa - E.C. XV de Novembro de Piracicaba 6 x 2 A.A. São Bento (Chuna e Dema)
18/12/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 1 E.C. XV de Novembro de Jaú (dois gols de Pascoal)
24/12/55 - Estádio Paulo Machado de Carvalho - São Paulo F.C. 3 x 0 A.A. São Bento
31/12/55 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 0 Santos F.C. (Simão, aos 45 segundos do 1º tempo, e Dema)
08/1/56 - Estádio Anacleto Campanella - A.A. São Bento 2 x 1 A.A. Ponte Preta (Tantos e Bota)
1/6/56 - Estádio Brinco de Ouro da Princesa - Guarani F.C. 1 x 1 A.A. São Bento (Zé Carlos)



Carteira do sócio Mario Romano da A.A. São Bento



Acervo/Luiz Domingos Romano

A A.A. São Bento ficou em décimo primeiro lugar, somando 20 pontos. Foram sete vitórias, seis empates e 13 derrotas. Fez 37 gols e sofreu 58. A curiosidade ficou por conta da vitória sul-são-caetanense sobre o Santos F.C., que não o deixou ser campeão, por antecipação, no último dia de 1955, um sábado chuvoso. A manchete do *Jornal de São Caetano*, do próprio dia 31 de dezembro, anunciava: *São Bento esmagará o Santos F.C.* Na biografia do craque santista Pepe, ele recorda para a autora e filha Gisa Macia “que uma grande caravana de trem viajou de Santos para São Caetano, ocupando metade do estádio Anacleto Campanella”.

Outro fato interessante foi que o último jogo contra o Guarani realizou-se somente no dia 1º de junho de 1956. Isto aconteceu por questões políticas ocorridas em Campinas.

Na próxima edição vamos contar como foram as temporadas de 1956 e 1957 e a cisão que determinou a extinção da A.A. São Bento. **R**

*Este artigo é dedicado ao amigo Luiz Domingos Romano, pelo apoio, atenção e generosidade com seu inestimável acervo. Agradecimentos a Moacir Andrade Peres, por disponibilizar as imagens dos raros álbuns de figurinhas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ESPETACULAR vitória do São Bento sobre o Santos. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, 15 dez. 1954.
- FERRARI, Narciso. A malfadada fusão. *Raízes*, São Caetano do Sul, edição especial, p. 17-25, mai. 2014.
- FRARE JUNIOR, Wanderley. *Clube Atlético Linense: o elefante da noroeste*. São Paulo: Edição do Autor, 2015.
- GIANELLO, José Roberto. A.A. São Bento: o futebol no Morro dos Ventos Uivantes (1954-1957). *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 18, p. 47-51, dez. 1998.
- INAUGURADO o “Estádio Anacleto Campanella” com grande vitória do S. Bento. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, 5 jan. 1955.
- MACIA, Gisa. *José Macia PEPE: o canhão da Vila*. Santos: Realejo Edições, 2015, p. 47-48.
- MÉDICI, Ademir. *Uma história de campeões: os 89 anos do São Caetano Esporte Clube*. São Caetano do Sul: São Caetano Esporte Clube, 2003, p. 220-234.
- NARCISO jogará contra o Corinthians. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, 21 jul. 1954.
- NETO, José Jorge Farah & KUSSAREV JR., Rodolfo. *Almanaque do Futebol Paulista 2000*. São Paulo: Panini, 2000, p. 393-394.
- RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: história da FPF, volume II (1953-1982)*. São Paulo: Federação Paulista de Futebol.
- VENCEU espetacularmente a A.A. São Bento. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, 31 jul. 1954.
- VENCIDO o São Bento pelo Corinthians. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, 14 ago. 1954.

RENATO DONISETTE PINTO

É PEDAGOGO E PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA. MEMBRO DA ACADEMIA POPULAR DE LETRAS DE SÃO CAETANO DO SUL E AUTOR DO LIVRO *FANZINE NA EDUCAÇÃO* (MARCA DE FANTASIA, 2013).

Entrada do Estádio Anacleto Campanella, em 1954, ainda em construção, mas já com a indicação da A.A. São Bento



Acervo/José Roberto Gianello

Oscar Garbelotto

Sempre muito festejadas, as passagens de Ano Novo foram ganhando novas características a cada época. Naturalmente, as pessoas foram dando suas próprias feições às comemorações que marcam a passagem do velho para o novo ano.

Conto aqui minhas próprias experiências, de uma época, para mim, simples e ingênua, partilhada com vários amigos de infância de “meu pequeno pedaço de rua”. Era o nosso mundo, que ia da Igreja São Caetano (Matriz Velha) até a loja do seu Amaral ou do armazém de Artemio Lorenzini, ambos na esquina das ruas 28 de Julho e Rio Branco, o grande e principal quarteirão do Bairro da Ponte (Barra Funda), atual Bairro da Fundação.

Próximo da meia-noite, o pequeno grupo aguardava nas imediações da Matriz, sentado na sarjeta. Éramos eu, Laurito Perrella, Mario Migliani, Horácio Facchioli, entre outros. Naquela época, todos com idade entre 8 e 12 anos. Era o início da década de 1940... A leve neblina cobria a erma rua, ofuscando a tênue e amarelada luz dos altos postes de ferro. Ao longe, ou-

via-se o som alegre das famílias reunidas aguardando o chegar da meia-noite.

Enquanto os adultos, reunidos em suas casas, aguardavam o momento da confraternização, nós, munidos de barras de ferro, ficávamos atentos aos indícios que marcariam o exato momento de nossa participação. Num repente, surgiam os sinais: os sinos da igreja repicavam e as sirenes das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo soavam tão estridentes que atingiam todo o bairro. Mais distante, também a “rouca” sirene de uma indústria mecânica, localizada na Avenida Conde Francisco Matarazzo.

Esses sinais indicavam que era nossa vez de participar da “barulheira”. Munidos dos pedaços de ferro, batíamos seguidamente nos postes de luz, até que todos os demais ruídos cessassem. Era hora de voltar para casa e iniciar, com a bolsinha de moedas em punho, a interessante saudação aos adultos: “Bom princípio de Ano Novo!”, e, então, recebíamos uma moeda em agradecimento. A prática continuava na manhã seguinte em todas as casas das ruas e nos bares, que recebiam grande número de pessoas para as confraternizações.

As passagens de Ano Novo



Foto: Oscar Garbelotto

Assim transcorria o festivo e alegre primeiro dia do ano, quando as pessoas confraternizavam, se abraçavam, trocavam gentilezas e bons votos para o futuro. Quando as famílias reuniam-se ao redor de uma mesa para saborear os melhores quitutes das vovós, num clima de muita alegria, respeito e amor... Quanta saudade... Como é bom quando a emoção vem aos olhos, ao lembrar momentos tão simples, mas marcantes de nossa infância. **R**

De ferro, o poste respondia como um sino às batidas da garotada. A foto, do alto da torre da Matriz Velha, mostra o início da Rua 28 de Julho, o “ponto de reunião”, ainda enfeitada com arcos brancos sempre colocados durante as Festas do Padroeiro São Caetano e as quermesses juninas. Foto de 7 de setembro de 1948

OSCAR GARBELOTTO
É ADVOGADO, PROFESSOR UNIVERSITÁRIO
E PESQUISADOR DA HISTÓRIA LOCAL.

Marcos Eduardo Massolini _____

O mundo, uma bola!

O futebol, esporte inventado pelos ingleses (alguns brasileiros, claro, contestam esta afirmação) era para os meninos dos anos 1970 – sem computador, sem videogame e sem celular – o suprassumo das brincadeiras. A bola, nessa época, era uma das grandes aliadas na arte de arregimentar amizades. Com meu vizinho de muro na Rua Alegre, o Laerte, foi assim.

Mesmo tendo sofrido um gravíssimo acidente anos antes, quando um daqueles gigantescos tubos de concreto utilizados em gasodutos se soltou do cabo de um guindaste e atingiu uma de suas pernas, que precisou levar dezenas de pontos, ele conseguiu voltar às peladas – mesmo que como goleiro – tal sua paixão pela bola. Esse amor mútuo pelo esporte bretão fortificou nossa amizade.

Com Gordo (depois chamado de Carlão), outro vizinho, foi a mesma coisa. Ele, de jeito nenhum, era obeso – no

máximo, esbelto, e, entre nós, era quem se dava melhor nos esportes: bom no basquete, no vôlei e no futebol, sempre focado em “competir para ganhar”. Por causa desse jeito competitivo, vivia reclamando de falta, deflagrando regras e, às vezes, até melando o jogo (como a bola era dele, o jogo terminava mesmo). Carlão também era craque em futebol de botão e o xodó era tanto, que só faltava dormir com seu Estrelão, como era chamado o campo verde de madeira fabricado pela empresa de nome similar.

Outro que apreciava muito esta modalidade era o meu primo Roberto, mais velho, que gostava de narrar todas as suas jogadas, inclusive nas peladas: “Gérson para Tostão, Tostão toca de primeira para Carlos Alberto, que dá de trivela para Jair. Jair avança pela área, olha para a meta adversária, vai arriscar de longe. É gooooooooooooool! Gol de Jair, o Furacão da Copa!”. Invariavelmente o jogador que fazia o gol era o Jairzinho, que meu



Arquivo/Marcos Massolini

Com uniforme de seu time, Marcos Massolini posa para foto ao lado da mãe, Lourdes Pareja, em 1977

primo e sua privilegiada geração conseguiram acompanhar na grande conquista da seleção brasileira na Copa do México, em 1970. Eu já estava no planeta, mas era muito nenê e não me lembro de nada.

Sempre quando dava, eu e o Gordo passávamos nas óticas em busca de tampas de relógios usadas (na vizinha Utiniga tinha uma), o que dava um perfil inédito para os nossos jogadores: tinha centroavante bojudo, zagueiro largo e armador ovalado. O Chico Buarque e o Chico Anysio jogavam botão nessa mesma época, mas acho que a gente era melhor que eles. O Gordo que o diga.

Quando, algum tempo depois, apareceu o Rogério, diretamente da Rua Joana Angélica, com uma bola de plástico na mão, invariavelmente de bermuda branca e boné, con-

solidou-se por um bom tempo esta trupe de cinco, formada por Carlão, meu primo Rica, eu, Nê (depois chamado de Lupa) e Rogério (o Laerte logo se mudou e o Roberto era meio padrinho da molecada, então não conta). Jogávamos muita bola e, às vezes, uma partida durava um dia inteiro (apenas com intervalo para almoço). E haja fôlego, pois a gente disputava pelada na ladeira e a bola vivia descendo a Rua Martino De Martini e caindo no riozinho da divisa com Santo André. Mas tudo bem...

Finalmente tinha aparecido um corintiano para me ajudar a segurar a onda dos adversários tricolores e alviverdes. Com o Rogério, ostentando uma gloriosa camisa branca do Corinthians, e eu, com uma listrada do Timão, não tinha pra ninguém. Lembrando que, des-

de sempre, 70% da população de São Caetano é palmeirense, para vocês verem como nossa vida nunca foi fácil.

O Gordo e o Lupércio eram palmeirenses. O Rica e o Roberto, são-paulinos. Can-samos de ver, nesses primeiros anos, fogos alviverdes pipocando na esquina. Eram tempos da

“academia palmeirense”, com Leão, Luis Pereira (que morou em São Caetano), Ademir da Guia, Dudu e companhia, o único time que realmente conseguiu tirar o título do Santos de Pelé. E dá-lhe fogos! Os Pulini viviam em festa na esquina da Rua Alegre, e, só em 1975 (campeonato paulista) e 1977 (campeonato brasileiro), os são-paulinos quebraram o ritmo das conquistas alviverdes, com o volante Chicão dando



pernada no meio-de-campo e o goleiro Valdir Peres catimbando atrás.

Aí quem soltava rojão na nossa fuça era o Roberto e o meu tio Dito, na Rua Martino De Martini, e o seu Pedro e seu filho Luiz, na esquina das ruas Alegre e Joana Angélica. Nós, os corintianos, ficamos

olhando, sofrendo, nos segurando até o paulista de 1977, quando lavamos a alma depois de amargar 23 anos sem título nenhum. Jamais esquecerei a expressão de alívio e alegria que vi estampada na cara do meu pai, quando aquele gol chorado do Basílio saiu. Eu, do alto dos meus 10 anos de idade, abracei-o com força e chorei pra valer. Acho que o Rogério e o seu pai soltaram fogos. Não sei. Eu e meu velho não costumávamos comprar rojão. Nesse 13 de outubro de 1977, a explosão estava toda ali, no rosto de meu pai.

Aliás, meu progenitor sempre gostou de jogar no gol, desde seus tempos de adolescente, quando fundou, com amigos de São Caetano, o time Vital Brasil, na década de 1950, e, posteriormente, quando jogou com os colegas do Banco São Caetano. E essa propensão ao gol estava em seu sangue: meu avô Antônio jogou muitos anos como goleiro da General Motors e, por muito pouco, não entrou para o Santos. Eu, embora alto como os dois, só jogava no meio das traves se não tinha mesmo jeito.

Foi na mesma GM que eu e meu primo Ricardo arris-

Os irmãos Rogério e Léo Engelmann na torcida pelo Corinthians no campeonato paulista de 1977

camos jogar na escolinha de futebol, na categoria mirim. Eu joguei muito pouco e, em pelo menos três jogos, fiquei só assistindo do banco de reservas. Até que um dia, o lateral esquerdo se machucou e o técnico resolveu me colocar no lugar. Não fiz feio, mas eu detestava aquela posição, e queria, como a maioria dos moleques, jogar na frente ou com a camisa 10 no meio-campo. Mas aí, no outro jogo, o técnico encasquetou que eu era lateral canhoto e me botou no flanco do campo de novo. E, então, tudo começou a dar errado: furei uma bola fácil, dei uns três passes errados e fui ficando nervoso. Talvez por causa dos nervos, me veio, de repente, uma baita vontade de ir ao banheiro e comecei a fazer sinal para o técnico me substituir. Em vão. O treinador não olhava ou fingia que não olhava. Comecei a entrar em desespero. A bola vinha e eu chutava para qualquer lado. E a vontade cada vez mais forte. Quando o juiz apitou o fim do jogo, corri para o vestiário e, ali mesmo, encerrei prematuramente minha carreira no futebol “oficial”. Voltei para as peladas de rua, que eu adorava de paixão.

Esse episódio lembrou-me de uma das coisas que nós, da “trupe de cinco”, mais gostávamos de fazer no fim de semana: pular o muro do Idali-

na no domingo e jogar pelada em uma das várias quadras que havia no interior do colégio. E como tinha gente pra jogar! Quem chegava tarde perdia o lugar. Outra opção eram os campos pertencentes a empresas da região (Laminação, Alcan, Norton) e os parques públicos e clubes, mas aí a concorrência era ainda maior.

Mais para o final da década e adentrando os anos 1980, a nossa trupe começou a estender seus tentáculos pelo bairro e, conseqüentemente, conhecemos outros moradores das redondezas. Por causa do Beira Rio (como chamávamos o campinho junto ao Córrego de Utinga), travamos contato com o pessoal que jogava bola na divisa com Santo André. A maioria morava nas casas que beiravam o córrego: os irmãos Mário (que depois serviu o Tiro de Guerra comigo), Walter Cabeça (já falecido), Banana, Alê e seu tio Geraldo (paraplégico e goleiro dos bons), a turma que morava no casebre de dois cômodos (sempre com a placa “Há vaga para rapazes” na porta), bem na esquina das ruas Alegre e Bandeirantes (Alemano, Dodô, Lira, entre outros), os irmãos Lelé, Zé e o caçula Rogério, Toinho e seu irmão Joãozinho, Paulinho e, às vezes, os vizinhos Décio e Adélcio, que, assim como Geraldo,

moravam na primeira rua do lado de Santo André. A essa galera, juntavam-se outros que já batiam bola com a gente na rua (Zé Ricardo, Égon, Cascão e seus irmãos, Fiu, Tu, Marcelo, Laélcio).

Até os anos 1980, muitos outros se juntaram ao time, por exemplo, os irmãos Jacinto e Joel. O campo era peculiar, de um lado, o barranco que dava para a rua, e, do outro, o riozinho da divisa. Imaginem a cena: de cinco em cinco minutos, algum premiado tinha de pegar a bola dentro do córrego, que voltava sempre marrom-esverdeada, devido ao lodo da água (que a esta altura perdia seus guaruzinhos para a poluição). Mas a gente não estava nem aí pra cor ou para o cheiro da pelota. Bola pra frente!

O grande Geraldo já tinha uma boa idade, mas adorava jogar com a molecada. Saía da sua cadeira de rodas, se postava embaixo do travesão, preparado especialmente para ele – a um metro e meio do chão –, e “ripa na chulipa”: saía com tudo nos pés de quem fosse fazer o gol, defendia com soco, espalmava várias “bombas” que os moleques chutavam à queima-roupa e não dava colher de chá para craque nenhum. Um guerreiro!

Alguns anos depois, a prefeitura canalizou o córrego, por causa da ligação entre a Rua Alegre e a Avenida Dom Pedro II, e o saudoso Beira Rio deixou de existir. Para que não haja confusão, uma observação deve ser acrescentada: existiram dois campinhos de futebol na divisa do Bairro Barcelona com Santo André. O mais antigo, chamado de campinho mesmo, ficava no final da Rua Flórida, próximo ao Bar do Bigode (antes, Bar da Dona Nela), logo depois do córrego, já do lado de Santo André. Este primeiro campinho viu muitas partidas entre os anos 1960 e 1970: a geração do meu primo Roberto jogou muito nele e a minha pegou o final dos tempos áureos. Toninho (irmão do Tu), Tião, Charuto, Gregório, Landinho, Daniel, Clóvis, Luis, Marinho, Pedrão (goleiro), Lamparina, Roberto e tantos outros foram os craques desses primeiros anos.

Foi nessa mesma divisa, na intersecção das ruas Flórida e Bandeirantes, que alguns esquadrões pioneiros e míticos da várzea surgiram e jogaram a segunda divisão da cidade, abrindo caminho para os times que vieram depois. A A.A São Paulo, carinhosamente chamada de

“São Paulinho”, glorificou a Vila Barcelona desde os anos 1950, em várias categorias. No final da década, surgiu outro orgulho daqueles tempos: o Real Barcelona F.C.

A partir dos anos 70, a gente jogou ali junto com Robertinho, Guina, Tião (olha ele de novo), Rena, Chumbinho, Jé, Paraná, Jefferson, Ayrão, Ademir e Walter Cabeça, perpetuando a flâmula da várzea. Esse campinho, que já sofria com a erosão crônica do solo e foi palco da fundação de um time muito famoso no bairro, o Bandeirantes Futebol Clube, com vários desses jogadores citados em sua formação, foi definhando na mesma época em que apareceu para nós o já citado Beira Rio, ainda mais peladeiro que seu antecessor, no mesmo solo varzeano, que durou até o fim da década de 1980, aos trancos e barrancos (literalmente).

Os anos 1990 viram escassear de vez os campos de várzea, na mesma proporção que o futebol deixou de ter

aquela aura romântica. Hoje as quadras são alugadas, os salários dos jogadores são milionários e a emoção de um drible virou artigo de luxo em jogos burocráticos. Eu continuo torcendo pelo meu time, mas confesso que só me entusias-

Acervo/João Messias Cardoso-Lamparina



Equipe da A. A. São Paulo, em foto de 13 de dezembro de 1964

mo quando ele se aproxima de uma final de campeonato. Mas o mágico tênis Kichute, surrado e ainda com barro em suas travas, fica pendurado na parede como um troféu, para me lembrar de um tempo em que o futebol unia vizinhos, fortificava amizades e apaixonava corações. **R**

MARCOS EDUARDO MASSOLINI

É JORNALISTA E ESCRITOR. EM 2001 LANÇOU, DE FORMA INDEPENDENTE, O LIVRO *BORBOLETAS ABISSAIS*. MANTÉM O BLOG *ALMANAQUE DO MALU* DESDE 2009 E, NO ANO PASSADO, LANÇOU SEU SEGUNDO VOLUME DE POESIAS, *AURA DE HERÓIS*.



Memória Fotográfica

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Funcionários da Cerâmica São Caetano no refeitório da fábrica, em 13 de fevereiro de 1948

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Pátio interno da Padaria Central, que pertenceu à família Morelatto. Na carroça utilizada para entrega de pães está Edmundo Luiz Morelatto

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



O Clube Lilim Mirim foi idealizado por Armando Lopes e suas atividades, constituídas por amplo leque de atrações artísticas infanto-juvenis, iniciaram-se em 1957 no São Caetano Esporte Clube. Em 1964, o Lilim Mirim tornou-se um dos departamentos da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs). Nesta imagem, aparecem integrantes de um número de balé promovido pela associação, por meio do departamento representado pelo Clube Lilim Mirim. Foram identificados: o comediante Chocolate e a professora de balé da Acascs Ivone Isaías (à direita)



Antiga Praça dos Estudantes, junto ao então Paço Municipal, em foto da década de 1960



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Feira livre na Rua Nelly Pellegrino, em frente à Casa Monte (de Gentil Monte & Irmãos), que comercializava materiais para construção, ferramentas, ferragens, além de artigos para presentes. Era também distribuidor dos azulejos Matarazzo



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Esquina da Avenida Conde Francisco Matarazzo com a Rua João Pessoa, no centro de São Caetano, na década de 1950. Ao fundo, o antigo Cine Max. Uma imponente árvore de Natal anunciava as festas de fim de ano na cidade

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Reunião da comissão responsável pela organização dos festejos do 83º aniversário de São Caetano do Sul, em 1960. Foram identificados, a partir da esquerda: Lauro Garcia (vice-prefeito, na ocasião), Júlio Marcucci (o terceiro), Christovam Miguel Sanches (presidente da comissão), Rene Sernagiotto (secretária), Keigo Toyoda (o penúltimo), na sequência, Luiz Martorelli

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Autoridades políticas de São Caetano do Sul em palanque improvisado na então Vila Prosperidade, que, na época, havia sido anexada ao município, após longo processo para o reconhecimento do resultado do plebiscito de 1º de dezembro de 1963, favorável a sua anexação à cidade de São Caetano. Em primeiro plano, o deputado estadual Oswaldo Samuel Massei (ao microfone) e, à sua direita, o prefeito Hermógenes Walter Braido. Também foram identificados: o vice-prefeito Odilon de Souza Mello (à direita de Braido), Cláudio Musumeci, Nilo Ribeiro de Figueiredo e Altamiro Dias da Motta

Diretor e professoras do então Grupo Escolar de Vila Santo Alberto (atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Anacleto Campanella), em foto de 1968. A partir da esquerda, observam-se: Ivete Checchetto, Maria Luiza da Cunha Pires, Aurélio Vieira Rosa, Lindalva Aneli Lopes, Eldira M. Fuzzi de Souza, Guiomar Melo Maluf e Nelly Teixeira Pinto



Avenida Goiás, na esquina com a Avenida Dr. Augusto de Toledo, em foto da década de 1970



RAÍZES E RETRATOS



Primeira comunhão de Laura Fontebasso Cruz na Paróquia São Caetano, no Bairro da Fundação, em 1949

ACERVO/LAURA JANE CRUZ

Mario Romano, Thereza Rocco Romano e Luiz Domingos Romano (criança), em foto de 1952, no estúdio Foto Nitto

ACERVO/LUIZ DOMINGOS ROMANO





Luiz Domingos Romano na Rua Oswaldo Cruz, em frente ao número 757 (a casa ainda existe no local), vestido como mascote da Sociedade Esportiva Palmeiras, em 1952. O carro que aparece na imagem era um Austin A-40 Dorset, de propriedade de Rafael Sanches. A foto foi tirada por Mario Romano, pai do menino

ACERVO/LUIZ DOMINGOS ROMANO



Família Foltran reunida para almoço de ano novo na casa de Pedro Foltran, localizada na Rua Tapajós, no Bairro Barcelona, no dia 1º de janeiro de 1961. Na primeira fila, em pé, a partir da esquerda, foram identificados: Regiana Gaioto Foltran, Laércio Foltran, Cida Foltran, Wilma Foltran, Luiz Foltran, Luiz Lauro Foltran (no colo), Maria Foltran e Waldemar Foltran. Na segunda fila, em pé: Laura Foltran, Rosa Foltran, José Foltran, Arlete Foltran, Tereza Foltran, Alberto Lisboa, Pedro Foltran e Fioravante Gava. Georgina Foltran, Ronald Foltran (bebê) e Adilson Gava estão na terceira fila, também em pé. Sentados, na primeira fila, estão: Marinez Lisboa, Anísio Foltran, Milton Foltran, Humberto Lisboa e Avelino Foltran. E sentados, na segunda fila (na calçada): Mauro Foltran, Izilda Foltran, Sergio Foltran, Terezinha Foltran, Hélio Foltran, Regina Lisboa e José Luiz Gava

ACERVO/HUMBERTO DOS SANTOS LISBOA



Passaporte italiano de Filippo Vermiglio (então com 14 anos), que desembarcou no Brasil no dia 1º de outubro de 1954, com seus pais, Faro Vermiglio e Rosaria Trupiano Vermiglio (na foto, à direita). A família Vermiglio havia iniciado a emigração para o Brasil um ano antes, com seus irmãos Antonino Vermiglio e, posteriormente, Andrea Vermiglio. Em São Caetano do Sul, Filippo casou-se com Maria Amador e o casal teve dois filhos: Epifanio André Vermiglio e José Filippo Vermiglio. Hoje com 75 anos, Filippo tem cinco netos

ACERVO/FAMÍLIA VERMIGLIO



Flagrante do casamento de Pedro Bonesso e Dolores Carrasco Bonesso, realizado na Igreja Matriz Sagrada Família em 18 de maio de 1974. A partir da esquerda, observam-se: Lurdinha, Mirdes Carrasco, José Loureiro, Dolores, Pedro, Antonieta Bresciani, João Bresciani e Ana Vieira Carrasco (mãe da noiva). Pedro e Dolores são pais de Renata Bonesso, que nasceu em 24 de maio de 1975 (atualmente casada com Luiz Felipe Maffei)

ACERVO/PEDRO BONESSO



Cartão de identificação de Antônio Rodrigo, servidor dos Correios, de 1956

ACERVO/ANTÔNIO RODRIGUERO



Filho de Maria Camusso Gimenez e João Duran Gimenez, José Carlos Duran Gimenez nasceu em 12 de julho de 1948, em São Caetano do Sul. Casou-se com Regina Assoni, em 12 de abril de 1985, na Paróquia Nossa Senhora da Candelária, localizada na Rua Castro Alves

ACERVO/JOSÉ CARLOS DURAN GIMENEZ

EXPOSIÇÕES



OS VELHOS TEMPOS DO COMÉRCIO EM SÃO CAETANO

De 14 de julho a 31 de agosto, na Aciscs (Associação Comercial e Industrial de São Caetano do Sul), esta mostra apresentou um pequeno esboço do desenvolvimento do comércio local por meio de cerca de 40 imagens. Alguns dos estabelecimentos comerciais retratados continuam em plena atividade, o que confirma a supremacia do setor terciário na conjuntura econômica atual do município. A referência feita a pontos comerciais que marcaram época permitiu ao público conhecer as características do comércio sul-são-caetanense e os hábitos de consumo presentes na cidade, ao longo de diferentes períodos históricos. A exposição contemplou também imagens dos principais centros comerciais de São Caetano e de membros pioneiros da Aciscs. Nos meses de setembro e outubro, foi a vez de uma das unidades do Supermercados Joanin receber a mostra.

ITINERANTE

jul-2015
a
out-2015



CENTRO INTEGRADO DE SAÚDE E EDUCAÇÃO DA TERCEIRA IDADE FRANCISCO CORIOLANO DE SOUZA: 12 ANOS DE HISTÓRIA

Para marcar a passagem do 12º aniversário do Cise Francisco Coriolano de Souza (celebrado em 31 de agosto), a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul preparou uma exposição fotográfica. Constituída por painéis temáticos, a mostra contemplou as principais atividades promovidas no local, além de eventos e comemorações que marcaram a trajetória do conhecido centro de terceira idade do Bairro Nova Gerty.

CISE

ago-2015



SÃO PAULO NEO NOIR

Uma das exposições itinerantes do Museu da Imagem e do Som de São Paulo, produzida com o apoio do Sisem-SP (Sistema Estadual de Museus), foi trazida para São Caetano. O conceito do ensaio de *São Paulo Neo Noir* não era registrar a metrópole de forma documental, mas sim buscar referências no passado para criar uma possível imagem sobre o futuro. A série foi produzida pelo fotógrafo Jorge Sato. A exposição pôde ser visitada de 8 de setembro a 2 de outubro.

CASA
DE VIDRO

set-2015
a
out-2015

CUBINHO: 40 ANOS DA TIRINHA DE MARIO MASTROTTI

CASA
DE VIDRO

set-2015
a
out-2015

A tirinha do cãozinho Cubinho, personagem criado pelo cartunista Mario Mastrotti, começou a ser publicada em 1975, abordando diversos temas reflexivos, como filosofia, política, direitos humanos, dentre outras problemáticas, discutidas com leveza e bom humor. A exposição trouxe uma retrospectiva dos 40 anos de produção da tirinha em diversos periódicos brasileiros. A mostra ficou em cartaz de 8 de setembro a 2 de outubro.



EXPEDIÇÃO VILLARE NO ESPAÇO VERDE CHICO MENDES: EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS PARA VIVENCIAR O ESPAÇO

SALÃO
EXPOSITIVO
CHICO MENDES

set-2015
a
nov-2015

Esta exposição apresentou o resultado das pesquisas desenvolvidas pelos alunos do Colégio Villare, de São Caetano do Sul, para um projeto multidisciplinar. O objetivo era aprofundar os conhecimentos acerca de um determinado espaço geográfico, desvendando sua história, flora, fauna, formação do ecossistema e limites territoriais, o que resultou em mapa, maquete, linha do tempo e herbarium, produtos do estudo para reconhecer o Espaço Verde Chico Mendes como patrimônio da cidade. A mostra ficou em cartaz de 15 de setembro a 15 de novembro.



ARTEFATOS INDÍGENAS

MUSEU
HISTÓRICO

set-2015
a
jan-2016

Esta mostra, produzida com artefatos indígenas do Museu Municipal, fez parte das comemorações da 9ª Primavera dos Museus (de 21 a 26 de setembro), promovida pelo Ibram (Instituto Brasileiro de Museus), que, neste ano, abordou o tema *Museus e Memórias Indígenas*.





CERÂMICAS DE SÃO CAETANO

Esta exposição apresenta, desde o dia 6 de outubro, peças de cerâmica de algumas indústrias locais, desde as olarias do final do século 19 às cerâmicas modernas do século 20, pertencentes ao acervo do Museu Municipal. As olarias foram importantes geradoras de riqueza em São Caetano e marcaram o desenvolvimento econômico local. A mostra vai até 9 de janeiro de 2016.

MUSEU
HISTÓRICO

out-2015
a
jan-2016



EU VI UMA HISTÓRIA – ARTE E NARRATIVA POPULAR NO ACERVO DO SESC DE ARTE BRASILEIRA

Realizada em parceria entre o Sesc São Caetano e a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, por meio da Pinacoteca Municipal, a terceira edição da exposição *Eu vi uma história* chega à cidade, com obras de Mestre Molina, J. Borges e outros importantes artistas populares brasileiros. A curadoria de Marcela Tiboni e Valquíria Prates propõe ações de mediação em estações de criação nos espaços que integram a mostra, que começou em 8 de outubro e seguirá até 30 de janeiro de 2016.

PINACOTECA
MUNICIPAL

out-2015
a
jan-2016



IO ITÁLIA, SELF-PORTRAIT

Com trabalhos vindos diretamente da cidade de Fabriano (Itália), com o apoio da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e da Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel, esta mostra apresenta obras que utilizaram como suporte os melhores papéis artísticos do mundo de fabricação artesanal. Ao todo, são 47 artistas utilizando papéis fabricados na cidade de Fabriano, especialmente para climas tropicais. A exposição, que começou em 8 de outubro, seguirá até 30 de janeiro de 2016.

PINACOTECA
MUNICIPAL

out-2015
a
jan-2016

O DOM DE ODON

ESPAÇO
DO FORNO

nov-2015
a
jan-2016

Esta exposição reúne esculturas em barro do artista plástico goiano Odon Nogueira. Seu trabalho é inspirado nas superstições e crendices populares. Entre as obras, destaca-se um presépio. De 14 de novembro a 30 de janeiro de 2016.



MEMÓRIAS AFRICANAS: A PRESENÇA AFRICANA NA HISTÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

SALÃO
EXPOSITIVO
CHICO MENDES

nov-2015
a
jan-2016

Para celebrar o Dia da Consciência Negra (20 de novembro), a exposição traz aspectos históricos, culturais, sociais e religiosos das africanidades em São Caetano. Com documentos iconográficos do século 19, a exposição apresenta os registros da presença de escravos africanos da Ordem Beneditina na fazenda que hoje corresponde ao território de São Caetano. Também há registros iconográficos, documentais e da cultura material das práticas religiosas de matriz afro-brasileiras na cidade, como os terreiros históricos de candomblé e umbanda. A mostra vai de 17 de novembro a 31 de janeiro de 2016.



EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

SITE
DA FPM

jul-2015
a
dez-2015

As exposições virtuais temporárias visam ampliar e facilitar o acesso do público a histórias que recuperam a memória do município e evidenciam suas tradições e modos de vida. O projeto tem como objetivo funcionar como complemento para a divulgação do acervo da Fundação Pró-Memória. As mostras virtuais ficam no ar pelo período de um mês e sempre apresentam um texto de introdução e cerca de 20 imagens, de acordo com o tema proposto.

Em julho, como parte da celebração do aniversário de São Caetano do Sul, a Fundação Pró-Memória registrou as diversas modas que definiram o formato dos bigodes nos últimos tempos, com destaque aos imigrantes italianos. Ainda como parte dos festejos dos 138 anos da cidade, em agosto, foi realizada exposição com símbolos do município e importantes monumentos relacionados à história. Setembro foi o mês de comemoração dos 65 anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Sylvio Romero. Como sempre, a autonomia municipal ganhou destaque na instituição em outubro com a mostra *O povo disse sim!*. Para celebrar o Dia do Radialista (7 de novembro), foi realizada uma mostra virtual que retratou o período de chegada da Rádio Cacique, em São Caetano, no final da década de 1950 e início dos anos 1960. Em dezembro, a exposição celebra os 50 anos da EMEF Eda Mantoanelli.



PROJETOS E PARCERIAS

VISITAS DOS BONECOS DA HISTÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Os personagens do livro *A História de São Caetano do Sul*, escrito por Nereide Santa Rosa e ilustrado por Roberta Giotto, estão viajando pelas Escolas Municipais de Ensino Fundamental do município, cujos alunos do 3º ano foram contemplados com exemplares da publicação. O índio Itaussu, o bandeirante Capitão Machado, o beneditino Monge Gaspar, o escravo Kizua, a imigrante italiana Henriqueta, o migrante nordestino Zeferino, o autonomista Mario e o estudante Cacá passaram pelas EMEFs Senador Flaquer, Bartolomeu Bueno da Silva, Dom Benedito Paulo Alves de Souza, Profa. Eda Mantoanelli, Sylvio Romero, Prof. Rosalvito Cobra, Luiz Olinto Tortorello, Anacleto Campanella, Prof. Olyntho Voltarelli Filho, Leandro Klein, Padre Luiz Capra, Prof. Décio Machado Gaia, EME Profª Alcina Dantas Feijão, Angelo Raphael Pellegrino, 28 de Julho, Elvira Paolilo Braido, Oswaldo Samuel Massei, EME Prof. Vicente Bastos e Laura Lopes.

ITINERANTE

2015

ERA UMA VEZ UMA ESCOLA...

O resgate da trajetória da educação infantil municipal é feito por meio desta parceria entre a Fundação Pró-Memória e a Secretaria Municipal de Educação. O projeto tem como base as histórias das escolas municipais de ensino infantil (EMIs e EMEIs) de São Caetano do Sul, que são retratadas por meio de exposições fotográficas, que ficam permanentemente nas escolas, além de apresentação de vídeo com entrevistas de funcionários e exposição virtual no site da Pró-Memória. No segundo semestre de 2015, foram contempladas: EMI Marily Chinaglia Bonaparte, Creche Oswaldo Cruz, EMI Maria D'Agostini, EMI Thereza Coan Fiorotti e EMI Candinha Massei Fedato.

EMEI E
EMIago-2015
a
dez-2015

ARTE COMO APOIO TERAPÊUTICO

Neste segundo semestre de 2015, a Fundação Pró-Memória recebeu em sua sede grupos da Unidade da Saúde da Criança e do Adolescente e do Centro de Atenção Psicossocial como parte do projeto *Arte como Apoio Terapêutico*, desenvolvido pelo setor educativo da Pinacoteca Municipal, e coordenado pela arte-educadora Nair Duarte. As visitas ocorreram nos dias 30 de julho, e 5 e 19 de agosto.

PINACOTECA
MUNICIPALjul-2015
e
ago-2015

ENCONTRO COM A HISTÓRIA

SEDE
PRÓ-MEMÓRIA
ago-2015

A presença da matéria de história da cidade na grade escolar do 3º ano do ensino fundamental criou um desafio para as escolas e seus professores, devido à carência de materiais didáticos e de referência sobre o tema. Muitos professores desconhecem a história regional e não sabem onde podem encontrar essas informações. Da mesma forma, muitas famílias residem há pouco tempo em São Caetano, não possuindo essas referências em sua história familiar. Assim sendo, a Fundação Pró-Memória criou este projeto a fim de, principalmente, enriquecer os conteúdos disponíveis para alunos e professores, dar suporte aos docentes para o desenvolvimento de atividades dentro e fora de sala de aula e ampliar o atendimento da instituição ao público escolar. A visita ocorreu no dia 14 de agosto.



VISITA À EMEF ÂNGELO RAPHAEL PELLEGRINO

EMEF
set-2015

No dia 18 de setembro, a presidente da Fundação Pró-Memória, Sonia Xavier, visitou a EMEF Ângelo Raphael Pellegrino para conhecer o trabalho desenvolvido pelos alunos do 3º ano de ensino fundamental a partir do livro *A História de São Caetano do Sul*, publicado pela instituição em maio deste ano, e que conta, de forma lúdica, a história do município. Todos os 1.352 alunos do 3º ano de ensino fundamental da rede municipal receberam um exemplar. No caso do Pellegrino, a escola fez a leitura e debate da história em sala de aula, e pediu para que os alunos montassem maquete referente a um dos personagens em casa, o que também acabou integrando a família dos estudantes. Cartazes com fotos de visitas dos alunos a locais históricos de São Caetano, como o forno da Cerâmica São Caetano, no Bairro Cerâmica, e a Igreja São Caetano, no Bairro da Fundação, também foram expostos.



ENCONTROS/PALESTRAS/OFCINAS

ENCONTRO COM AS ARTISTAS BETE BOVO E ELISETE AMBAR

PINACOTECA
MUNICIPAL
jul-2015

Nesse encontro, realizado em 18 de julho, as artistas Bete Bovo e Elisete Ambar, que expuseram trabalhos na mostra *Atelier: Memória e Imaginário*, que ficou em cartaz na Pinacoteca Municipal, falaram sobre suas obras e processo criativo.





CONVERSA COM O CARTUNISTA MARIO MASTROTTI: 40 ANOS DA TIRINHA DO CUBINHO

Em 12 de setembro, o cartunista Mario Mastrotti veio à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul para falar sobre o simpático personagem Cubinho, tirinha que completou 40 anos de publicação em 2015.

CASA
DE VIDRO
set-2015



RETRATO FALADO: PROGRAMAÇÃO PARALELA DA EXPOSIÇÃO ID: RETRATOS CONTEMPORÂNEOS

Intitulada *Retrato falado*, a programação paralela da exposição *ID: Retratos Contemporâneos*, que ficou em cartaz na Pinacoteca Municipal, foi composta por exposição, palestras e oficinas. No caso das palestras (realizadas nos dias 5, 12, 19 e 26 de agosto, e no dia 16 de setembro), os temas abordados foram: ID: Retratos Contemporâneos – Falando de si, falando do outro; A luz. Histórico - A câmara e seus controles; Para além do Moderno - A acumulação como valor, Digital – Instagram e ID: Retrato Falado – Conversas sobre Fotografia. A questão do retrato fotográfico: linguagens e acumulação como valor. Já as oficinas (realizadas nos dias 8, 15, 22 e 29 de agosto), tiveram como foco Laboratório fotográfico químico - Criação e ampliação, sendo os encontros coordenados por Antonio Reginaldo Canhoni, Elly Rozo Ferrari e Neusa Schilaro Scaléa. A exposição *Retrato falado* trouxe ampliações de fotos produzidas por Mário de Andrade, reproduções de imagens dos coordenadores dos encontros, fotografias postadas por internautas no Instagram e o material produzido ao longo das oficinas. No dia 23 de setembro, um grupo realizou visita pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, guiada pela responsável do setor educativo da instituição, Elly Rozo Ferrari.

PINACOTECA
MUNICIPAL
ago-2015
e
set-2015

PALESTRAS SOBRE ARTE

PINACOTECA
MUNICIPAL

jul-2015
a
dez-2015

No segundo semestre de 2015, a Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Municipal, promoveu diversas palestras sobre arte, ministradas por Mariana Zenaro. De agosto a dezembro, foram realizados os encontros *Mário de Andrade e a crítica de Arte Moderna no Brasil*; *Antiguidade - Os primórdios etruscos*; *Roma (República, Império e Era Cristã)*; *A Renascença - Trecento, Quatrocento e Quinquecento*; *O Maneirismo, Barroco e Rococó na Itália: poéticas do anticlássico e Entre a Tradição e a Ruptura na Arte Italiana: do Neoclassicismo ao Novecento Italiano e a Vanguarda Futurista*.



VISITAS

SEDE
PRÓ-MEMÓRIA

ago-2015

No dia 12 de agosto, o artista plástico Rafael Murió visitou a Fundação Pró-Memória. Murió foi recepcionado pela presidente da instituição, Sonia Xavier, pela coordenadora da Pinacoteca Municipal, Neusa Schilaro Scaléa, e pela historiadora Talita Scotá Salvatori, que produziu reportagem sobre a trajetória do artista para a edição 51 da revista *Raízes*, lançada em julho deste ano. Após conhecer o Centro de Documentação Histórica e demais setores administrativos, o artista foi levado à Pinacoteca Municipal, ao Ateliê Pedagógico, à Reserva Técnica da Pinacoteca e ao Espaço Cultural - Casa de Vidro. De descendência italiana, Nelson Rafael Muro (seu verdadeiro nome) nasceu em 1954, na cidade de São Caetano do Sul. É formado em publicidade e propaganda pela Universidade Metodista de São Paulo e, desde os 9 anos de idade, mantém forte ligação com o mundo das artes.



SEDE
PRÓ-MEMÓRIA

out-2015

Já no dia 2 de outubro, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul recebeu a visita da restauradora Beatriz Vidal Leite Ribeiro. Responsável pela manutenção e conservação do acervo de Mestre Molina, do Sesc, visitou as instalações da Pinacoteca Municipal, em especial o Ateliê Pedagógico, para dar orientações aos monitores que iriam trabalhar na mostra *Eu vi uma história - Arte e Narrativa Popular no Acervo do Sesc de Arte Brasileira*, em cartaz na Pinacoteca Municipal. A exposição conta com três geringonças de Molina, que recebem atenção especial da profissional.





Também em outubro, no dia 4, a Fundação Pró-Memória recebeu a visita dos artistas plásticos Caciporé Torres e Claudio Tozzi, que discutiram projetos futuros com a instituição. Eles foram recepcionados pela presidente da Pró-Memória, Sonia Xavier, pela coordenadora da Pinacoteca Municipal, Neusa S. Scaléa, pela arte-educadora Fabiana Cavalcante e pelo designer gráfico Auderi Martins.

SEDE
PRÓ-MEMÓRIA
out-2015



No dia 6 de outubro, a Fundação Pró-Memória recebeu a visita do jornalista e memorialista Ademir Medici, e do historiador de arte Dalton Sala, que foram recebidos pela presidente da instituição, Sonia Xavier, e por integrantes de sua equipe. Na pauta, a produção de imagens sacras na Fazenda São Caetano, dos monges beneditinos.

SEDE
PRÓ-MEMÓRIA
out-2015



No dia 4 de novembro, foi a vez da Pró-Memória receber a visita do superintendente técnico social do Sesc (Serviço Social do Comércio), Joel Naimayer Padula, da gerente da unidade de São Caetano, Denise Lacroix, e da responsável pela programação, Satie Marina Watanabe. A visita teve início no Espaço Cultural - Casa de Vidro, onde Padula conversou com monitoras do Sesc. Em seguida, o grupo foi conduzido à Pinacoteca Municipal, que abriga a exposição *Eu vi uma história – Arte e Narrativa Popular no Acervo do Sesc de Arte Brasileira*, parceria do Sesc São Caetano com a Pró-Memória. “Educação e cultura têm que andar juntas, é a base do desenvolvimento de um povo, é o futuro”, afirmou Padula na ocasião.

SEDE
PRÓ-MEMÓRIA
nov-2015

13º CONGRESSO DE HISTÓRIA

RIBEIRÃO
PIRES
set-2015

No dia 24 de setembro, as jornalistas Marília Tiveron e Paula Fiorotti, e a historiadora Cristina Toledo de Carvalho participaram como palestrantes do 13º Congresso de História, realizado, neste ano, em Ribeirão Pires. Paula e Cristina integraram a mesa *Historiografia do Grande ABC*, que homenageou o historiador Wanderley dos Santos. Já Marília, participou da mesa *Memória 2.0: Internet, redes sociais e memória regional*. Esta edição do congresso teve como tema *História, Diversidade e Identidade: O que nos Une?*.



CELEBRAÇÃO NATALINA

SEDE
PRÓ-MEMÓRIA
nov-2015

No dia 16 de novembro, a Fundação Pró-Memória entregou para a cidade de São Caetano uma grandiosa árvore de Natal, confeccionada por funcionários da instituição, e produzida com material reciclável. A árvore foi montada em frente ao prédio da Fundação Pró-Memória, na esquina das avenidas Goiás e Dr. Augusto de Toledo. Além de tirar fotos em frente à árvore, aqueles que se animarem também podem colocar seus rostos em uma estrutura montada ao lado, com as figuras do Papai e da Mamãe Noel. Para a sua produção, foram utilizadas mais de 5 mil garrafas pet, que foram distribuídas em uma estrutura de arame e envoltas com luzinhas, o que atrai a atenção de todos que transitam pelo local. O projeto contou com a direção da arte-educadora Nair Duarte e com a colaboração dos membros dos projetos *Experiência em Ação* e *Frente de Trabalho* (Angelita Theodoro, Brigida Guigner Ponso, Cilene Conceição Van-cetto, Elza Voros, Emília de Freitas, Ermelinda Jovita Morelli Helena, Inez Ar-leth Sardi Cruz, Jurema Fiorelli Fernandes, Maria Aparecida Teixeira Paes, Rita da Silva e Andreia Nóbrega Gellis).







Fachada do Hospital Infantil e Maternidade Márcia Braidó, inaugurado em 1973. Ao fundo, acima, uma parte do prédio (com detalhes em azul) do Hospital Maria Braidó, em funcionamento desde 2004. Os dois equipamentos integram o Complexo Municipal Hospitalar

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Sede Administrativa
Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255 | Bairro Santa Paula
09541-520 - São Caetano do Sul - SP
Telefone/Fax: (11) 4223-4780
Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h



Pinacoteca Municipal

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255 | Bairro Santa Paula
09541-520 - São Caetano do Sul - SP
Telefone: 4223-4780
Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h,
e sábado, das 9h às 13h



Centro de Documentação Histórica

Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255 | Bairro Santa Paula
09541-520 - São Caetano do Sul - SP
Telefone: 4223-4780
Funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h



Museu Histórico Municipal

Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122 | Bairro da Fundação
09520-510 - São Caetano do Sul - SP
Telefone: 4229-1988
Funcionamento: de segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h, e sábado, das 9h às 13h



Salão Expositivo – Espaço Verde Chico Mendes

Avenida Fernando Simonsen, nº 566 | Bairro São José
09540-230 - São Caetano do Sul - SP
Funcionamento: de terça a sábado, das 8h às 17h,
e domingo, das 9h às 16h



Espaço Cultural – Casa de Vidro

Praça do Professor (altura da Av. Goiás, 1.111)
Bairro Santa Paula
Funcionamento: de segunda a sexta, das 14h às 17h
(Possibilidade de agendamento em horários alternativos)



Espaço do Forno

Praça do Forno do Espaço Cerâmica | Bairro Cerâmica
(*acesso pela Rua Casemiro de Abreu*)
Funcionamento: de terça a sábado, das 14h às 17h
(Possibilidade de agendamento em horários alternativos)



FPM@FPM.ORG.BR

WWW.FPM.ORG.BR

WWW.FACEBOOK.COM/PROMEMORIA.CAETANO

PROMEMORIASAOCAETANO.BLOGSPOT.COM.BR



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO CAETANO DO SUL
PREFEITURA DA CIDADE



promemoria.caetano
WWW.FPM.ORG.BR



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO CAETANO DO SUL
PREFEITURA DA CIDADE